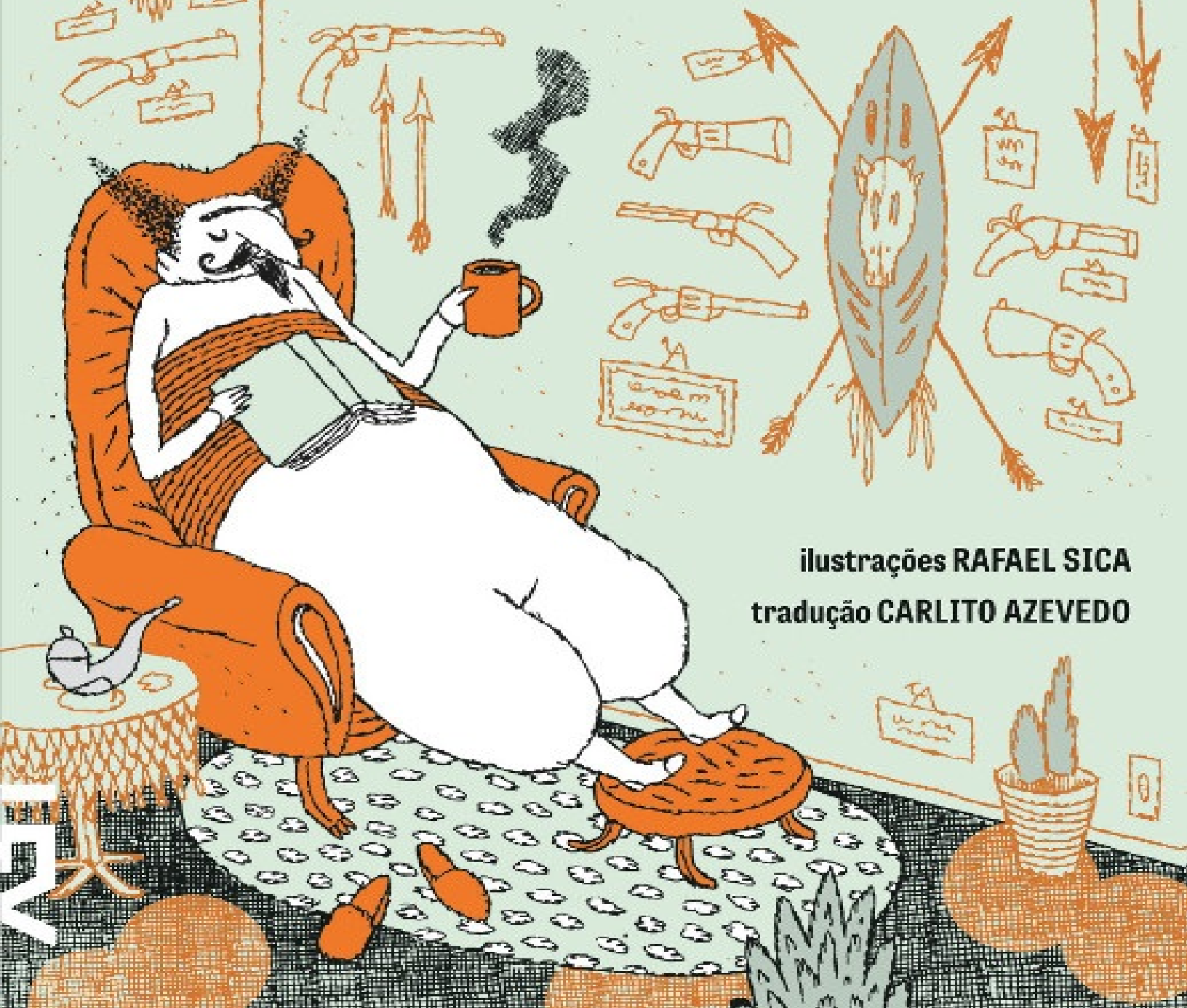


Tartarin de Tarascon

ALPHONSE DAUDET

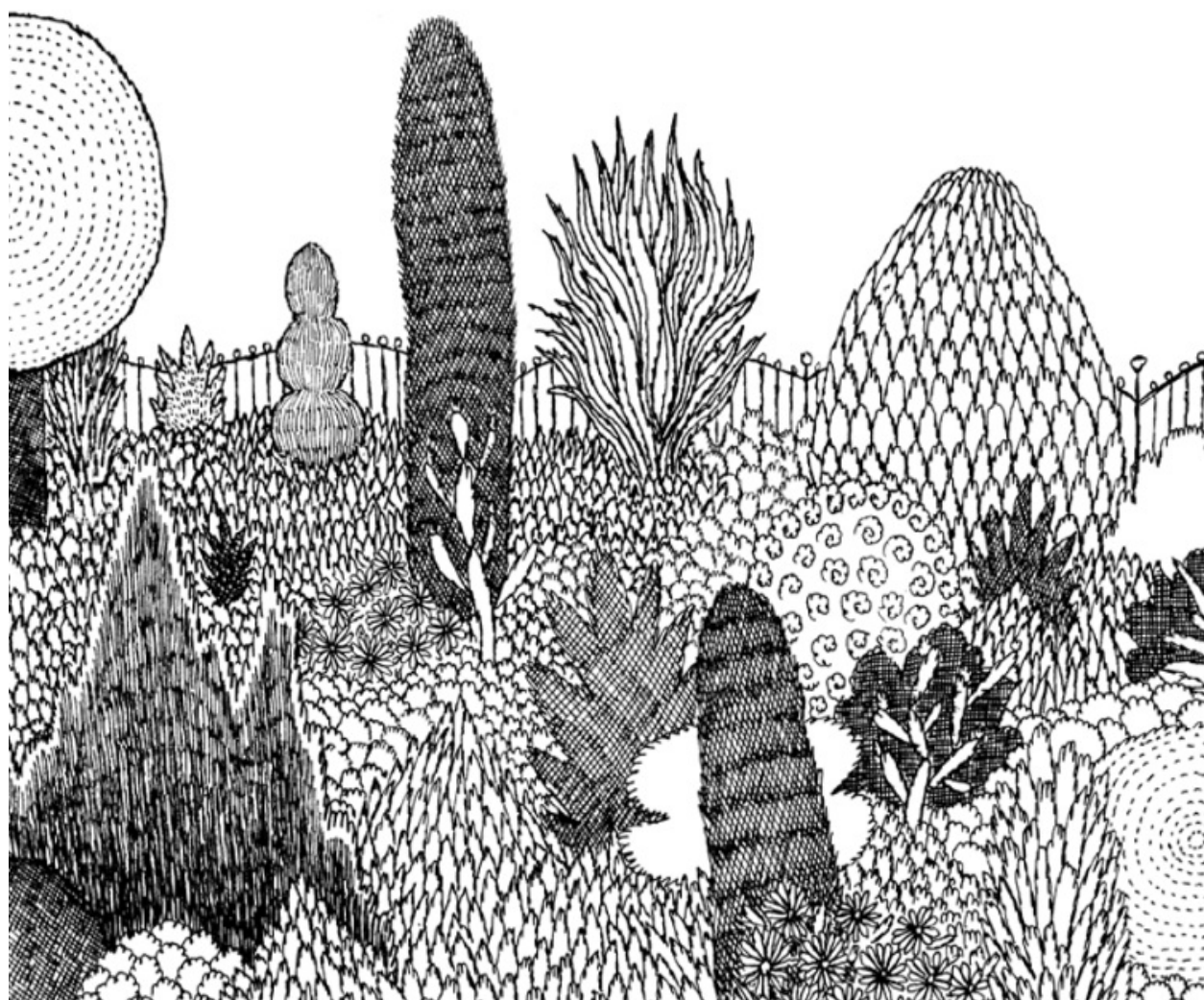


ilustrações RAFAEL SICA

tradução CARLITO AZEVEDO

COSACNAIFY

ilustrações RAFAEL SICA tradução CARLITO AZEVEDO



Tartarin de Tarascon

ALPHONSE DAUDET



**Na França, todo mundo é
um pouco tarasconês.**

**A meu amigo Gonzague
Privat**

PRIMEIRO EPISÓDIO

Em Tarascon

1. O jardim do baobá

Minha primeira visita a Tartarin de Tarascon ficou marcada em minha vida como uma data inesquecível; isso foi há doze ou quinze anos, mas me lembro como se fosse ontem. O intrépido Tartarin morava então à entrada da cidade, na terceira casa do lado esquerdo, no caminho para Avignon. Era uma bela casinha de campo tarasconesa, com jardim na frente, varanda nos fundos, paredes muito brancas, persianas verdes e um bando de pequenos engraxates na soleira, brincando de amarelinha ou dormindo ao sol, a cabeça recostada em suas caixas de engraxar.

De fora, não se dava nada pela casa.

Jamais se pensaria estar diante da casa de um herói. Mas, quando nela se penetrava... Deus do céu!

Da adega ao sótão, todo o prédio tinha o ar heroico, até o jardim!...

O jardim de Tartarin não tinha equivalente na Europa. Todas as árvores eram estrangeiras, nem uma flor sequer provinha da França; apenas plantas exóticas, gumíferas, cabaceiras, algodoeiros, coqueiros, mangueiras, bananeiras, palmeiras, um baobá, nopais, cactos, figueiras-da-índia, era possível acreditar que estivéssemos em plena África Central, a dez mil léguas de Tarascon. Nada disso, é bom que se esclareça, tinha ali o tamanho natural. Os coqueiros, por exemplo, eram do tamanho de uma beterraba, e o baobá (árvore gigante, *arbores gigantea*) cabia perfeitamente num vaso de reseda; mas tanto fazia! Para Tarascon já era bem bonito, e as pessoas da cidade, às quais, aos domingos, era concedida a honra de contemplar o baobá de Tartarin, voltavam dali cheias de admiração.

Imaginem a emoção que experimentei naquele dia ao atravessar esse jardim magnífico!... E o impacto ainda maior quando me introduziram no escritório do herói.

Esse escritório. uma das curiosidades da cidade. ficava no fundo do jardim.

...
dando para o baobá por uma porta de vidro.

Imaginem um grande salão forrado de espingardas e sabres de cima a baixo; todas as armas de todas as regiões do mundo: carabinas, rifles, bacamartes, facas da Córsega, facas catalãs, punhais, cris malaios, flechas caraíbas, flechas de sílex, socos-ingleses, cassetetes, clavas hotentotes, laços mexicanos, sei lá o que mais!

Acima de tudo isso, um sol escaldante fazia reluzir o aço dos gládios e a coronha das armas de fogo, como que para nos causar ainda mais arrepios... O que, contudo, nos tranquilizava um pouco era o clima de ordem e limpeza que reinava sobre toda essa parafernália. Tudo ali se encontrava ordenado, cuidado, escovado, etiquetado como numa farmácia; de vez em quando topávamos com alguma pequena inscrição meio gasta, onde se lia:

Flechas envenenadas, não tocar!

Ou:

Cuidado, armas carregadas!

Sem essas inscrições, eu jamais teria ousado entrar.

No centro do escritório havia uma mesa. Sobre ela, uma garrafa de rum, uma bolsa de tabaco turco, as *Viagens* do capitão Cook, os romances de Cooper, de Gustave Aimard,^[1] narrativas de caça: caça ao urso, caça ao falcão, caça ao elefante *etc.* Por fim, diante da mesa estava sentado um homem entre os quarenta e os quarenta e cinco anos, pequeno, gordo, atarracado, corado, em mangas de camisa, com ceroulas de flanela, a barba cerrada, curta, e olhos faiscantes. Numa das mãos tinha um livro, na outra, um enorme cachimbo de tampa de ferro que ele brandia, e enquanto lia não sei que formidável história de caçadores de escalpo, fazia uma careta terrível, avançando o lábio inferior, que dava ao seu rosto simples de tarasconês, dos que vivem de rendas, o mesmo ar de ferocidade bonachona que reinava em toda a casa.

Esse homem era Tartarin, Tartarin de Tarascon, o intrépido, o grande, o incomparável Tartarin de Tarascon.

2. Vista geral sobre a boa cidade de Tarascon. Os caçadores de boinas

No tempo a que me refiro, Tartarin de Tarascon não era ainda o Tartarin de hoje, o grande Tartarin de Tarascon, tão popular em todo o Sul da França. E no entanto – mesmo nessa época – já era o rei de Tarascon.

Vejamos de onde lhe vinha essa majestade.

Saibam em primeiro lugar que nessa região todo mundo é caçador, do maior ao menor. A caça é a paixão dos tarasconeses, e isso desde os tempos mitológicos, quando a Tarasca^[2] aprontava mil diabruras nos pântanos da cidade e os tarasconeses de então organizavam batidas na tentativa de vencê-la. Não é de hoje a coisa, como se vê.

Desse modo, todos os domingos de manhã, Tarascon pega as armas e cruza os muros da cidade, embornal nas costas, espingarda no ombro, acompanhada por todo um fragor de cães, furões, trompas de caça. É um espetáculo... O chato é que... não há caça, não há absolutamente caça alguma.

Por mais tolos que sejam os animais, era de se imaginar que ao longo do tempo eles acabassem criando certa desconfiança.

Nas cinco léguas em torno de Tarascon todas as tocas estão vazias e os ninhos, abandonados. Nem um melro, nem uma codorniz, nem o menor láparo, nem o mais ínfimo coelho.

E no entanto são uma tentação essas lindas colinas tarasconesas, todas cheirando a murta, a lavanda, a alecrim; e esses belos cachos de uvas moscatel inchadas de açúcar que pendem espaçados à beira do Ródano são também diabolicamente apetitosos... Sim, mas Tarascon está logo ali atrás e, no pequeno universo do pelo e da pena, é muito malvista. Até as aves migratórias marcaram-na com um grande X em seus mapas de viagem e, quando os patos selvagens que descem para a Camargue^[3] em amplos triângulos percebem ao longe os

campanários da cidade, o que vai à frente põe-se a berrar bem forte: “Eis Tarascon!... Eis Tarascon!”, e todo o bando desvia dali.

Resumindo, no que se refere à caça, resta apenas em toda a região uma lebre velha e matreira que, talvez por milagre, escapou aos ataques tarasconeses e teima em viver por ali! Em Tarascon, essa lebre acabou por tornar-se bem conhecida. Até lhe deram um nome. Chama-se *Veloz*. Sabe-se que sua toca fica nas terras do senhor Bompard – o que, aliás, abramos parênteses, duplicou e até triplicou o preço dessas terras –, mas ninguém ainda lhe pôs as mãos.

Neste momento, há só dois ou três raivosos obstinados em seu encalço.

Os outros se resignaram, e *Veloz* há tempos entrou para a categoria de superstição local, apesar de o tarasconês ser bem pouco supersticioso e comer andorinhas guisadas quando encontra alguma.

– Ora bolas! – vão dizer. – Já que a caça é tão rara em Tarascon, o que os caçadores tarasconeses fazem todos os domingos?

O que fazem?

Valha-me Deus! Eles rumam para a campina, a duas ou três léguas da cidade. Juntam-se em pequenos grupos de cinco ou seis, deitam-se à sombra de um poço, de um velho muro, de uma oliveira, tiram da bolsa um bom pedaço de carne assada, cebolas cruas, um salsichão, algumas enchovas, e dão início a um almoço infundável, regado a um desses bons vinhos do Ródano que fazem rir e cantar.

Depois disso, quando já estão bem forrados, levantam-se, chamam seus cães com assovios, carregam as espingardas e começam a caçada. O que significa que cada um desses senhores toma sua boina, lança-a ao ar com toda a força e dispara sobre a mesma no voo depois de contar até cinco, seis ou dois – conforme o combinado.

Aquele que atinge mais vezes sua boina é proclamado o rei da caça e, à tardinha, retorna em triunfo a Tarascon, com a boina crivada pendurada no cano da espingarda, em meio a latidos e fanfarras.

Nem é preciso dizer que na cidade é grande o comércio de boinas de caça. Há até chapeleiros que vendem boinas já perfuradas e rasgadas para uso dos mais desajeitados; mas só se tem notícia de um comprador: Bézuquet, o farmacêutico. É desonroso!

Como caçador de boinas, Tartarin de Tarascon não conhecia adversário. Todos os domingos de manhã partia ele com uma nova boina: todos os

domingos à tardinha retornava com um trapo. Na pequena casa do baobá, o sótão estava lotado desses gloriosos troféus. Todos os tarasconeses o reconheciam como seu chefe, e, como Tartarin sabia tudo sobre o código do caçador, tendo lido todos os tratados, todos os manuais de todas as caças possíveis, da caça à boina à caça ao tigre da Birmânia, esses senhores elegeram-no seu grande juiz cinegético e tomavam-no por árbitro em todas as suas questões.

Todos os dias, das três às quatro, na loja do armeiro Costecalde, via-se um homem bem gordo, sério, de cachimbo na boca, sentado numa cadeira de couro verde, rodeado de caçadores de boinas, todos de pé, querelando. Era Tartarin de Tarascon fazendo justiça, Nemrod e Salomão num só homem.^[4]



3. Nan! Nan! Nan! Continuação da vista geral sobre a boa cidade de Tarascon

À paixão pela caça, a forte raça tarasconesa soma outra paixão: a das cantigas. O que se consome de cantigas nessa terra tão pequena é qualquer coisa de inacreditável. Todas as velharias sentimentais que amarelam nas mais velhas pastas gozam em Tarascon de plena juventude, pleno esplendor. Todas se encontram por lá, todas. Cada família tem a sua, e toda a cidade a conhece. Sabe-se, por exemplo, que a do farmacêutico Bézuquet é: *Tu, alva estrela que eu adoro!*

A do armeiro Costecalde: *Queres vir ao país das cabanas?*

A do tabelião: *Se eu fosse invisível, ninguém me veria.*

(Cançoneta cômica)

E assim sucessivamente por toda Tarascon. Duas ou três vezes por semana, os tarasconeses se reúnem uns nas casas dos outros para cantá-las. O que é singular aqui é que são sempre as mesmas e que, mesmo depois de tanto tempo cantando-as, esses bravos jamais tenham tido vontade de mudar. Nas famílias, esse legado passa de pai para filho e ninguém intervém; é sagrado. Nunca houve sequer um caso de troca. Jamais os Costecalde pensariam em cantar a dos Bézuquet, nem os Bézuquet cantar a dos Costecalde. E no entanto imaginem como eles deviam estar fartos de conhecê-las por seguirem cantando-as uns aos outros há quarenta anos. Mas não! Cada um preserva a sua e todos ficam contentes.

Em se tratando de cantigas ou de boinas, o primeiro da cidade era o mesmo Tartarin. Sua superioridade sobre seus concidadãos consistia no seguinte:

Tartarin não tinha a sua. Ele tinha todas.

Todas!

O inferno era convencê-lo a cantá-las. Avesso desde cedo aos sucessos de salão, o herói tarasconês apreciava bem mais mergulhar em seus livros de caça ou passar a noite no grêmio do que entregar-se a faceirice diante de um piano de Nîmes, entre duas velas de Tarascon. Essas noitadas musicais não pareciam à altura dele. Às vezes, porém, quando havia música na farmácia de Bézuquet, Tartarin ia se chegando, como que por acaso, e, após ser convidado insistentemente, consentia em cantar o grande duo de *Robert Le Diable*^[5] com a mãe de Bézuquet... Quem não ouviu isso, jamais ouviu coisa alguma... De minha parte, mesmo que vivesse cem anos, toda a minha vida eu veria o grande Tartarin aproximar-se do piano com passo solene, encostar-se a ele, fazer um muxoxo e, sob o reflexo verde dos frascos de remédio, tentar emprestar a seu rosto bonachão a expressão satânica e terrível de Robert Le Diable. Nem bem ele assumia sua posição, de imediato a sala toda estremecia; dava para sentir que algo grandioso ia se passar ali... Então, depois de um silêncio, a mãe de Bézuquet começava, acompanhando-se: *Robert, que és meu bem,*

Tu tens meu juramento,

Este é meu sentimento: (bis)

Perdão que te perdoa

Perdoa a mim também!

E, bem baixinho, acrescentava: “Sua vez, Tartarin”, e Tartarin de Tarascon, braço estendido, punho cerrado, narina fremente, repetia três vezes, com voz formidável que reverberava como um trovão nas entranhas do piano: “Não!... não!... não!...”. O que ele, como bom meridional que era, pronunciava: “Nan!... nan!... nan!...”. Pegando daí, a senhora Bézuquet retomava uma vez mais:

Perdão que te perdoa

Perdoa a mim também!

“Nan!... nan!... nan!...”, uivava Tartarin com mais força, e a coisa ficava por aí... Não era longo, como veem: mas era tão bem executado, tão bem representado, tão diabólico, que um arrepio de terror corria toda a farmácia, e até lhe pediam que repetisse os “Nan!... nan!...” quatro ou cinco vezes seguidas.

Nesse ponto, Tartarin enxugava a testa, sorria para as senhoras, piscava para os homens e, retirando-se triunfalmente, ia ao grêmio comentar com ar um nadinha negligente: “Acabo de chegar dos Bézuquet, onde cantei o dueto de *Robert Le Diable!*”.

E o melhor de tudo era que ele acreditava nisso!...

4. Eles!!!

A esses diferentes talentos Tartarin de Tarascon devia sua elevada condição na cidade.

De resto, era coisa incontestável que aquele diabo de homem soubera conquistar a todos.

Em Tarascon, o exército se punha ao lado de Tartarin. O bravo comandante Bravida, capitão aposentado, dizia dele: “O homem é corajoso!”, e todos podem imaginar o quanto ele entendia do assunto, depois de anos lidando com valentões.

A magistratura se punha ao lado de Tartarin. Duas ou três vezes, em pleno tribunal, o velho presidente Ladevèze chegou a dizer a respeito dele:

– O homem tem caráter!...

Enfim, o povo se punha ao lado de Tartarin. Sua envergadura, seu modo de andar, seu jeito, um jeito de bom cavalo de corrida que não teme o estouro, essa reputação de herói que lhe vinha não se sabe de onde, algumas ofertas de uns bons tostões e uns bons cascudos nos pequenos engraxates instalados em sua porta fizeram dele o lorde Seymour do lugar, o rei de Halles tarasconês.^[6] No cais, pelas tardes de domingo, quando Tartarin retornava da caça, boina à boca do cano, bem ajeitado em seu casaco de fustão, os carregadores do Ródano inclinavam-se cheios de respeito e, apontando com o rabo do olho os bíceps gigantescos que abundavam naqueles braços, eles, admirados, diziam uns aos outros bem baixinho:

– Aquele ali é que é forte!... Tem músculos *em dobro!*

Músculos em dobro!

Só mesmo em Tarascon se ouvem coisas assim!

E, no entanto, apesar de tudo, de seus inúmeros talentos, de seus músculos em dobro, da admiração popular e da estima tão preciosa do bravo comandante Bravida, capitão aposentado, Tartarin não era feliz: essa vida de cidade pequena

pesava-lhe e o oprimia. O grande homem de Tarascon entediava-se em Tarascon. O que ocorre é que para uma natureza heroica como a dele, para uma alma aventureira e louca que clamava apenas por batalhas, marchas pelos pampas, grandes caçadas, areias do deserto, furacões e tufões, participar, nas manhãs de domingo, de um ataque às boinas e o resto do tempo bancar o juiz na loja do armeiro Costecalde não era lá muito satisfatório... Pobre adorado querido grande homem! Com o passar dos anos ia acabar se consumindo até a morte.

Em vão, para ampliar seus horizontes, para esquecer um pouco o grêmio e a praça do mercado, cercava-se de baobás e outras vegetações africanas; em vão acumulava armas sobre armas, cris malaio sobre cris malaio; em vão se entupia de leituras romanescas, buscando, qual o imortal Dom Quixote, arrancar-se pelo vigor dos sonhos às garras da impiedosa realidade... Ai dele! Tudo o que empreendia para saciar sua sede de aventuras só sabia aumentá-la. A visão de todas essas armas mantinha-o num estado permanente de cólera e excitação. Seus rifles, suas flechas, seus laços gritavam-lhe: “Batalha! Batalha!”. Nas ramagens de seu baobá, o vento soprava sussurrando maus conselhos. Para completar o estrago, Gustave Aimard e Fenimore Cooper...

Oh, nas opressoras tardes de verão, quando lia sozinho entre seus gládios, quantas vezes Tartarin se levantou com um rugido; quantas vezes deitou fora o livro e se precipitou sobre a parede para retirar dali uma panóplia!

O coitado esquecia-se de que estava em sua casa, em Tarascon, de ceroulas e com um lenço na cabeça, e colocava em prática suas leituras. Exaltado com o som da própria voz, gritava, brandindo um machado ou um *tomahawk*:

– Eles que venham agora!

Eles? Eles quem?

O próprio Tartarin não sabia bem... *Eles* era tudo o que ataca, tudo o que combate, tudo o que morde, tudo o que rasga, tudo o que escalpela, tudo o que uiva, tudo o que ruge... *Eles* era o índio Sioux^[7] dançando em torno da estaca de guerra a que está preso o branco desgraçado.

Era o urso cinza das Montanhas Rochosas que se sacode e se lambe com uma língua banhada em sangue. Era o tuaregue^[8] do deserto, o pirata malaio, o bandido de Abruzzo...^[9] *Eles*, enfim, eram *eles*!... – ou seja, a guerra, as viagens, a aventura, a glória.

Mas, ai dele!, o intrépido tarasconês podia em vão convocá-los, desafiá-los...

eles não viriam jamais... Com os diabos! O que é que *eles* viriam fazer em Tarascon?

Tartarin porém continuava esperando por *eles* – sobretudo à noite, quando se dirigia para o grêmio.

5. Quando Tartarin ia ao grêmio

O Cavaleiro do Templo disposto a avançar contra o infiel que o ronda, o *tigre* chinês preparando-se para a batalha, o guerreiro comanche penetrando a vereda da guerra, tudo isso não é nada comparado a Tartarin de Tarascon armando-se dos pés à cabeça para ir ao grêmio às nove da noite, uma hora depois do toque de recolher.

Ao combate!, como dizem os marinheiros.

Na mão esquerda, Tartarin levava um soco-ínglês com pontas de ferro, na mão direita uma bengala de estoque; no bolso esquerdo, um porrete; no bolso direito, um revólver. Junto ao peito, dissimulado entre duas peças de roupa, um cris malaio. Mas note-se que jamais levava consigo flechas envenenadas, armas muito desleais!...

Antes de partir, no silêncio e na penumbra de seu escritório, exercitava-se por alguns momentos, simulava estar esgrimindo, atacava a parede, aquecia os músculos; a seguir, apanhava sua chave mestra e atravessava o jardim, com seriedade, sem pressa. “À inglesa, senhores, à inglesa! Eis a verdadeira coragem.” Tendo cruzado o jardim, abria a pesada porta de ferro. Abria-a brusca e violentamente, de modo a fazê-la bater, do lado de fora, contra o muro... Se *eles* houvessem se ocultado ali, imaginem que geleia!... Infelizmente, não estavam lá.

Aberta a porta, Tartarin saía, rapidamente lançava um olhar à esquerda e à direita, trancava energicamente a porta com duas voltas. Depois, avante.

Na estrada de Avignon, nem um gato. Portas fechadas, janelas às escuras. Tudo um breu. De longe em longe um lampião tremeluzia na cerração do Ródano.

Imponente e tranquilo, assim Tartarin de Tarascon seguia noite adentro, fazendo ressoar seus tacões com uma batida compassada, e arrancando do calcamento faíscas com a ponta de ferro de sua bengala... Avenidas. ruas largas

ou ruelas, o cuidado era sempre o mesmo, de seguir pelo meio da calçada, excelente medida preventiva que nos permite ver aproximar-se o perigo e sobretudo evitar o que, à noite, nas ruas de Tarascon, costuma cair das janelas. Vendo-o tão prudente, não se vá pensar, um pouco que seja, que Tartarin tivesse medo... Não, apenas era prevenido.

A maior prova de que Tartarin não tinha medo é que, em vez de seguir para o grêmio pelo passeio, seguia pelo centro da cidade, ou seja, pelo caminho mais longo, mais escuro, por um labirinto de feias ruelas, em cujo final se vê o Ródano luzir sinistramente. O pobre homem sempre torcia para que na curva de um desses lugares suspeitos *eles* saltassem de dentro da escuridão para cair-lhe em cima. Uma coisa eu garanto, *eles* teriam sido muito bem recebidos... Mas, ai dele!, por ironia do destino, jamais, em tempo algum, Tartarin de Tarascon teve a sorte de topar com algum perigo. Um cão que fosse, um bêbado. Nada!

Mas às vezes podia ocorrer algum alarme falso. Um rumor de passos, vozes abafadas... “Atenção!”, dizia Tartarin para si mesmo e permanecia imóvel no local, examinando a sombra, farejando o vento, colando o ouvido ao chão à maneira dos índios... Os passos se avizinhavam. As vozes podiam ser distinguidas. Com certeza eram *eles* que chegavam... Ali estavam *eles*. Olhar em brasa, peito arquejante, Tartarin enrijecia-se como um jaguar, preparando-se para saltar e exclamar seu grito de guerra... quando subitamente, de dentro do negrume, lhe chegavam simpáticas vozes tarasconesas que o chamavam, tranquilas:

– Ei! ei!... É Tartarin... Prazer em vê-lo, Tartarin!

Maldição! Era apenas o farmacêutico Bézuquet com sua família voltando para casa depois de cantar *a sua* na loja de Costecalde.

– Boa noite! Boa noite! – rosnava Tartarin, furioso com seu engano; e tenaz, bengala erguida, desaparecia no negrume da noite.

Ao chegar à rua do grêmio, o intrépido tarasconês adiaava ainda um pouco sua entrada vagueando diante da porta... Por fim, cansado de esperar por *eles* e convencido de que *eles* não se revelariam, lançava um último olhar de desafio à escuridão e murmurava, cheiro de cólera:

– Nada!... Nada!... Sempre nada!

Só então o valente Tartarin entrava para um joguinho de cartas com o comandante.

6. Os dois Tartarins

Com essa mania de aventuras, essa necessidade de fortes emoções, essa loucura de viagens, de excursões, por que raios Tartarin de Tarascon jamais saiu de Tarascon?

Pois isso é fato. Até a idade de quarenta e cinco anos, o intrépido tarasconês não dormira uma vez sequer longe de sua cidade. Não chegou nem a realizar a famigerada viagem a Marselha com que todo bom provençal se presenteia ao alcançar a maioridade. Mal e mal conhecia Beaucaire, e, contudo, Beaucaire não fica tão longe assim de Tarascon. Atravessa-se uma ponte e pronto. Infelizmente, essa desgraça de ponte foi tantas vezes arrastada por vendavais, é tão longa, tão frágil, e o Ródano é tão largo nesse ponto que, como dizer?... bem... vocês entendem... Tartarin de Tarascon preferia a terra firme.

O que neste ponto é preciso confessar é que duas naturezas bem diversas coexistiam no nosso herói. “Sinto dois homens em mim”, disse não sei qual dentre os padres da Igreja. Não mentiria se o dissesse de Tartarin, que carregava em si a alma de Dom Quixote, os mesmos ímpetos cavalheirescos, o mesmo ideal heroico, a mesma loucura do romanesco e do grandioso; mas infelizmente não possuía o corpo do célebre fidalgo, aquele corpo ossudo e magro, aquele pretexto de corpo, sobre o qual a vida material a custo brotava, capaz de passar vinte noites sem desafivelar sua couraça e quarenta e oito horas com um punhado de arroz... O corpo de Tartarin, muito ao contrário, era um colosso de corpo, muito gordo, muito pesado, muito sensual, muito delicado, muito flácido, cheio de apetites burgueses e de exigências domésticas, o corpo barrigudo e atarracado sobre duas pernas do imortal Sancho Pança.

Dom Quixote e Sancho Pança num só homem! Pode-se imaginar que mistura complicada os dois fariam! Que pelejas! Que dilacerações!... Que belo diálogo para um Luciano escrever, ou Saint-Évremond,^[10] seria o diálogo entre os dois

Tartarins, o Tartarin-Quixote e o Tartarin-Sancho! Tartarin-Quixote se exaltaria com as narrativas de Gustave Aimard e gritaria: “Partirei!”.

Tartarin-Sancho pensaria apenas no reumatismo e diria: “Fico”.

TARTARIN-QUIXOTE, *exaltadíssimo*:

Cobre-te de glória, Tartarin.

TARTARIN-SANCHO, *muito calmo*:

Tartarin, cobre-te de flanelas.

TARTARIN-QUIXOTE, *mais e mais exaltado*:

Oh, as espingardas de cano duplo! Oh, as adagas, os laços, os mocassins!

TARTARIN-SANCHO, *mais e mais sossegado*:

Oh, os bons coletes contra o frio! As queridas joelheiras bem quentinhas! Oh, as indispensáveis boinas com abas para proteger as orelhas!

TARTARIN-QUIXOTE, *fora de si*:

Um machado! Que me tragam um machado!

TARTARIN-SANCHO, *chamando a empregada*:

Jeannette, meu chocolate!

E a seguir surgia Jeannette com um formidável chocolate quente, delicioso pelo aroma e pela cor, acompanhado de suculentas torradas com anis, que provocavam a alegria de Tartarin-Sancho e abafavam os gritos de Tartarin-Quixote.

Eis por que Tartarin de Tarascon jamais pôs os pés fora de Tarascon.

7. Os europeus em Xangai. O alto comércio. Os tártaros. Tartarin de Tarascon seria um impostor? A miragem

Certa vez, contudo, Tartarin por muito pouco não partiu para uma grande viagem.

Os três irmãos Garcio-Camus, tarasconeses estabelecidos em Xangai, ofereceram-lhe a direção de um de seus comércios. Certamente esse era o modo de vida que melhor lhe cabia. Grandes negócios, todo um mundo de encarregados para comandar, relações com a Rússia, a Pérsia, a Turquia asiática, enfim, o Alto Comércio.

Na boca de Tartarin, a expressão Alto Comércio ganhava enorme amplitude!...

A firma Garcio-Camus ainda tinha a vantagem de receber, de tempos em tempos, a visita dos tártaros.^[11] Então, apressavam-se a fechar as portas. Todos os encarregados pegavam em armas, içava-se a bandeira consular, e pá! pá! pelas janelas sobre os tártaros.

Nem preciso dizer com que entusiasmo Tartarin-Quixote saltou ao ouvir essa proposta; infelizmente, Tartarin-Sancho não ouvia bem com aquele ouvido, e, como ele era o mais forte, o negócio não pôde se concretizar. Na cidade, comentou-se muito o ocorrido. Partirá? Não partirá? Apostamos que sim, apostamos que não. Foi um acontecimento... No fim das contas, Tartarin não partiu, mas toda essa história aumentou sua honra. Quase ter ido a Xangai ou ter ido a Xangai, para Tarascon, dava na mesma. À força de se comentar a viagem de Tartarin, acabou-se por estabelecer a crença de que ele já estava de volta, e à noite, no grêmio, todos os senhores lhe pediam informações sobre a vida em Xangai, os costumes, o clima, o ópio, o Alto Comércio.

Tartarin, muito bem informado, dava de bom grado os detalhes que lhe pediam, e com o passar do tempo, o bom sujeito já não estava muito seguro de

nao ter ido a Xangai; talvez seja por isso que, ao narrar pela centesima vez um ataque dos tártaros, tenha muito naturalmente chegado a dizer: “Então armei meus encarregados, icei o pavilhão consular, e pá! pá! pelas janelas sobre os tártaros”. E, ao ouvi-lo, todo o grêmio se arrepiava... – Mas então seu Tartarin não passava de um mentiroso abominável?

– Não! Mil vezes não! Tartarin não era um mentiroso...

– E contudo ele sabia muito bem que não havia pisado em Xangai!

– Bem, certamente que sim, ele o sabia, mas...

Mas ouçam bem isto. Já está na hora de nos entendermos de uma vez por todas quanto à reputação de mentirosos que os do Norte atribuem aos meridionais. Não há mentirosos no Sul, nem em Marselha, nem em Nîmes, nem em Toulouse, nem em Tarascon. O homem do Sul não mente; ele se engana. Não diz a verdade todo o tempo, mas acredita que sim... Suas mentiras não são bem mentiras, são uma espécie de miragem...

Sim, uma miragem!... E, para que melhor me compreendam, vão ao Sul e vocês verão com os próprios olhos. Verão esse diabo de região onde o sol a tudo transfigura e a tudo torna maior do que o normal. Verão essas colinazinhas provençais, não maiores que o pico de Montmartre e que no entanto parecerão gigantescas, verão a Casa Quadrada de Nîmes – uma joiazinha em exposição –, que parecerá tão grande quanto a Notre-Dame. Verão... Ah! o único mentiroso no Sul, se há algum, é o Sol... Tudo o que ele toca sai exagerado!... O que era Esparta em seu apogeu e esplendor? Uma aldeia... E Atenas? No máximo uma subprefeitura... E contudo, na história, elas nos surgem como grandes cidades. Eis o que o Sol lhes proporcionou...

É por acaso de espantar que, depois disso, o mesmo sol, descendo sobre Tarascon, tenha logrado fazer de um capitão aposentado como Bravida o destemido comandante Bravida, de um nabo um baobá, e de um homem que quase foi a Xangai um homem que lá esteve?

8. O circo Mitaine. Um leão do Atlas em Tarascon. Terrível e solene encontro

E agora que já mostramos Tartarin de Tarascon em sua privacidade, antes que a glória lhe beijasse a fronte e o coroasse com os louros seculares, agora que narramos essa vida heroica num meio modesto, suas alegrias, suas dores, seus sonhos, suas esperanças, apressemo-nos rumo às grandes páginas de sua história e ao acontecimento singular que o impulsionaria a esse incomparável destino.

Foi numa noite, na loja do armeiro Costecalde. Tartarin de Tarascon demonstrava a alguns amadores como se maneja uma espingarda, uma novidade então... Súbito, a porta se abre e um caçador de boinas precipita-se alarmado, aos berros: – Um leão!... Um leão! – Estupor geral, espanto, tumulto, balbúrdia. Tartarin cruza a baioneta, Costecalde corre para fechar a porta. Forma-se um círculo ao redor do caçador, que é assediado, interrogado, e eis o que se consegue arrancar do homem: o circo Mitaine, vindo da feira de Beaucaire, aceitara fazer uma parada de alguns dias em Tarascon e acabava de instalar-se na praça do Castelo com um mundo de jiboias, focas, crocodilos e um magnífico leão do Atlas.

Um leão do Atlas em Tarascon! Esquadrinhando bem a memória de qualquer vivente, não se encontraria nada parecido com isso por aquelas bandas. Era um espetáculo como nossos valentes caçadores se olhavam com altivez! Que brilho nos rostos viris e, em todos os cantos da loja de Costecalde, que bons apertos de mãos trocados em silêncio! A emoção era tão grande, tão imprevista, que ninguém tinha palavras.

Nem mesmo Tartarin. Pálido e trêmulo, empunhando ainda a espingarda, sonhava acordado diante do balcão... Um leão do Atlas, aqui, pertinho, a dois passos! Um leão! Nada menos do que o animal heroico e feroz por excelência, o rei dos animais, a caça de seus sonhos, algo como o protagonista dessa trupe

ideias que em sua imaginação representava dramas tão belos...

Um leão, raios o partam!

E do Atlas, o que é melhor!!! Era mais do que o grande Tartarin poderia suportar.

Subitamente, uma onda de sangue subiu-lhe à face.

Seus olhos flamejavam. Com um gesto convulsivo, lançou às costas sua espingarda e, voltando-se para o bravo comandante Bravida, capitão aposentado, disse-lhe com voz de trovão:

– Vamos lá ver isso, comandante.

– Bem... hã... sim... hã... Mas minha espingarda!... Note que a está levando, minha espingarda! – arriscou timidamente o prudente Costecalde; mas Tartarin já contornava a rua, e atrás dele seguiam todos os caçadores de boinas marcando o passo com orgulho.

Quando chegaram ao local onde eram exibidos os animais, já por ali circulava muita gente. Tarascon, raça heroica, mas privada havia tempos de espetáculos sensacionais, aglomerou-se na tenda Mitaine tomando-a de assalto. A gorda senhora Mitaine estava muito satisfeita... Trajando roupas de cabilda, com braços nus até o cotovelo, braceletes de ferro nos tornozelos e tendo um chicote numa das mãos e na outra um frango vivo mas bastante emplumado, a ilustre dama fazia as honras da casa aos tarasconeses, e, como ela também era provida de *músculos em dobro*, seu sucesso era quase tão grande quanto o de seus pensionistas.

A entrada de Tartarin, espingarda às costas, paralisou o lugar.

Todos os bravos tarasconeses que passeavam muito tranquilamente diante das janelas, sem armas, sem suspeita, sem fazer ideia do perigo, experimentaram uma sensação de temor muito natural ao ver o grande Tartarin entrar na tenda com seu formidável engenho de guerra. Havia então algo a temer, uma vez que ele, o herói... Num piscar de olhos, todos se afastaram da frente das jaulas. As crianças gritavam de medo, as mulheres olhavam para a porta. O farmacêutico Bézuquet esquivou-se, dizendo que estava indo procurar sua espingarda...

Pouco a pouco, entretanto, a atitude de Tartarin acalmou os ânimos. Sereno, cabeça erguida, o intrépido tarasconês deu lentamente uma volta na tenda, passou sem se deter em frente à banheira da foca, observou com olhar desdenhoso a comprida caixa de serragem em que a jiboia digerira seu frango cru e veio enfim postar-se diante da jaula do leão...

Terrível e solene encontro! O leão de Tarascon e o leão do Atlas frente a frente... De um lado, Tartarin, ereto, joelhos estendidos, os dois braços apoiados em seu rifle; de outro, o leão, um leão gigantesco, espojado sobre a palha, olhos piscando, meio parvo, com seu enorme focinho e a juba amarela apoiada sobre as patas dianteiras... Ambos calmos, estudando-se.

Cena singular! Seja porque a espingarda lhe aguçou o humor, seja por haver farejado um inimigo de sua raça, o leão, que até então observava os tarasconeses com ar de soberano desdém, bocejando bem diante do nariz deles, de repente fez um movimento de cólera. Primeiro fungou, rugiu surdamente, afastou as garras, esticou as patas; depois se ergueu, levantou a cabeça, sacudiu a juba, abriu uma goela imensa e lançou sobre Tartarin um rugido formidável. Um grito de terror lhe fez eco. Toda Tarascon, enlouquecida, precipitou-se para as portas. Todos, mulheres, crianças, carregadores, caçadores de boinas, até o bravo comandante Bravida... Apenas Tartarin permanecia imóvel... Ali estava ele, firme e resolute diante da jaula, com relâmpagos nos olhos e essa terrível careta que toda a cidade conhecia... Ao fim de um momento, quando os caçadores de boinas, um pouco tranquilizados por sua atitude e pela firmeza das grades, voltaram para junto de seu chefe, puderam ouvir o que murmurava, encarando o leão: – Isto sim é que é uma caça!

Naquele dia, Tartarin de Tarascon não disse mais nada...



9. Efeitos singulares da miragem

Naquele dia, Tartarin de Tarascon não disse mais nada; mas o infeliz já havia falado até demais...

No dia seguinte, o único assunto na cidade eram os rumores sobre a próxima partida de Tartarin para a Argélia, para caçar leões. Os caros leitores são todos testemunhas de que nosso herói não dissera uma palavra sobre isso; mas, sabem como é... a miragem...

Em resumo, toda Tarascon só falava nessa partida.

Na praça, no grêmio, na loja de Costecalde, as pessoas se perguntavam, preocupadas:

– Pois bem, já sabem da novidade?

– Pois bem, qual novidade?... A partida de Tartarin?

Pois em Tarascon todas as frases começam por *pois bem*, que eles pronunciam *pois beim*, e terminam por *hem*, que eles pronunciam *heim*. Ora, nesse dia, mais que em todos os outros, os *heim* e os *pois beim* soavam de fazer as vidraças tremerem.

Ninguém ficou mais surpreso em toda a cidade do que o próprio Tartarin ao saber de sua partida para a África. Mas vejam o que é a vaidade! Em vez de responder simplesmente que não estava de partida, que nunca teve a menor intenção de partir, o pobre Tartarin – na primeira vez em que lhe falaram a respeito da tal viagem – fez um discreto ar evasivo: “Bem... bem... talvez... não digo nem que sim nem que não”. Na segunda vez, um pouco mais familiarizado com a ideia, respondeu: “É provável”. Na terceira vez: “Com certeza!”.

Enfim, à noite, no grêmio e na loja de Costecalde, animado pela gemada com rum, pelos aplausos, pelas luzes, inebriado pelo sucesso que o anúncio de sua partida tivera na cidade, o infeliz declarou formalmente que estava cansado de caçar boinas e que ia, dentro em breve, dedicar-se à caça dos grandes leões da

caçar bonitas e que ia, dentro em breve, dedicar-se a caça dos grandes leões do Atlas...

Tal declaração foi acolhida com um grande *urra*. E a seguir, nova rodada de gemada com rum, de apertos de mão, de abraços e serenatas à luz das tochas, até meia-noite, diante da pequena casa do baobá.

Apenas Tartarin-Sancho não se alegrou! Essa ideia de viagem à África e de caça ao leão causava-lhe calafrios antecipados, e, ao voltar para casa, enquanto a serenata em sua homenagem soava sob suas janelas, fez uma cena terrível diante de Tartarin-Quixote, chamando-o de louco, visionário, imprudente, alucinado, expondo em detalhes todas as desgraças que o esperavam nessa expedição, naufrágios, reumatismos, febres altíssimas, disenterias, peste negra, elefantíase e todo o resto...

Em vão Tartarin-Quixote jurava não cometer nenhuma imprudência, cobrir-se bem, levar todo o equipamento necessário; Tartarin-Sancho não queria escutar nada. O desgraçado já se via dilacerado pelos leões, engolido pelas areias do deserto como o falecido Cambises,^[12] e o outro Tartarin só logrou acalmá-lo um pouco quando lhe explicou que também não era para já, que não havia pressa nenhuma, e que no fim das contas eles ainda não haviam partido.

E é claro que ninguém embarca para uma expedição como essa sem tomar algumas precauções. É preciso conhecer o lugar aonde se vai, que diabos!, e não partir às cegas...

Antes de mais nada, o tarasconês quis ler as narrativas dos grandes viajantes africanos, os relatos de Mungo Park, de Caillé, do doutor Livingstone, de Henri Duveyrier.^[13]

Ali ele aprendeu que esses intrépidos viajantes, antes de calçar suas sandálias para as excursões distantes, preparavam-se com muita antecedência para suportar a fome, a sede, as marchas forçadas, as privações de todo tipo. Tartarin desejou fazer como eles e, a partir daquele mesmo dia, só se nutriu de *água fervida*. – Em Tarascon, chama-se *água fervida* algumas fatias de pão afogadas em água quente com um dente de alho, um tanto de tomilho e uma folha de louro. – O regime era severo, e calculem aí a careta do pobre Sancho...

À adaptação com água fervida, Tartarin de Tarascon juntou outras práticas tão douras quanto esta. Desse modo, para criar o hábito das longas caminhadas, obrigou-se a realizar, todas as manhãs, sete ou oito giros completos em torno da cidade, ora em passo acelerado, ora em passo de ginástica, os cotovelos colados

ao corpo e dois pequenos seixos brancos na boca, segundo o antigo costume.^[14]

Depois, para adaptar-se às friagens noturnas, aos nevoeiros e ao orvalho, descia todas as noites ao seu jardim e ali permanecia até dez, onze horas, sozinho com sua espingarda, de tocaia, atrás do baobá.

Por fim, enquanto os animais do circo Mitaine permaneceram em Tarascon, os caçadores de boinas que se demoravam na loja de Costecalde puderam ver, na escuridão, passando pela praça do Castelo, um misterioso homem que andava de um lado para o outro atrás da tenda.

Era Tartarin de Tarascon, que se habituava assim a ouvir sem tremer os rugidos do leão dentro da noite escura.

10. Antes da partida

Enquanto Tartarin se disciplinava com toda espécie de meios heroicos, toda Tarascon não tirava os olhos dele; ninguém mais se ocupava de outra coisa. A caça à boina perdera um pouco a graça, as cantorias tiraram folga. Na farmácia Bézuquet o piano definhava sob uma capa verde, e as moscas cantáridas secavam ali em cima, de ventre para o ar... A expedição de Tartarin paralisara todo o resto...

Precisavam ver o sucesso do tarasconês nos salões: puxavam-no, disputavam-no, tomavam-no emprestado um pouco, subtraíam-no aos outros. Não havia honra maior para as mulheres do que ir ao circo Mitaine de braço dado com Tartarin, ouvindo dele, diante da jaula do leão, como se fazia para caçar esses grandes animais, onde era necessário mirar, a quantos passos de distância, se os acidentes eram frequentes *etc.*

Tartarin prodigalizava todas as explicações que lhe eram pedidas. Lera Jules Gérard^[15] e conhecia a caça ao leão na ponta da língua, como se já houvesse participado de alguma. Por isso falava de tais assuntos com grande eloquência.

Mas o momento em que se saía melhor era, à noite, jantando na casa do presidente Ladevèze ou do bravo comandante Bravida, capitão aposentado, quando serviam o café, aproximavam as cadeiras e o faziam falar de suas caçadas futuras.

Então, cotovelo sobre a toalha e nariz enfiado em seu *moca*, o herói narrava, com voz emocionada, todos os perigos que lá longe o aguardavam. Falava das longas esperas sem lua, dos pântanos pestilentos, dos rios envenenados pela folha do louro-rosa, das neves, dos sóis escaldantes, dos escorpiões, das nuvens de gafanhotos; discorria também sobre os costumes dos grandes leões do Atlas, seu jeito de lutar, seu vigor fenomenal e sua ferocidade na época do cio...

Depois, exaltando-se com a própria narrativa, levantava-se da mesa, saltava para o meio da sala de jantar. imitando o orito do leão. o estampido de uma

pan! pan! pan! o assovio de uma bala, pfft! pfft! Gesticulava, rugia, derrubava as cadeiras...

Em torno da mesa todos empalideciam. Os homens se olhavam movendo a cabeça, as mulheres fechavam os olhos dando gritinhos de assombro, os velhos brandiam as longas bengalas belicosamente, e, no quarto ao lado, os pequenos que bem cedo são postos na cama, despertados em sobressalto pelos rugidos e tiros, apavoravam-se e pediam que se acendesse a luz.

E, enquanto isso, nada de Tartarin partir.

11. Espadeiradas, senhores, espadeiradas! Mas nada de alfinetadas!

Tinha de fato a intenção de partir?... Questão delicada, e cuja resposta o historiador de Tartarin teria dificuldades em encontrar.

O certo é que o circo Mitaine de animais deixara Tarascon havia mais de três meses, e o matador de leões não movia uma palha... Ao fim e ao cabo, talvez o cândido herói, cego por alguma nova miragem, pensasse de boa-fé que tivesse ido à Argélia. Talvez, à força de narrar suas futuras caçadas, imaginasse tê-las realizado, tão sinceramente quanto imaginava ter içado o pavilhão consular e atirado sobre os tártaros, pan! pan!, em Xangai.

Desgraçadamente, se mais uma vez Tartarin de Tarascon foi vítima da miragem, os tarasconeses não. Quando todos se deram conta de que, depois de três meses de espera, o caçador ainda não tinha arrumado uma única mala, os rumores começaram.

– Vai ser igualzinho à viagem a Xangai! – dizia Costecalde, sorrindo. E a troça do armeiro fez furor pela cidade; pois ninguém acreditava mais em Tartarin.

Os ingênuos, os covardes, pessoas como Bézuquet, que uma pulga seria capaz de pôr para correr, e que não podiam dar um tiro de espingarda sem fechar os olhos, ah... esses eram os mais impiedosos. No grêmio, na esplanada, abordavam o pobre Tartarin com ares de mofa e zombaria.

– *Pois beim*, é para quando essa viagem?

Na loja de Costecalde, a opinião dele não valia mais nada. Os caçadores de boinas renegavam seu chefe!

Depois, a tudo isso vieram somar-se os epigramas. O presidente Ladevèze, que fazia com gosto, em suas horas de lazer, dois dedos de corte à musa provençal, compôs na língua de lá uma canção que obteve muito sucesso. Falava

de certo grande caçador chamado mestre Gervásio, cuja temível espingarda devia exterminar até o último dos leões da África. Mas, por infelicidade, a droga da espingarda tinha uma singular compleição: *sempre carregada / não ia a parte alguma*.

Ele não partia nunca! Compreendam a alusão...

Da noite para o dia, essa canção tornou-se popular; e quando Tartarin passava, os carregadores do cais, os pequenos engraxates à frente de sua porta, todos cantavam em coro:

*A espingarda de mestre Gervásio
anda sempre bem carregada
a espingarda de mestre Gervásio
pois jamais foi disparada*

Mas, devido aos músculos em dobro, isso só era cantado a uma distância bem segura.

Ó, fragilidade das adorações de Tarascon!...

O grande homem... bem... este fingia não ver nada, não ouvir nada; mas bem no fundo essa pequena guerra surda e venenosa o afligia demais; sentia Tarascon fugir-lhe por entre os dedos, a simpatia popular desviar-se para outros, e isso o atormentava terrivelmente.

Ah, a grande caldeira da popularidade: é bom sentar-se à sua frente, mas se ela entorna é mais do que certo sair-se escaldado!...

Apesar de seu sofrimento, Tartarin sorria e levava sossegadamente sua vidinha de sempre, como se nada houvesse acontecido.

Às vezes, entretanto, essa máscara de tranquilidade jubilosa, que ele por orgulho colara ao rosto, desprendia-se de repente. Então, no lugar do riso, o que se via eram indignação e dor...

Assim é que certa manhã, quando os pequenos engraxates cantavam sob as janelas dele *A espingarda do mestre Gervásio*, as vozes desses miseráveis chegaram ao quarto do pobre grande homem, que se barbeava ao espelho (Tartarin usava barba, mas, como ela lhe nascia muito grossa, era obrigado a apará-la).

Subitamente, a janela se abriu com violência e Tartarin surgiu em camisa,

ienço na cabeça, o rosto coberto de espuma, brandindo a navaina e o sabonete e berrando com voz terrível:

– Espadeiradas, senhores, espadeiradas!... Mas nada de alfinetadas!

Belas palavras, dignas de entrar para a história, mas cujo único erro era se dirigirem a esses pequenos *bagunceiros*, pequenos como suas caixas de engraxar, fidalgos totalmente incapazes de manejar uma espada!

12. Do que foi dito na pequena casa do baobá

No meio da deserção geral, só o exército seguia ao lado de Tartarin.

O bravo comandante Bravida, capitão aposentado, continuava a dedicar-lhe a mesma estima:

– O homem é corajoso! – teimava em dizer, e essa afirmação valia bem, imagino, a do farmacêutico Bézuquet... Nem uma vez o bravo comandante Bravida fez alusão à viagem para a África; contudo, quando o clamor popular ganhou proporções maiores, decidiu que era hora de se manifestar.

Certa noite, o infeliz Tartarin estava só em seu escritório, pensando em coisas tristes, quando viu entrar o comandante, grave, vestindo luvas negras e abotoado de cima a baixo.

– Tartarin – disse o capitão aposentado com autoridade –, é imperioso partir!

E permaneceu de pé, no enquadramento da porta, rígido e grande como o dever.

Tudo o que havia embutido naquele “Tartarin, é imperioso partir!” foi entendido por Tartarin de Tarascon.

Muito pálido, levantou-se, observou à volta com olhar emocionado seu belo escritório, bem protegido, tão caloroso e cheio de luz tão doce, a ampla poltrona tão aconchegante, seus livros, seu tapete, as grandes cortinas brancas de suas janelas, por trás das quais tremiam as finas ramagens do pequeno jardim.

Depois, dirigindo-se ao bravo comandante, tomou-lhe a mão, apertou-a com energia e, com uma voz embargada e contudo estoica, falou: “Partirei, Bravida!”

E partiu, como dissera. Só que não imediatamente... era preciso tempo para se equipar.

Primeiro, encomendou a Bompard duas grandes malas revestidas de cobre, com uma longa placa e esta inscrição:

TARTARIN DE TARASCON

CAIXA DE ARMAS

O forro e a gravação levaram um bom tempo. Encomendou ainda a Tastavin um magnífico álbum de viagem para escrever seu diário, suas impressões; pois não é porque se parte para uma caça ao leão que se deixa de pensar durante a viagem.

Em seguida, fez vir de Marselha todo um carregamento de alimentos em conserva, carne-seca concentrada e pastilhas para o preparo de caldos, um modelo moderno de barraca, de fácil montagem e desmontagem, botas de marinheiro, dois guarda-chuvas, um casaco impermeável, óculos azuis para prevenir as oftalmias. Enfim, o farmacêutico Bézuquet fabricou-lhe uma pequena farmácia portátil, provida de esparadrapo, arnica, vinagre medicinal e cânfora.

Pobre Tartarin!, o que ele fazia não era para ele; em verdade esperava, com todas essas precauções e primorosas atenções, acalmar a fúria de Tartarin-Sancho, que, uma vez decidida a partida, se encontrava colérico a não poder mais.

13. A partida

E enfim chegou o dia solene, o grande dia.

Desde o despontar da aurora, toda Tarascon estava de pé, lotando a estrada de Avignon e os arredores da pequena casa do baobá.

Pessoas às janelas, sobre os telhados, trepadas nas árvores; marinheiros do Ródano, carregadores, engraxates, burgueses, tecelãs, fabricantes de tafetá, o grêmio – enfim, toda a cidade; havia também habitantes de Beaucaire, que atravessaram a ponte, comerciantes do subúrbio, carretas com grandes toldos, fabricantes de vinho montados em belas mulas enfeitadas com fitas, guizos, laços, e até mesmo, de longe em longe, algumas belas moças de Arles, acompanhadas dos namorados, com uma fita azul à volta da cabeça, em pequenos cavalos cinza-escuro da Camargue.

Toda essa multidão se aglomerava, se espremia diante da porta de Tartarin, o bom senhor Tartarin, que partia para matar leões nas terras dos *teurs*.^[16]

Para Tarascon, a Argélia, a África, a Grécia, a Pérsia, a Turquia, a Mesopotâmia, tudo isso forma um grande país muito vago, quase mitológico, a que chamam os *teurs* (os turcos).

No meio daquela multidão, os caçadores de boinas iam e vinham, orgulhosos do triunfo de seu chefe, e traçando à sua passagem como que rastros gloriosos.

Diante da casa do baobá havia dois grandes carrinhos de mão. De vez em quando a porta se abria e era possível distinguir algumas pessoas que perambulavam gravemente no pequeno jardim. Homens transportavam malas, caixas, sacos de dormir e empilhavam tudo nos carrinhos.

A cada nova caixa a multidão vibrava. Os objetos eram nomeados em voz alta: “Isto aí é a barraca... aquilo, as conservas... a farmácia... as caixas de armas...”. E os caçadores de boinas forneciam explicações.

Subitamente, lá pelas dez horas, houve um grande rebuliço na multidão. A porta do jardim girou sobre suas dobradiças violentamente.

– É ele! É ele! – exclamaram.

Era ele...

Quando apareceu na soleira, dois gritos de estupor partiram da multidão:

– É um *teur!*...

– Está de óculos!

Tartarin de Tarascon, efetivamente, acreditava ser um dever, já que seguia para a Argélia, usar o traje argelino. Calças largas, bufantes, de pano branco, colete justo com botões de metal, mais de meio metro de cinto vermelho ao redor do estômago, pescoço nu, rosto bem barbeado, uma gigantesca *chéchia* sobre a cabeça e uma faixa azul de singular comprimento!... Além disso, duas pesadas espingardas, uma sobre cada ombro, uma grande faca de caça na cintura, uma cartucheira sobre o ventre e, no quadril, um revólver que se balançava no coldre de couro. E só...

Ah, perdão, esquecia-me dos óculos, dos enormes óculos azuis que vinham bem a calhar para corrigir o que havia de exageradamente hostil no aspecto de nosso herói!

– Viva Tartarin!... Viva Tartarin! – uivava o povo. O grande homem sorriu, mas não cumprimentou ninguém, por causa dessas espingardas que o deixavam todo atrapalhado. De resto, conhecia agora o frágil equilíbrio da simpatia popular; talvez até estivesse amaldiçoando, no fundo do seu ser, todos os seus compatriotas que o obrigavam a partir, a deixar o aconchego de seu lar de paredes brancas, persianas verdes... Mas isso não se via.

Altivo e calmo, ainda que um tanto pálido, avançou para a calçada, verificou seus carrinhos de mão e, vendo que tudo estava em ordem, tomou galhardamente o rumo da estação, sem se voltar uma única vez para a casa do baobá. Atrás dele seguiam o bravo comandante Bravida, capitão aposentado, o presidente Ladevèze, depois o armeiro Costecalde e todos os caçadores de boinas; atrás vinham os carrinhos de mão e, por fim, o povo.

Na plataforma de embarque, o chefe da estação aguardava-o – um velho africano de 1830 que lhe apertou calorosamente a mão várias vezes.

O expresso Paris-Marselha ainda não tinha chegado. Tartarin e seu estado-maior dirigiram-se para a sala de espera. Para evitar aglomeração, assim que passaram, o chefe da estação ordenou que fechassem as grades.

Durante quinze minutos Tartarin passeou por todas as salas, seguido pelos

caçadores de boinas. Falava-lhes de sua viagem, de suas caçadas, prometendo enviar peles. E todos se inscreviam em sua caderneta para concorrer a uma pele como se fosse para dançar uma quadrilha.

Tranquilo e dócil como Sócrates no momento de beber a cicuta,^[17] o intrépido tarasconês tinha uma palavra para cada um, um sorriso para cada um. Falava com simplicidade, com ar afável, seria possível dizer que, antes de partir, gostaria de deixar atrás de si como que um rastro de encanto, de saudade, de boas lembranças. Ouvindo seu chefe falar assim, todos os caçadores de boinas chegavam às lágrimas, alguns até sentiam remorso, como o presidente Ladevèze e o farmacêutico Bézuquet.

Membros do grêmio choravam pelos cantos. Lá fora, o povo observava através das grades e gritava:

– Viva Tartarin!

Enfim, a sineta tocou. Um rolar surdo e um silvo dilacerante abalaram as abóbodas... “Ao embarque! Ao embarque!”

– Adeus, Tartarin!... Adeus, Tartarin!...

– Adeus a todos!... – murmurou o grande homem e, sobre a face do bravo comandante Bravida, beijou sua querida Tarascon.

Depois rumou para a via e subiu num vagão cheio de senhoras parisienses que quase morreram de medo ao ver chegar esse homem tão estranho, com tantas carabinas e revólveres.

14. O porto de Marselha. Embarcar! Embarcar!

No dia 1º de dezembro de 186..., ao meio-dia, sob um sol de inverno provençal, um tempo claro, luminoso, esplêndido, os marseheses apalermados viram desembarcar na avenida Canebière um *teur*. Oh!... Mas que *teur*!... Jamais tinham visto um como aquele ali; e, contudo, Deus sabe que não faltam *teurs* em Marselha!

O *teur* em questão – é mesmo necessário esclarecer? – era Tartarin, o grande Tartarin de Tarascon, que seguia ao longo do cais, acompanhado por suas caixas de armas, sua farmácia, suas conservas, para a plataforma de embarque da companhia Touache, na embarcação *Zouave*, que devia levá-lo ao seu objetivo.

Com os ouvidos ainda ecoando os aplausos tarasconeses, inebriado pela luz do céu, pelo odor do mar, Tartarin caminhava radiante, espingardas às costas, cabeça erguida, contemplando muito atentamente esse maravilhoso porto de Marselha, que via pela primeira vez e que o deixou simplesmente deslumbrado... O pobre homem pensava estar sonhando. Parecia-lhe que se chamava Simbá, o marujo,^[18] e que errava por uma daquelas cidades fantásticas como as que existem em *As mil e uma noites*.

Era, a perder de vista, um sem-fim de mastros, de vergas, cruzando-se em todos os sentidos. Bandeiras de todos os países, russas, gregas, suecas, tunisianas, americanas... Os navios ao rés do cais, gurupés tocando as margens como filas de baionetas. Por baixo as náíades,^[19] as deusas, as santas virgens e outras esculturas de madeira pintada dão seus nomes aos navios; tudo isso comido pela água do mar, devorado, rangente, coberto de bolor... De tempos em tempos, entre os navios, surgia um pedaço de mar, como um grande tecido sujo de óleo... Na desordem das vergas, nuvens de gaivotas fazendo uma bela mancha sobre o céu azul, grumetes^[20]

que se chamavam em todas as línguas.

No cais. no meio das reoatas que vinham das saboarias. verdes. espessos.

...no caso, no meio das regatas que tinham nas casquinhas, velas, espelhos, escurecidos, cheios de óleo e soda, todo um povo de aduaneiros, de comissários, de carregadores com suas charretes, puxadas por pequenos cavalos corsos.

Lojas de confecções bizarras, barracas enfumaçadas onde os marinheiros cozinhavam, comerciantes de cachimbos, de macacos, de papagaios, de cordas, de pano para velas, fantásticas quinquilharias onde se misturavam confusamente velhas colubrinas, grandes lanternas douradas, talhas velhas, velhas âncoras desdentadas, velho cordame, velhas roldanas, alto-falantes velhos, óculos de mar do tempo de Jean Bart e de Duguay-Trouin.^[21]

Vendedoras de mexilhões acoradas, cacarejando junto a seus mariscos. Marinheiros passando com potes de alcatrão, marmitas fumegantes, grandes cestas cheias de polvos que eles iam lavar na água esbranquiçada das fontes.

Por toda parte, um acúmulo prodigioso de mercadorias de toda espécie: sedas, minérios, carregamento de madeiras, peças de chumbo, panos, açúcares, carobas, colzas, alcaçuzes, canas-de-açúcar. O Oriente e o Ocidente embaralhados. Grandes quantidades de queijo da Holanda que os genoveses tingiam de vermelho com suas mãos.

Lá longe, a doca do trigo, os carregadores descarregando seus sacos nas margens, do alto de grandes andaimes. O trigo, torrente de ouro, rolava em meio a uma fumaça loura. Homens de fez vermelho passavam-no por uma espécie de peneira de pele de asno e o carregavam em carretas que se afastavam seguidas por um regimento de mulheres e crianças com vassourinhas e cestos para a colheita... Mais ao longe, a bacia da carena, os grandes navios deitados de lado que eram chamuscados com tojos para livrá-los das ervas marinhas, as vergas mergulhadas na água, o cheiro de resina, o barulho ensurdecedor dos carpinteiros a revestir os navios com grandes placas de cobre.

Por vezes, entre os mastros, uma clareira. Então Tartarin via a entrada do porto, o grande vaivém dos navios, uma fragata inglesa partindo para Malta, graciosa e bem lavada, com oficiais de luvas amarelas, ou talvez um grande brigue marselhês levantando âncora em meio a gritos e pragas e, à popa, um gordo capitão de sobrecasaca e chapéu de seda comandando a manobra em provençal. Navios que partiam velozes, todas as velas soltas ao vento. Outros bem afastados, tão longe que chegavam lentamente ao sol, como que no ar.

E depois, incessante, um barulho terrível, o rodar das carretas – “Eh! Eia!” – dos marinheiros, mais pragas, cantos, apitos de barcos a vapor, os senhores e os

clarins do forte Saint-Jean, do forte Saint-Nicolas, os sinos da Igreja Maior, das Accoules, de Saint-Victor; por cima de tudo isso, o mistral, que recolhia todos esses sons, todos esses clamores e os embaralhava, rolava, sacudia, confundia com sua própria voz, criando uma música louca, selvagem, heroica como a grande fanfarra de viagem, fanfarra que impelia a partir, ir para longe, ter asas.

Foi ao som dessa bela fanfarra que o intrépido Tartarin de Tarascon embarcou para o país dos leões!...

1 Capitão James Cook (1728-79), famoso cientista e explorador inglês assassinado por nativos no Havaí. James Fenimore Cooper (1789-1851), popular escritor norte-americano, destacou-se por suas histórias marítimas e consagrou-se com *O último dos moicanos* (1826). Gustave Aimard (1818-83), escritor francês conhecido pelos romances de aventura sobre os apaches, tribo indígena norte-americana que habita o Sudoeste do país. [Todas as notas são do editor]

2 Criatura mitológica provençal com cabeça de leão, orelhas de cavalo, corpo parecido com o de um dragão, seis patas curtas similares às de um urso, torso de boi, carapaça de tartaruga e a ponta da cauda com um espinho de escorpião. Segundo uma lenda local, a Tarasca devastava toda Tarascon e apenas Santa Marta foi capaz de domar a fera, apesar de todas as tentativas malsucedidas dos tarasconeses de capturá-la.

3 Região francesa pantanosa, localizada ao sul da cidade de Arles, entre o mar Mediterrâneo e os dois braços principais do delta do rio Ródano.

4 Nemrod é um personagem bíblico, rei de Babel, fundador da cidade de Nínive, apresentado como um grande caçador no livro *Gênesis*, no Antigo Testamento. Aqui, Daudet refere-se ao famoso julgamento de Salomão (i Reis, iii, 16), no qual duas mulheres procuram-no para decidir o destino de um bebê, do qual ambas reivindicam a maternidade. Quando Salomão ordena que tragam a espada para dividir a criança ao meio, uma das mulheres prefere entregá-lo à outra a vê-lo morto. O rei, então, deduz que esta é a mãe verdadeira. Assim, o narrador compara Tartarin a Nemrod por sua habilidade como caçador e a Salomão por seu senso de justiça.

5 *Robert Le Diable* (1831), de Giacomo Meyerbeer (1791-1864), é tida como uma das primeiras óperas do período romântico. Apresentada na Ópera de Paris e considerada uma obra-prima por Chopin, trata-se de uma adaptação da lenda medieval homônima, cujo herói, Robert Le Diable, é fruto da união do diabo com uma mulher.

6 Henry Seymour (1805-59), aristocrata parisiense, oriundo de família nobre inglesa, fundador do Jockey Club de Paris, ficou conhecido por sua excentricidade e extravagância. Rei de Halles é o nome popular de François de Vendôme (1616-69), cujo título era de duque. Aristocrata e militar francês do século xvii, também foi uma figura bastante popular entre os franceses, apesar de considerado intelectualmente medíocre e sem muito talento para as batalhas.

7 Termo genérico para designar as tribos Lakota, Nakota e Dakota, habitantes dos estados de Dakota do Norte e do Sul, além do centro-norte dos Estados Unidos. Conhecidos por serem ótimos guerreiros e caçadores, eram os mais agressivos no combate aos brancos, contra os quais realizavam rituais de tortura.

8 A Argélia faz parte do Magrebe, a região noroeste da África. Em termos gerais, seus habitantes são chamados de magrebinos. Diferentes povos argelinos, designados genericamente por mouros (ou mouriscos), serão citados ao longo do romance. Eles dividem-se entre árabes e berberes. Entre os berberes, há os cabildas (ou cabilas), que habitam a região montanhosa da Cabília, no nordeste do país; os mozabitas, que habitam o Mozabe, região do Saara setentrional; os tuaregues, que se concentram no deserto do Saara; e os biscrenses, oriundos da província de Biskra, no norte da Argélia. Os mahoneses, também mencionados pelo narrador, não são nativos da África, mas sim da cidade de Mahon, capital da ilha Menorca, localizada a leste da Espanha e a oeste da Itália.

9 Abruzzo é uma região montanhosa no centro da Itália conhecida por abrigar muitos bandidos.

10 O narrador se refere a Luciano de Samósata (c. 125-81), escritor e filósofo grego, e a Charles Saint-Évremond (1614-1703), soldado e escritor francês. Conhecidos pelo bom-humor e pelo estilo irônico, suas obras contêm diálogos cômico-satíricos, a exemplo deste que se segue entre Tartarin-Quixote e Tartarin-Sancho.

11 Grupo étnico turcomano e mongol que habitou a Tartária, república autônoma da Federação Russa, e algumas outras ex-repúblicas soviéticas.

12 Cambises II (?-522 a.C.), rei da Pérsia, reinou de 529 a 521 a.C. e é lembrado por sua tirania. Conquistou o Egito em 525 a.C. e partiu para a dominação do restante da África. A expedição fracassou, tendo desaparecido no deserto em meio a uma tempestade de areia. Cambises sobreviveu, mas morreu pouco depois a caminho da Pérsia. Pouco se sabe efetivamente sobre sua morte: se foi suicídio, acidente ou de causas naturais.

13 Célebres exploradores da África. Mungo Park (1771-1806) percorreu a África Ocidental. René Caillé (1799-1838) foi o primeiro a visitar a cidade de Tombouctou, na República do Mali. David Livingstone (1813-73) percorreu a África Central e do Sul. Henri Duveyrier (1840-92) conviveu meses com os tuaregues.

14 Referência ao treinamento ao qual era submetido o grego Demóstenes (384-22 a.C.), o maior orador de Atenas, que venceu a gagueira e a falta de clareza na pronúncia ao forçar-se a falar com pequenas pedras na boca.

15 O francês Jules Gérard (1817-64) foi um grande caçador de leões na Argélia, apelidado de *Le Terrible Franc* [O Terrível Franco]. Em onze anos, Gérard abateu 25 leões. Publicou *La chasse au Lion* [A caça ao leão, 1855] e *Le tueur de lions* [O matador de leões, 1858].

16 Maneira como os provençais, por seu sotaque peculiar, pronunciam a palavra *turcs* [turcos, em francês].

17 Sócrates, famoso filósofo ateniense (470-00 a.C.), condenado a beber cicuta acusado de ateísmo e de corromper a juventude, seguiu conversando com seus discípulos sobre a imortalidade da alma até seus últimos momentos de vida na prisão.

18 *Simbá, o marujo* é uma série de narrativas de origem desconhecida incluída no livro *As mil e uma noites*. Nela, o marujo Simbá apresenta suas sete aventuras marítimas, nas quais tem de enfrentar os mais variados perigos, voltando para Bagdá sempre mais rico do que partiu.

19 Na mitologia grega, ninfa das fontes e dos rios, também chamada de naia ou náiada.

20 A estrutura administrativa e militar turca é composta pela seguinte hierarquia: califa (líder soberano, sucessor do profeta Maomé); paxá (alto funcionário responsável pela administração política e militar); alcaide (antigo governador de província, com jurisdição civil e militar); agá (chefe militar); cádis (juiz de direito muçulmano); zuavo (soldado); e grumete (marinheiro iniciante na armada).

21 Jean Bart (1650-1702) e René Duguay-Trouin (1673-1736), célebres corsários franceses. Jean Bart consagrou-se durante a Guerra dos Nove Anos (1688-97). René Duguay-Trouin participou, entre outras, da Guerra da Sucessão Espanhola (1702-14).

SEGUNDO EPISÓDIO

Entre os *teurs*

1. A travessia. As cinco posições da *chéchia*. A noite do terceiro dia. Misericórdia

Quem me dera, meus caros leitores, ser pintor, e dos grandes, para lhes mostrar, no raiar deste segundo episódio, as diferentes posições assumidas pela *chéchia* de Tartarin de Tarascon nesses três dias de travessia a bordo do *Zouave*, entre a França e a Argélia.

Primeiro eu o mostraria no momento da partida, prestes a embarcar, heroico e soberbo que estava, aureolando aquela formidável cabeça tarasconesa. A seguir, já à saída do porto, quando o *Zouave* começou a saltar onda após onda, eu o mostraria um tanto inquieto, assustado, como que sentindo os primeiros sintomas de seu mal.

Depois, no golfo de Lion, à medida que se avança num mar cada vez mais implacável, eu o daria a ver em briga com a tempestade, mantendo-se, alarmado, sobre o crânio do herói, e seu grande tufo de lã azul eriçando-se na bruma do mar e no temporal... Quarta posição. Seis horas da tarde, à vista da costa da Córsega. A infortunada *chéchia* inclina-se na amurada e, lamentavelmente, observa e perscruta o mar... Finalmente, quinta e última posição, no fundo de uma estreita cabine, num pequeno leito que mais parecia o gavetão de alguma cômoda, algo de informe e desolado rolava gemendo no travesseiro. Era a *chéchia*, a heroica *chéchia* da partida, reduzido agora ao vulgar estado de gorro de dormir, enterrado até as orelhas numa cabeça de doente convulsa, descorada...

Ah, se os tarasconeses pudessem ver seu grande Tartarin deitado em seu gavetão de cômoda, à luz fosca e triste que se derramava das vigias, entre o bafo de cozinha e o cheiro de madeira molhada, e eis o nauseabundo odor do pacote; se o pudessem ouvir agonizar a cada bater da hélice, pedir chá de cinco em cinco minutos e praguejar contra o rapaz encarregado de servi-lo com

uma vozinha de criança... Ah, como se arrependeriam de o terem obrigado a viajar!... Dou minha palavra de historiador, o pobre *teur* dava pena. Tomado de súbito pelo enjoo, o infeliz não teve coragem para soltar seu cinto argelino, nem para se livrar de seu arsenal. A faca de caça de enorme bainha machucava o peito, o coldre do revólver torturava-lhe as pernas. Para completar, havia os resmungos de Tartarin-Sancho, que não parava de gemer e praguejar:

– Imbecil!... Eu bem que avisei!... Ah, mas preferiste ir para a África... Pois bem, isto é a África!... Estás apreciando?

O mais cruel é que, do fundo de sua cabine e de seus gemidos, o infeliz podia ouvir os passageiros do grande salão a sorrir, comer, cantar e jogar cartas. A sociedade era tão alegre quanto numerosa a bordo do *Zouave*. Oficiais que retornavam a seus regimentos, damas do *Alcazar* de Marselha, cabotinos, um milionário muçulmano que voltava de Meca, um príncipe montenegrino muito engraçado que brindava aquela plateia com imitações de Ravel e Gil Pérès...^[22] Nenhum deles se sentira enjoado, e passavam seu tempo bebendo champanhe com o capitão do *Zouave*, um farrista gorducho de Marselha, comprometido com uma mulher na Argélia e com outra em Marselha, e que atendia pelo simpático nome de Barbassou.

Tartarin de Tarascon detestava todos esses miseráveis. A alegria deles redobrava seu mal-estar...

Finalmente, na tarde do terceiro dia, uma agitação a bordo do navio tirou nosso herói de seu longo torpor. A sineta de proa soava. Ouviam-se as pesadas botas dos marujos correndo sobre a ponte.

– Máquina para a frente!... Máquina para trás! – gritava a voz rouca do capitão Barbassou.

Depois: – “Máquina, *stop!*”, uma parada, um abalo, e mais nada... Apenas o balanço silencioso, da direita para a esquerda, do pacote, como um balão no ar...

Esse silêncio suspeito alarmou o tarasconês.

– Misericórdia! Estamos afundando! – exclamou com voz terrível. E reencontrando, como que por magia, as suas forças, saltou de seu beliche e precipitou-se para o convés com todo o seu arsenal.

2. às armas! às armas!

Não estavam afundando, estavam chegando.

O *Zouave* acabava de entrar na enseada, uma bela enseada de águas negras e profundas, mas silenciosa, melancólica, quase deserta. Em frente, numa colina, Argel, a cidade Branca, com as suas casinhas de um branco-mate que desciam para o mar, apertadas umas contra as outras. Um varal de lavadeiras sobre a encosta de Meudon.^[23] E, acima de tudo isso, a amplidão de um céu de cetim azul, oh... tão azul!

O ilustre Tartarin, um pouco refeito de seu pânico, admirava a paisagem, ouvindo com respeito o príncipe montenegrino que, de pé, ao seu lado, lhe ensinava o nome dos diversos bairros da cidade, Casbah, a cidade alta, a rua Bab-Azoun. Como era bem-educado esse príncipe montenegrino! Além do mais, conhecia a fundo a Argélia e falava árabe fluentemente. Por isso, Tartarin desejou cultivar aquela amizade... De repente, ao longo da amurada contra a qual se apoiavam, o tarasconês percebeu uma fila de enormes mãos negras que se agarravam por fora. Pouco depois, uma cabeça muito crespa de negro surgiu à sua frente, e, antes que tivesse tempo de abrir a boca, o convés se viu tomado de todos os lados por uma centena de corsários negros, amarelos, seminus, medonhos, terríveis.

Tartarin conhecia bem aqueles corsários... Eram eles, quer dizer, *eles*, os famigerados *eles* que ele tanto buscara nas noites pelas ruas de Tarascon. Finalmente *eles* tinham resolvido aparecer.

... Primeiro a surpresa paralisou-o totalmente. Mas, quando observou os corsários que se precipitavam sobre as bagagens, arrancando a capa que as cobria, dando início à pilhagem do navio, o herói despertou e, desembainhando sua faca de caça: “Às armas! Às armas!”, gritou aos passageiros, e, antes de qualquer outro, lançou-se sobre os piratas.

– *Qué qui há?* O que é isso? O que há com o senhor? – perguntou o capitão Barbassou, que saía naquele instante.

– Ah! Aí está o senhor, capitão!... Rápido, rápido, arme seus homens.

– *Hã?* E por que o faria, *meudeus?*

– Mas será que o senhor não está vendo?...

– O quê?...

– Aqui... bem na sua frente... os piratas...

O capitão Barbassou olhava-o completamente apalermado. Nesse instante, um diabo de negro colossal passava diante deles, correndo, com a farmácia do herói nos ombros.

– Miserável!... Espere aí!... – urrou o tarasconês, disparando com sua adaga em riste.

Barbassou conteve seu ímpeto e, detendo-o pela cintura:

– Que raios, fique tranquilo!... Não são piratas... Há muito tempo não há mais piratas... São carregadores.

– Carregadores?

– Pois é, carregadores que vêm buscar as bagagens para colocá-las em terra... Torne a embainhar sua faca, homem, dê-me o seu bilhete e siga esse negro, aliás, um ótimo rapaz, que o conduzirá à terra firme e até mesmo a um hotel, se desejar!

Um tanto confuso, Tartarin passou-lhe seu bilhete e, pondo-se no encalço do negro, desceu pelo cabo de portaló para uma grande barca que dançava ao lado do navio. Todas as suas bagagens já se encontravam ali. Como suas malas, caixas de armas, alimentos em conserva *etc.* ocupavam toda a barca, não houve necessidade de esperar por outros passageiros. O negro trepou sobre as malas e ali se acorou como um macaco, as mãos nos joelhos. Outro negro assumiu os remos... Ambos olhavam para Tartarin e riam, revelando seus dentes brancos.

Em pé, à popa, com essa terrível feição que assustava seus compatriotas, o grande tarasconês era todo atenção febril ao cabo de sua faca porque, apesar do que lhe dissera Barbassou, ele não se sentia lá muito seguro quanto às intenções desses carregadores cor de ébano, nada parecidos com os bons carregadores de Tarascon...

Depois de cinco minutos, a barca chegava à terra, e Tartarin punha o pé naquele pequeno cais barbaresco, onde, trezentos anos antes, um galeriano

espanhol chamado Miguel de Cervantes preparava – sob o cacete da chusma argelina – um sublime romance a que daria o título de *Dom Quixote!*^[24]

3. Invocação a Cervantes. Desembarque. Onde estão os teurs? Não existem teurs. Desilusão

Ó Miguel de Cervantes Saavedra, se é verdade o que se diz e, de fato, nos lugares onde habitaram grandes homens algo deles erra e flutua no ar até ao fim das eras, o que de ti permaneceu sobre a praia barbaresca deve ter saltado de alegria ao ver desembarcar Tartarin de Tarascon, esse tipo maravilhoso de francês do Sul, em quem ressuscitaram os dois heróis de teu livro, Dom Quixote e Sancho Pança...

O ar estava quente naquele dia. No cais, banhado de sol, havia cinco ou seis aduaneiros argelinos, que aguardavam notícias da França, alguns mouros agachados que fumavam longos cachimbos e marinheiros malteses carregando redes bem grandes onde luziam, entre as malhas, como pequenas moedas de prata, milhares de sardinhas.

Mas nem bem Tartarin pôs os pés naquele cais, o lugar se animou, ganhou outro aspecto. Um bando de selvagens, ainda mais medonhos que os corsários do navio, ergueu-se por entre as pedras da praia e lançou-se sobre o visitante. Árabes enormes completamente nus sob as mantas de lã, pequenos mouros esfarrapados, negros, tunisianos, mahoneses, mozabitas, rapazes de hotéis de avental branco, todos gritando, urrando, agarrando-se às suas vestes, disputando suas bagagens, um transportando as conservas, outro a farmácia e, numa algaravia fantástica, lançando-lhe à cara nomes de hotéis inverossímeis...

Aturdido com todo esse tumulto, o pobre Tartarin ia e vinha, praguejava, protestava, agitava-se, corria atrás de suas bagagens, não sabendo como se fazer entender por aqueles bárbaros, discutia com eles em francês, em provençal e até em latim de Pourceaugnac,^[25] *rosa*, a rosa, *bônus*, *bona*, *bonum*, tudo o que sabia... Vãos esforços. Ninguém o escutava... Felizmente, um homenzinho, vestido de túnica de gola amarela e armado com uma espécie de cajado,

interveio como um deus de Homero naquela balbúrdia e dispersou toda aquela canalha na base da pancada. Era um policial argelino. Muito polidamente, indicou a Tartarin o Hôtel de l'Europe e confiou-o a rapazes do local que o levaram, e às suas bagagens, em carrinhos de mão.

Logo nos primeiros passos dados em Argel, Tartarin de Tarascon arregalou os olhos. Imaginava de antemão uma cidade oriental, mágica, mitológica, algo assim entre Constantinopla e Zanzibar... E foi cair em plena Tarascon... Cafés, restaurantes, ruas largas, casas de quatro andares, uma pracinha bem calçada onde músicos da infantaria executavam polcas de Offenbach,^[26] senhores sentados bebendo cerveja, senhoras, prostitutas e, por toda parte, militares... e nem um *teur!*... Só ele... Aliás, por isso mesmo ficou um pouco encabulado na hora de atravessar a praça. Todos olhavam para ele, os músicos da infantaria interromperam a execução, e a polca de Offenbach ficou com um pé suspenso no ar.

Com as duas espingardas às costas, o revólver na cintura, feroz e majestoso como Robinson Crusoé, Tartarin passou com aspecto grave entre todos os grupos; mas ao chegar ao hotel suas forças o abandonaram. A partida de Tarascon, o porto de Marselha, a travessia, o príncipe montenegrino, os piratas, tudo se embaralhava e girava em sua cabeça... Foi necessário subi-lo a seu quarto, livrá-lo de tantas armas, despi-lo... Já se falava até em mandar chamar um médico; mas, assim que se alojou no travesseiro, o herói pôs-se a roncar tão alto e tão verdadeiramente que o dono do hotel julgou desnecessários os auxílios da ciência, e todos se retiraram discretamente.

4. A primeira espera

Três horas soavam no relógio da sede do governo quando Tartarin acordou. Dormira a tarde inteira, a noite inteira, a manhã inteira, e ainda um bom pedaço da tarde; verdade seja dita, nos três dias anteriores a *chéchia* tinha passado por poucas e boas!...

O primeiro pensamento do herói ao abrir os olhos foi o seguinte: “Estou no país dos leões!”. E nem há motivos para esconder que, a esse pensamento de que os leões se achavam ali pertinho, a dois passos, quase ao alcance das mãos, e que seria preciso bater-se com eles, brrr!..., um frio mortal percorreu-lhe o corpo todo e fez nosso herói retornar, intrepidamente, para debaixo das cobertas.

Mas no instante seguinte a alegria do local, o céu tão azul, o grande sol que vazava para dentro do quarto, um café da manhã reforçadíssimo que ele mandou servir na cama, sua janela escancarada para o mar, tudo regado a uma excelente garrafa de vinho de Crescia, essas coisas iam depressa devolvendo-lhe o antigo heroísmo. “Aos leões! Aos leões!”, exclamou ele, jogando longe suas cobertas e vestindo-se num piscar de olhos.

Eis o seu plano: sair da cidade sem dizer nada a ninguém, lançar-se em pleno deserto, aguardar a noite, ficar de tocaia e, ao primeiro leão que se aventurasse... pan! pan!... Depois, voltar no dia seguinte para o almoço no Hôtel de l'Europe, receber as felicitações dos argelinos e fretar uma carreta para buscar o animal.

Armou-se sem mais delongas, enrolou nas costas a barraca, cuja haste inteira lhe ultrapassava um bocado a altura, e, rijo como uma estaca, desceu para a rua. Ali, não querendo pedir informações a ninguém para não despertar suspeitas em relação a seus planos, dobrou impávido à direita, cruzou até o fim as arcadas de Bab-Azoun, onde, do fundo de suas lojas tão escuras, nuvens de judeus argelinos o viam passar, emboscados num canto como aranhas; atravessou a praça do Teatro, alcançou os arrabaldes e, finalmente, a longa e noírenta

estrada de Mustafá.

Havia nessa estrada uma aglomeração fantástica. Ônibus, fiacres, caleches, diligências, grandes carretas de ferro puxadas por bois, esquadrões de caçadores da África, quantidade de burrinhos microscópicos, negras vendedoras de comida, carros de imigrantes alsacianos, sipahi com rubros capotes, tudo isso desfilando num turbilhão de poeira, em meio a gritos, cantos, cornetas, entre duas fileiras de sinistras barracas onde se viam enormes mahonesas penteando-se à porta, tabernas lotadas de soldados, açougues, abatedores...

– Que é que me contaram, pois, essas histórias de Oriente! – pensava o grande Tartarin. – Em Marselha havia mais *teurs* do que por estas bandas.

De repente, viu passar a seu lado, estirando suas longas patas e posudo como um peru, um soberbo camelo. Aquilo acelerou seu coração.

Camelos, já? Os leões não deviam estar longe; e, efetivamente, passados cinco minutos, viu seguir em sua direção, de espingarda ao ombro, toda uma tropa de caçadores de leões.

– Covardes! – disse consigo mesmo o nosso herói ao cruzar com eles. – Covardes! Ir caçar leões em bandos, e com cães!...” – pois jamais imaginou que na Argélia se caçasse outra coisa além de leões. Contudo, esses caçadores possuíam um aspecto tão bom de comerciantes aposentados, e, além disso, essa maneira de caçar leões com cães e bolsa de caça era tão patriarcal que o tarasconês, um pouco intrigado, resolveu abordar um daqueles senhores.

– Pois bem, camarada, fizeram uma boa caçada?

– Nada má – respondeu o outro, observando espantado o considerável armamento do guerreiro de Tarascon.

– Matou algum?

– Claro... muitos... veja aí... – e o caçador argelino apontou-lhe sua bolsa de caça, estufada de coelhos e galinholas.

– Como assim? Na bolsa de caça?... Quer dizer que os põe na bolsa de caça?

– Sim, onde queria que os pusesse?

– Mas então... devem... devem ser dos pequenos...

– Há pequenos e grandes – disse o caçador. E, como estivesse com pressa de voltar para casa, acelerou o passo para alcançar seus camaradas.

O intrépido Tartarin permaneceu ali plantado, estupefato, no meio da estrada. Depois, após refletir um pouco: “Bah!”, disse consigo. – “São uns

gozadores... Não mataram nada...”, e seguiu seu caminho.

As casas começavam a rarear, os passantes também. A noite caía, os objetos tornavam-se confusos. Tartarin de Tarascon caminhou ainda por mais meia hora. Enfim, deteve-se. Já era noite. Noite sem Lua, crivada de estrelas. Ninguém na estrada... Apesar de tudo, o herói pensou que os leões não eram como diligências e não deviam seguir pela via principal. Atirou-se através dos campos... A cada passo, valões, espinheiros, matagal. Não tinha importância! Seguia em frente... Depois, de repente, alto! “Sinto no ar um leão por perto”, disse consigo mesmo, e farejou intensamente à direita e à esquerda.

5. Pan! Pan!

Era um grande deserto selvagem, repleto de plantas estranhas, dessas plantas orientais que têm o aspecto de animais perigosos. Sob o brilho discreto das estrelas, suas sombras aumentadas estiravam-se no chão em todos os sentidos. À direita, a massa confusa e pesadona de uma montanha, o Atlas talvez!... À esquerda, o mar invisível, a rolar surdamente... Um verdadeiro abrigo para a tentação das feras.

Com uma espingarda à frente e outra nas mãos, Tartarin de Tarascon apoiou um joelho no chão e esperou... Esperou uma hora, duas horas... Nada!...

Lembrou-se então de que, nos seus livros, os grandes matadores de leões jamais seguiam para uma caçada sem levar consigo um cabritinho, que amarravam a alguns passos de distância e faziam berrar puxando-lhe a pata com uma cordinha. Não tendo consigo um cabrito, o tarasconês teve a ideia de tentar uma imitação e pôs-se a balir com voz trêmula: “Mééé! Mééé!...”.

Primeiro, bem suavemente, porque no fundo ele tinha um pouco de medo de que um leão o ouvisse... depois, vendo que nada se aproximava, baliu mais forte: “Mééé!... Mééé!...”. Nada ainda!... Impaciente, repetiu com mais vigor e várias vezes consecutivas: “Mééé!... Mééé!... Mééé!...”, com tanta potência que esse cabrito terminou por assemelhar-se mais a um boi.

De repente, a alguns passos dali, algo de negro e de gigantesco deixou-se cair. Calou-se... O que quer que fosse abaixava-se, farejava o chão, saltava, rolava, partia a galope, depois voltava e parava... Era o leão, não havia dúvidas!... Agora se podia ver muito bem suas quatro patas curtas, seu formidável pescoço e os dois olhos, dois grandes olhos que reluziam na escuridão... Apontar! Fogo! Pan! pan!... A coisa estava feita. Um rápido pulo para trás e já empunhava a faca de caça.

Ao tiro do tarasconês, respondeu um urro terrível.

– Teve o que merecia! – exclamou o bom Tartarin. e. erroudo-se sobre suas

fortes pernas, já se preparava para um eventual ataque do animal; mas este teve até mais do que merecia e fugiu em triplo galope, a urrar... Ele, porém, nem se moveu. Esperava pela fêmea... sempre como nos livros.

Infelizmente, a fêmea não veio. Depois de duas ou três horas de espera, o tarasconês cansou. A terra estava úmida, a noite começava a refrescar, um vento cortante vinha do mar.

– E se eu tirasse uma soneca para esperar o raiar do dia? – disse consigo e, para evitar o reumatismo, recorreu à barraca...

Mas, que diabos!, aquela barraca tinha um sistema tão engenhoso, mas tão engenhoso, que ele não conseguia montá-la.

Esgrimou e transpirou durante uma hora com aquela maldita barraca, e nada de ela se abrir... Há guarda-chuvas que, sob chuvas torrenciais, se divertem a pregar peças assim... Cansado de tentar, o tarasconês lançou o utensílio ao chão e deitou-se sobre ele, praguejando como verdadeiro provençal que era.

“Tá-tá-rá-tá, tataratá!...”

– *Qué qui há?*... – perguntou-se Tartarin, despertando, sobressaltado.

Eram os clarins dos caçadores da África que davam o toque de alvorada nas casernas de Mustafá... O matador de leões, estupefato, esfregou os olhos... Pobre homem, que se acreditava em pleno deserto!... Sabem onde se encontrava? Num canteiro de alcachofras, entre um canteiro de couves-flor e outro de beterrabas.

No seu Saara então cresciam legumes!... Bem perto dali, sobre a linda encosta verde de Mustafá de cima, as casas de campo argelinas, tão brancas, reluziam no orvalho do dia nascente. Crer-nos-íamos nos arredores de Marselha, entre vilas e vilarejos.

A fisionomia burguesa e hortícola daquela paisagem adormecida muito espantou o coitado do homem, além de deixá-lo de péssimo humor.

– Essas pessoas são loucas! – disse consigo mesmo. – Como é que se vai cultivar alcachofras sob o nariz do leão... Porque, seja como for, não sonhei... Os leões chegam até aqui... Eis a prova...!

A prova eram as manchas de sangue que o animal, ao fugir, deixara atrás de si. Atento a esse rastro de sangue, de olhos bem abertos, revólver em punho, o tarasconês chegou, de alcachofra em alcachofra, sobre um pequeno campo de aveia... O capim pisado, uma poça de sangue e, no meio da poça, deitado de lado, com uma grande ferida na cabeça, um... adivinhem!...

– Um leão, é claro!...

Não! Um burro, um desses burrinhos tão comuns na Argélia que por aquelas bandas são chamados de *burracos*.



6. A chegada da fêmea. Terrível combate. O ponto de encontro dos coelhos

A primeira reação de Tartarin ante o aspecto de sua pobre vítima foi de despeito. Afinal, há uma bela diferença entre um leão e um *burraco!*... Sua segunda reação foi toda de compaixão. O pobre burrico era tão belo, tinha um aspecto tão afável! A pele de suas ancas, ainda quente, subia e descia como uma onda. Tartarin ajoelhou-se, com a ponta de sua cinta argelina tentou estancar o sangue do desgraçado animal; esse grande homem cuidando desse burrinho formava a cena mais tocante que se pode imaginar.

Ao contato sedoso do cinto, o burrico, que ainda tinha uma ínfima reserva de vida, abriu seus grandes olhos cinzentos e abanou duas ou três vezes suas longas orelhas como se dissesse: “Muito obrigado!... muito obrigado!”. Depois, uma última convulsão o sacudiu da cabeça até o rabo, e ele não tornou a se mover.

– Negrinho! Negrinho! – gritou subitamente uma voz estrangulada, angustiada. Ao mesmo tempo, agitaram-se os ramos de um arvoredado vizinho... Tartarin só teve tempo de se erguer e pôr-se em guarda... Era a fêmea!

Ela chegou, terrível e rugindo, sob a forma de uma velha alsaciana com penteado tradicional, armada com um grande guarda-chuva vermelho e reclamando o seu burro a todos os ecos de Mustafá. Antes fosse uma leoa furiosa... Teria sido melhor para Tartarin do que essa velha furibunda... Em vão o infeliz tentou fazer com que ela compreendesse como toda a coisa se dera; que tomara seu Negrinho por um leão... A velha pensou que zombava dela e, berrando enérgicos “diabos!”, caiu-lhe em cima aplicando vários golpes de guarda-chuva. Tartarin, meio confuso, defendia-se como podia, aparava os golpes com sua carabina e suava, bufava, pulava, gritava: “Mas, senhora... mas, senhora...”

Quando da A... ..

Que nada! A senhora era surda, e seu vigor o comprovava.

Felizmente, um terceiro personagem chegou ao campo de batalha. Era o marido da alsaciana, também alsaciano e taberneiro, e ainda por cima bastante forte. Quando entendeu qual era a questão, e que o assassino só desejava pagar o preço por sua vítima, desarmou a esposa e todos se entenderam.

Tartarin pagou cem francos, o burro não valia mais que dez. É o preço corrente dos *burricos* nos mercados árabes. Depois, enterrou-se o pobre Negrinho ao pé de uma figueira e o alsaciano, de muito bom humor, graças à cor do dinheiro tarasconês, convidou o herói a fazer uma boquinha em sua taberna, que ficava a poucos passos dali, à beira da estrada.

Os caçadores argelinos vinham almoçar ali todos os domingos, pois a planície tinha caça farta, e a duas léguas em torno da cidade não havia lugar melhor para os coelhos.

– E os leões? – perguntou Tartarin.

O alsaciano fitou-o, muito espantado.

– Os leões?

– Sim... os leões... o senhor às vezes vê algum? – retomou o coitado, com um pouco menos de firmeza.

O taberneiro começou a rir. – Ah! bem... Obrigado... Os leões... Para quê?...

– Quer dizer que não há leões na Argélia?

– Dou minha palavra de que jamais vi um deles... E olhe que lá se vão vinte anos desde que cheguei para morar por estas bandas. Contudo, creio já ter ouvido falar... acho que nos jornais... Mas é muito longe daqui, no Sul...

Nesse momento, eles chegavam à taberna. Uma taberna de arrabalde, como se pode ver em Vanves ou em Pantin, com um ramo bem murcho sobre a porta, tacos de bilhar pintados nas paredes e esta tabuleta inofensiva:

O PONTO DE ENCONTRO DOS COELHOS

O ponto de encontro dos coelhos!... Ó Bravida, que recordação!

7. História de um ônibus, de uma mourisca e de um rosário de flores de jasmim

Essa primeira aventura poderia ter desencorajado muitas pessoas, mas homens de fibra como Tartarin não se deixam abater tão facilmente.

– Os leões estão no Sul – pensou o herói. – Então, vamos para o Sul.

E, assim que engoliu seu último bocado, levantou-se, agradeceu ao hospedeiro, abraçou a velha sem rancor, derramou uma última lágrima pelo infortunado Negrinho e voltou bem depressa a Argel, com a firme decisão de fazer as malas e partir naquele mesmo dia para o Sul.

Infelizmente, a longa estrada de Mustafá parecia ter ganhado em comprimento desde a véspera: fazia um sol, havia uma poeirada! A barraca pesava tanto... Tartarin não teve coragem de seguir a pé até a cidade e fez sinal para o primeiro ônibus que passou.

Ah, pobre Tartarin de Tarascon! Como teria sido melhor para seu nome, sua glória, não entrar naquele veículo fatal e prosseguir a pé o seu caminho, mesmo com o risco de morrer asfixiado sob o peso da atmosfera, da barraca e de suas incômodas espingardas de cano duplo raiado...

Quando Tartarin subiu, o ônibus completou a lotação. Lá no fundo ia, nariz afundado no breviário, um vigário de Argel, de enorme barba negra. À sua frente, um jovem mercador mouro que fumava um cigarro comprido. Depois, um marinheiro maltês e quatro ou cinco mouriscas mascaradas com linho branco, das quais só se podiam ver os olhos. Tais mulheres voltavam de suas devoções no cemitério de Abd-el-Kader, mas essa visita fúnebre não parecia tê-las entristecido. Entre elas, riam e falavam bastante, sob a máscara, enquanto trincavam alguns docinhos.

Tartarin sentiu que elas o olhavam insistentemente. Uma delas, sobretudo, a que seguia sentada à sua frente, plantara seus olhos nos de Tartarin e não os

desviou por toda a viagem. Ainda que a mulher estivesse com veu, a vivacidade daqueles grandes olhos negros, alongados pelo lápis kajal, um punho delicioso e fino carregado de braceletes de ouro que, de vez em quando, podíamos entrever, o som da voz, os movimentos graciosos, quase infantis, da cabeça, tudo dizia que ali seguia uma mulher jovem, bela, adorável... O infeliz Tartarin não sabia onde enfiar a cara.

A carícia muda desses belos olhos orientais perturbava-o, agitava-o, matava-o; sentia calor, sentia frio...

Para completar, a pantufa da dama resolveu agir: sobre suas grandes botas de caça ele a sentia deslizar, essa mínima pantufa, deslizar e bolir como um ratinho vermelho... O que fazer? Responder a esse olhar, a essa pressão?! Sim, mas e as consequências?... Uma intriga amorosa no Oriente é qualquer coisa de terrível!... E, com a sua imaginação romanesca e meridional, o bravo tarasconês já se via caindo nas mãos de eunucos, decapitado, mais até talvez, costurado num saco de couro e rolando sobre as ondas do mar, com sua cabeça ao lado. Tais pensamentos jogavam-lhe um pouco de água fria... Enquanto isso, a pequena pantufa continuava fazendo suas manobras, e os olhos bem defronte abriam-se para ele como duas flores de veludo negro, parecendo dizer:

– Colhe-nos...

O ônibus parou. Chegaram à praça do Teatro, à entrada da rua Bab-Azoun. Uma a uma, atrapalhadas por suas calças compridas e apertando o véu contra o rosto com uma graça selvagem, as mouriscas desceram. A vizinha de Tartarin levantou-se por último e, ao levantar-se, o rosto dela passou tão rente ao do herói que ele sentiu seu hálito roçar-lhe a face, um verdadeiro perfume de juventude e de jasmim, de almíscar e de confeitaria.

O tarasconês não resistiu. Ébrio de amor e disposto a tudo, atirou-se atrás da mourisca... Ao ruído de sua corridinha, a jovem voltou-se, pôs um dedo sobre sua máscara como que para dizer “psiu!” e vivamente, com a outra mão, lançou-lhe um pequeno rosário perfumado, feito com flores de jasmim. Tartarin de Tarascon abaixou-se para apanhá-lo; mas, como nosso herói estava um pouco pesado e sobrecarregado de armamentos, a operação levou um bom tempo...

Quando tornou a se erguer, rosário de jasmim ao peito, a mourisca desaparecera.

8. Leões do Atlas, durmam!

Leões do Atlas, durmam! Durmam tranquilos no fundo dos vossos abrigos, nos aloés e cactos selvagens... Por mais alguns dias, Tartarin de Tarascon não irá massacrá-los. Por enquanto, todo o seu arsenal bélico – caixas de armas, farmácia, barraca, conservas – descansa, pacificamente embalado, no Hôtel de l'Europe, num canto do quarto 36.

Durmam sem temor, grandes leões fulvos! O tarasconês procura por sua mourisca. Desde a história toda do ônibus, o infeliz julga sentir permanentemente sobre seu pé, seu enorme pé de caçador, as carícias do pequeno ratinho vermelho; e a brisa do mar, roçando-lhe os lábios, tem sempre o perfume – o que quer que faça – de um amoroso aroma de confetaria e de anis.

Quer porque quer sua magrebina!

Mas não é coisa tão simples encontrar numa cidade de cem mil almas uma pessoa de quem só se conhecem o hálito, as pantufas e a cor dos olhos; apenas um tarasconês, flechado pelo amor, seria capaz de empreender uma aventura dessas.

E o pior é que, sob as grandes máscaras brancas, todas as mouriscas se parecem; ademais, essas mulheres saem pouco para passear, e, quando se deseja vê-las, é preciso subir na cidade alta, a cidade árabe, a cidade dos *teurs*.

Um verdadeiro covil, essa cidade alta. Pequenas ruelas negras muito estreitas, subindo a pique entre duas filas de casas misteriosas, cujos telhados se encontram, formando túneis. Portas baixas e janelas bem pequenas, mudas, tristes, gradeadas. E depois, de um lado e de outro, um aglomerado de tendas de comércio muito sombrias onde os ferozes *teurs*, com cara de corsários – olhos brancos e dentes brilhantes – fumam longos cachimbos e conversam em voz baixa, como se combinassem algum malfeito.

Dizer que nosso Tartarin atravessava impávido essa cidade formidável seria mentir. Pelo contrário, estava bastante abalado, e nessas ruelas obscuras, cuja

largura era toda tomada por sua protuberante barriga, nosso bravo avançava com a máxima precaução, olhos atentos, dedo no gatilho de um revólver. Assim como em Tarascon, quando ia ao grêmio. A cada passo esperava que se lhe precipitassem às costas muitos eunucos e janízaros, mas o desejo de rever sua dama investia-o de audácia e de força gigantescas.

Durante oito dias, o intrépido Tartarin não saiu da cidade alta. Ora era visto postado diante dos banhos turcos, aguardando a hora em que essas mulheres saem aos bandos, arrepiadas e cheirando a banho tomado; ora surgia à porta das mesquitas, transpirando e bufando para tirar suas botas enormes antes de entrar no santuário...

Por vezes, ao cair da noite, quando retornava dilacerado por nada ter descoberto nos banhos ou na mesquita, o tarasconês, ao passar diante das casas mouriscas, ouvia monótonos cantos, sons abafados de guitarra, bater de pandeiro e risinhos de mulher que lhe aceleravam o coração.

– Talvez ela esteja aqui! – dizia a si mesmo.

Então, se a rua estivesse deserta, aproximava-se de uma dessas casas, levantava a pesada aldraba da porta baixa e batia timidamente... Os cantos paravam de imediato, os risos cessavam. Só se ouviam, por trás das paredes, um vago sussurrar, como num viveiro de pássaros adormecidos.

– Fiquemos atentos! – pensava o herói. – Algo está por acontecer.

O que na maioria das vezes acontecia era lhe atirarem em cima um balde de água fria, ou então cascas de laranja e figos... Nunca nada de mais grave...

Leões do Atlas, durmam!

9. O príncipe Grégory de Montenegro

Havia duas intermináveis semanas que o pobre Tartarin procurava sua dama argelina e, muito provavelmente, ainda a estaria procurando se a Providência dos amantes não viesse em seu socorro na forma de um fidalgo montenegrino. Vejamos:

No inverno, todas as noites de sábado, o grande teatro de Argel oferece seu baile de máscaras; igualzinho ao da Opéra. É o eterno e insípido baile de máscaras da província. Poucas pessoas no salão, alguns remanescentes do Bullier ou do Casino,^[27] virgens loucas na cola dos soldados, foliões fanados, carregadores aposentados e cinco ou seis lavadeiras mahonesas atiradas, mas que preservam de seus tempos virtuosos um vago perfume de alho e de molho de açafrão... Quem tem discernimento nem chega perto. Vai às salas de reunião, transformadas para a ocasião em salão de jogos... Uma multidão febril e variada se comprime ali, em volta dos longos tapetes verdes: turcos de licença jogando boa parte do pagamento, mercadores mouros da cidade alta, negros, malteses, colonos do interior que cruzaram quarenta léguas para vir apostar num ás o preço de uma charrua ou de uma parrelha de bois... todos agitados, pálidos, dentes cerrados, com esse olhar único do jogador, turvo, oblíquo, vesgo de tanto se fixar na mesma carta.

Mais adiante, temos as tribos de judeus argelinos jogando em família. Os homens vestem o traje oriental, horrivelmente complementado com meias azuis e gorro de veludo. As mulheres, soberbas e pálidas, mostram-se todas empertigadas em seus estreitos plastrões dourados... Reunida em torno das mesas, toda a tribo chia, entra em acordo, conta nos dedos e aposta pouco. De tempos em tempos apenas, depois de longos conchavos, um velho patriarca com barba de Pai Eterno se destaca e vai arriscar o dinheiro da família... É todo um cintilar de olhos hebraicos que se observa então, enquanto dura a partida, olhos terríveis de ímã negro voltados para a mesa. Que fazem girar as moedas de ouro

no tapete e acabam por atraí-las novamente como que puxadas por um fio...

Depois são as discussões calorosas, batalhas, pragas de todas as regiões, gritos loucos em todas as línguas, punhais que saltam das bainhas, a polícia que aparece, o dinheiro que desaparece!...

Foi para a agitação dessas saturnais que o grande Tartarin se deixou extraviar uma noite para buscar o esquecimento e a paz de espírito.

O herói seguira sozinho em meio à multidão, pensando em sua mourisca, quando, no meio dos gritos, de súbito, numa mesa de jogo, mais altas que o tilintar do ouro, duas vozes irritadas se sobressaíram:

– Pois digo que me faltam vinte francos, senhor!...

– Senhor!...

– O que há, senhor!...

– Veja bem com quem está falando, senhor!

– Pois eu gostaria muito de saber, senhor!

– Eu sou o príncipe Grégory do Montenegro, senhor!...

Ao som desse nome, agitadíssimo, Tartarin cruzou a multidão e veio postar-se na primeira fileira, contente e altivo por reencontrar seu príncipe, esse príncipe montenegrino tão polido que conhecera rapidamente a bordo do paquete...

Infelizmente, esse título de nobreza, que encheu os olhos do bom tarasconês, não causou a menor impressão no oficial de caçadores com quem o príncipe querelava.

– Pois bem, agora sei com quem estou falando... e daí? – zombou o militar; e a seguir, virando-se para a plateia: – Grégory do Montenegro... Quem conhece isso? Ninguém!

Tartarin, indignado, deu um passo à frente.

– Perdão... eu conheço o *preince!* – disse ele com voz firme e o melhor sotaque tarasconês.

O oficial de caçadores encarou-o por um momento e a seguir, deu de ombros:

– Ah, que bom!... Dividam entre si os vinte francos que me faltam e está encerrada a questão.

E a seguir virou as costas e se perdeu na multidão.

O raivoso Tartarin queria disparar em seu encalço, mas o príncipe deteve-o:

– Deixe... eu cuido disso.

–

E, tomando o tarasconês pelo braço, levou-o rapidamente para fora.

Quando chegaram à praça, o príncipe Grégory do Montenegro tirou o chapéu, estendeu a mão ao nosso herói e, lembrando-se muito vagamente do seu nome, falou com voz vibrante:

– Senhor Barbarin...^[28]

– Tartarin! – soprou o outro, timidamente.

– Tartarin, Barbarin, que importa? Entre nós, agora, é para a vida e para a morte!

E o nobre montenegrino apertou-lhe a mão energicamente... Calculem quão orgulhoso se sentia o tarasconês.

– *Preince!... Preince!...* – repetia, inebriado.

Quinze minutos depois, esses dois senhores achavam-se instalados no Restaurante dos Plátanos, uma agradável casa noturna cujas varandas dão para o mar, e ali, diante de uma salada russa reforçada, acompanhada por um bom vinho da Crescia, renovou-se a sua amizade.

Não se pode imaginar nada de mais sedutor do que esse príncipe montenegrino. Magro, fino, cabelos crespos, frisados a ferro, barbeado, constelado das mais exóticas honras, tinha um olhar astuto, gestos amáveis e um sotaque levemente italiano que lhe emprestava um falso ar de Mazarino^[29] sem bigodes; muito conhecedor de línguas latinas, citava por qualquer coisa Tácito, Horácio e os *Comentários*.^[30]

Herdeiro de raça antiga, seus irmãos, ao que parece, exilaram-no aos dez anos de idade, por causa de suas opiniões liberais, e desde então ele corria o mundo para aprender e se divertir, como nobre filósofo... Coincidência singular! O príncipe passara três anos em Tarascon, e como Tartarin se espantara por jamais tê-lo encontrado no grêmio ou na esplanada: “Eu saía pouco...”, disse Sua Alteza em tom evasivo. E o tarasconês, por discrição, não ousou perguntar mais nada. Todas essas grandes existências têm os seus mistérios!...

No fim das contas, um ótimo príncipe esse senhor Grégory. Sorvendo em pequenos goles o vinho *rosé* da Crescia, ouvia pacientemente Tartarin contar-lhe de sua mourisca e até garantiu que, por conhecer todas as mulheres, iria encontrá-la prontamente.

Bebeu-se muito ali, e demoradamente. Brindou-se: “Às damas de Argel! Ao Montenegro livre!”...

Lá fora, sob a varanda, o mar rolava, e as ondas, no escuro, batiam na praia

com ruído de lençóis molhados que se sacodem. O ar estava quente, o céu cheio de estrelas.

Nos plátanos, um rouxinol cantava...

Foi Tartarin quem pagou a conta.

10. Diga-me o nome de seu pai e eu lhe direi o nome desta flor

Nada como um príncipe montenegrino para retirar tão rapidamente uma codorniz de seu esconderijo.

No dia seguinte a essa noitada no Plátano, desde o raiar da manhã o príncipe Grégory já se encontrava no quarto do tarasconês.

– Depressa, depressa, vista alguma coisa... Encontramos sua mourisca... Chama-se Baía... Tem vinte anos, linda como o amor, e já viúva...

– Viúva!... Que sorte a minha! – exclamou com alegria o bom Tartarin, que temia um pouco os maridos do Oriente.

– Sim, mas o irmão dela a mantém sob vigilância implacável.

– Mas que diabos!...

– Um mouro feroz que vende cachimbos no bazar de Orléans...

Aqui, um silêncio.

– Bem – retomou o príncipe –, o senhor não me parece homem que se assuste com tão pouca coisa; de mais a mais, penso que depois de comprarmos alguns cachimbos a fera ficará mais maleável... Vamos depressa, vista qualquer coisa... Seu sortudo!

Pálido, emocionado, o peito a transbordar de amor, o tarasconês saltou de sua cama e, abotoando apressado sua ceroula de flanela:

– O que é preciso fazer?

– Escrever à dama e rogar-lhe um encontro, nada mais!

– Quer dizer que ela sabe francês?... – comentou com ar desapontado o ingênuo Tartarin, que sonhava com um Oriente totalmente puro.

– Nem uma única palavra – respondeu o príncipe, imperturbável... –, mas o senhor vai ditar-me a carta e traduzirei palavra por palavra.

– Ó, príncipe, quanta bondade!

– E o tarasconês... – disse o príncipe, e voltou para o quarto em silêncio.

E o tarascones se pos a caminnar a passos largos peio quarto, silencioso e pensativo.

Pode-se imaginar que não se escreve a uma dama moura de Argel como a uma costureirinha de Beaucaire. Mas felizmente nosso herói tinha a bagagem das intermináveis leituras que lhe permitiram, misturando a retórica apache dos índios de Gustave Aimard com a *Voyage en Orient*, de Lamartine, além de algumas reminiscências distantes do *O Cântico dos Cânticos*,^[31] compor a carta mais oriental de que já se teve notícia. A coisa toda começava assim:

Como a avestruz nas areias...

E terminava assim:

Diga-me o nome de seu pai e lhe direi o nome desta flor...^[32]

A essa carta, o romanesco Tartarin bem que teria gostado de juntar um ramalhete de flores emblemáticas, à moda oriental, mas o príncipe Grégory imaginou ser mais prudente comprar alguns cachimbos com o irmão, o que, sem deixar de adoçar o humor selvagem do senhor, daria grande prazer à dama, fumante contumaz...

– Vamos já comprar os tais cachimbos – disse Tartarin, cheio de ardor.

– Não!... Não!... Deixe-me ir sozinho até lá. Conseguirei um preço mais em conta...

– Como? Que boa vontade... Ó, príncipe... príncipe... E o bom homem, totalmente confuso, estendeu sua bolsa ao obsequioso montenegrino, recomendando que não economizasse com a alegria da dama.

Infelizmente o negócio – ainda que bem tramado – não se concluiu tão depressa como seria desejável. Tocadíssima, ao que parece, pela eloquência de Tartarin, e de antemão já bastante seduzida, a moura não queria outra coisa senão recebê-lo; mas o irmão tinha muitos escrúpulos e, para anesthesiá-los, foi preciso comprar dúzias, grosas, carregamentos de cachimbos...

– Mas que diabos vai fazer Baía com todos esses cachimbos? – perguntava-se o pobre Tartarin, mas pagava assim mesmo e nunca pechinchava.

Finalmente, após ter comprado montanhas de cachimbos e derramado

torrentes de poesia oriental, obteve seu encontro.

Nem preciso dizer com que palpitações no peito o tarasconês se preparou, com que ternos cuidados aparou, lustrou e perfumou sua rude barba de caçador de boinas, sem esquecer – pois é preciso estar sempre preparado – de dissimular em seu bolso um cassetete e dois ou três revólveres.

O príncipe, sempre solícito, participou desse primeiro encontro na qualidade de intérprete. A dama morava na cidade alta. Diante de uma porta, um jovem mouro de uns treze ou catorze anos fumava cigarros. Era o famoso Ali, o tal irmão. Vendo que já se aproximavam os dois visitantes, bateu duas vezes na porta e retirou-se discretamente.

A porta abriu-se. Apareceu uma negra que, sem dizer qualquer palavra, conduziu aqueles senhores por um estreito pátio interno, até um quartinho fresco onde a dama já os aguardava, apoiada a uma cama baixa... À primeira vista, pareceu ao tarasconês menor e mais robusta que a moura do ônibus... Seria a mesma, de fato? Mas tal suspeita nasceu e se dissipou na mente de Tartarin com a velocidade de um relâmpago.

A dama estava tão bela assim, com seus pés desnudos, seus dedos gordinhos carregados de anéis, rosada, delicada, e, sob seu corpete de tecido dourado, sob as ramagens de seu vestido florido, deixava adivinhar uma pessoa amável, um tanto rechonchuda, apetitosa sem dúvida, e cheia de curvas... O tubo de âmbar do narguilé fumegava a seus lábios e a envolvia completamente numa áurea de fumaça loura.

Ao entrar, o tarasconês pôs a mão no coração e inclinou-se o mais mouriscamente possível, lançando-lhe um olhar apaixonado... Baía fitou-o por um momento sem dizer nada; depois, abandonando seu tubo de âmbar, jogou-se para trás, escondeu o rosto com as mãos, e não se viu mais que seu pescoço branco, sacudido como um saco de pérolas por uma gargalhada louca.

11. Sidi Tart'ri ben Tart'ri

Quem entrar à noite num café argelino qualquer da cidade alta poderá ainda hoje ouvir alguns mouros entabularem entre eles uma conversa cheia de piscadelas e risinhos marotos sobre um certo Sidi^[33] Tart'ri ben Tart'ri, rico e amável europeu que – lá se vão alguns anos – vivia nos bairros altos com uma mulher da vida chamada Baía.

O Sidi Tart'ri em questão, que deixou tão alegres lembranças na Casbah, não era outro, adivinhem, senão o nosso Tartarin...

Que querem? Até na vida dos santos e heróis há momentos assim, de cegueira, de perturbação, de fraqueza. O ilustre tarasconês deles não estava mais livre do que os outros. Por isso é que – durante dois meses –, esquecido dos leões e da glória, se inebriou de amor oriental e adormeceu, como Aníbal em Cápua,^[34] nas delícias de Argel, a Branca.

O bom homem alugara, no coração da cidade árabe, uma bela casinha típica com pátio interno, bananeiras, galerias arejadas e fontes. Ali vivia, longe de todo o burburinho, em companhia de sua moura, ele próprio mouro da cabeça aos pés, soprando o dia inteiro seu narguilé e comendo doces almiscarados.

Estendida sobre um divã, à sua frente, Baía, empunhando o violão, cantava, com voz um tanto anasalada, árias monótonas ou, para distrair seu senhor, simulava a dança do ventre, tendo na mão um espelhinho em que contemplava seus dentes brancos, fazendo caras e bocas.

Como a dama não conhecia uma única palavra de francês nem Tartarin uma de árabe, a conversa por vezes definhava, e o tarasconês, muito tagarela, tinha todo o tempo do mundo para se penitenciar pelo destempero verbal de que se tornara culpado na farmácia Bézuquet ou na loja do armeiro Costecalde.

Mas até mesmo a essa penitência não faltava certo encanto, e era como um *spleen*^[35] voluptuoso o que ele experimentava em ali passar o dia inteiro sem

falar, ouvindo o gluglu do narguilé, o ranger do violão e o suave rumor da fonte nos mosaicos do pátio.

O narguilé, o banho e o amor preenchiam toda a sua vida. Quase não saíam. Por vezes, Sidi Tart'ri, com sua dama na garupa, montava sobre uma boa mula e ia saborear romãs num pequeno pomar que adquirira ali pelas redondezas... Mas nunca, jamais, descia à cidade europeia. Com seus zuavos da orgia, seus alcáceres cheios de oficiais e seu eterno ruído de espadas circulando por sob as arcadas, essa Argel parecia-lhe insuportável e feia como um corpo de guarda do Ocidente.

Em suma, o tarasconês vivia numa felicidade só. Tartarin-Sancho, sobretudo, apaixonado por doces turcos, declarava-se satisfeito a não mais poder com a sua nova existência... Tartarin-Quixote, por sua vez, sentia, mas muito raramente, algum remorso ao pensar em Tarascon e nas peles prometidas... Mas isso durava pouco, e para espantar essas ideias tristes bastava um olhar de Baía ou uma colherada daqueles doces diabólicos, cheirosos e perturbadores como as beberagens de Circe.^[36]

À noite, o príncipe Grégory visitava-o para falar um pouco do Montenegro livre... Dono de uma incansável gentileza, esse amável senhor desempenhava na casa as funções de intérprete e, havendo necessidade, de intendente, e tudo isso de graça, pelo simples prazer de obsequiar... A não ser ele, Tartarin só recebia *teurs*. Todos aqueles corsários de aspecto feroz que antes o assustavam tanto, entocados em suas barracas sombrias, revelaram-se, quando os conheceu melhor, bons comerciantes inofensivos, bordadores, negociantes de especiarias, torneiros de tubos de cachimbo, todos muito bem-educados, humildes, amáveis, discretos e de alto nível com um baralho. Quatro ou cinco vezes por semana, esses bons senhores vinham passar a noite em casa de Sidi Tart'ri, ganhavam-lhe o dinheiro, comiam-lhe os doces e, ao bater das dez horas, retiravam-se discretamente, dando graças ao Profeta.

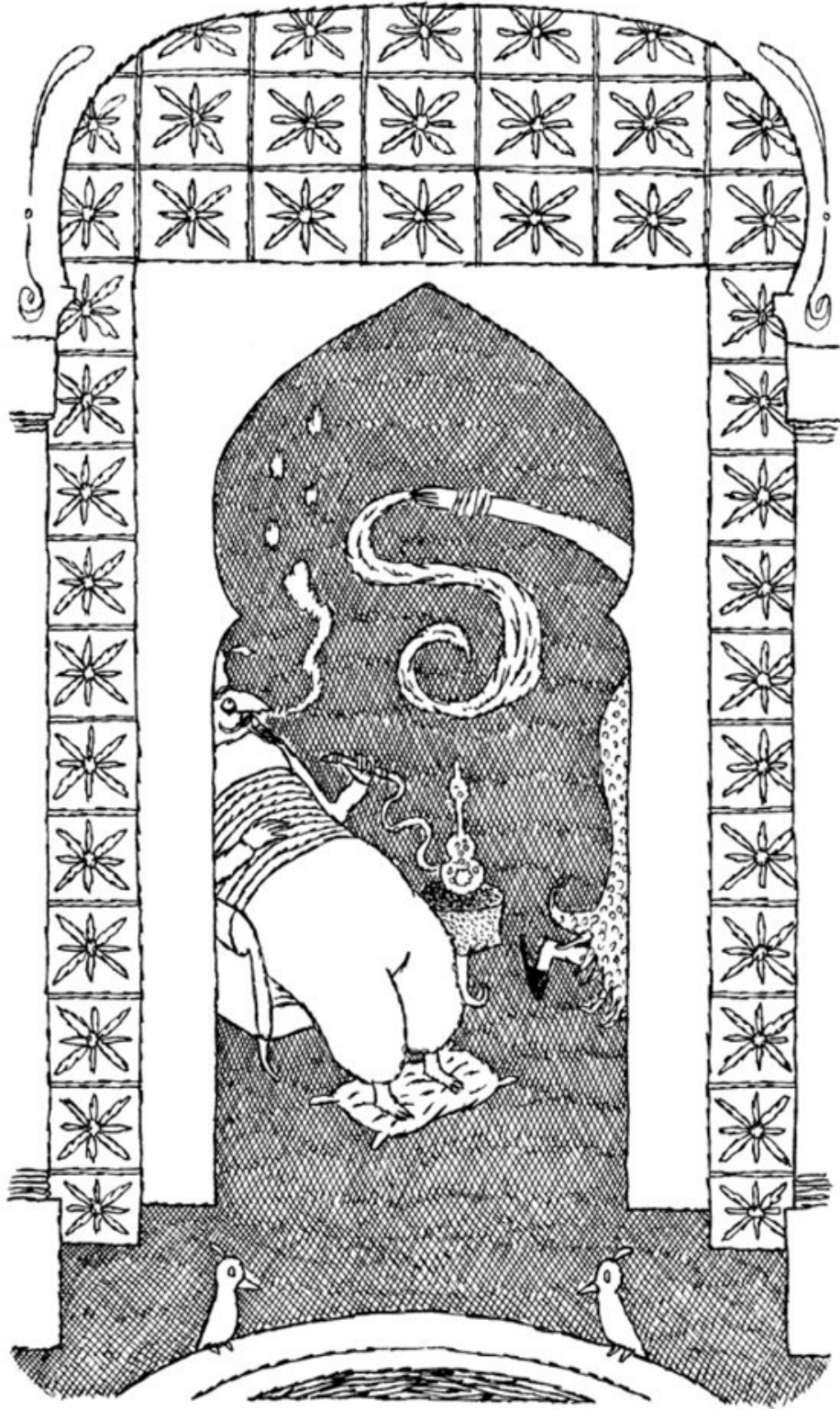
Assim que saíam, Sidi Tart'ri e sua fiel esposa terminavam a noite no terraço branco sobre o teto da casa que dominava a cidade. Ao redor, mil outros terraços brancos, tranquilos sob o luar, desciam escalonados até o mar. Sons de violão chegavam com a brisa.

... De repente, como um ramalhete de estrelas, uma límpida melodia alongava-se docemente no céu, e, sobre o minarete da mesquita vizinha, um belo muezim surria. recortando seu vulto branco no azul profundo da noite. e

cantava a glória de Alá com uma voz maravilhosa que enchia o horizonte.

Baía largava sem demora seu violão, e seus grandes olhos, voltados para o muezim, pareciam beber com delícia aquela prece. Enquanto durasse o canto, ela permanecia assim, fremente, extasiada, como uma Santa Teresa do Oriente... Tartarin, comovidíssimo, contemplava as rezas dela e pensava intimamente como era poderosa e bela aquela religião capaz de provocar semelhante êxtase de fé.

Tarascon, encare a realidade! Seu Tartarin sonhava em fazer-se renegado.



12. Escrevem-nos de Tarascon

Uma bela tarde de céu azul e brisa tépida, Sidi Tart'ri, montado em sua mula, retornava sozinho de seu pomar... As pernas afastadas por grandes almofadas de espartaria, recheadas de cidras e melancias, embalado pelo ruído de seus grandes estribos e acompanhando com todo o corpo o molejo do animal, assim seguia o bom homem por uma adorável paisagem, as mãos cruzadas sobre o ventre, meio entorpecido pelo bem-estar e pelo calor.

De repente, ao entrar na cidade, um vigoroso chamado despertou-o.

– Oh! Que sorte danada! Parece o senhor Tartarin!

Ao ouvir o nome Tartarin pronunciado com um sotaque alegremente meridional, o tarasconês levantou a cabeça e avistou, a alguns passos dali, a face curtida e simpática do mestre Barbassou, o capitão do *Zouave*, que tomava absinto e fumava seu cachimbo à porta de um pequeno café.

– Como vai, Barbassou? – disse Tartarin, freando sua mula.

Em vez de lhe responder, Barbassou fitou-o por um momento, com olhos arregalados; depois, desatou a rir com tal intensidade que Sidi Tart'ri acabou ficando meio embaraçado, sentado sobre as melancias.

– Que turbante, meu pobre Tartarin!... Então é verdade o que andam dizendo por aí, que o senhor se fez *teur*?... E a pequena Baía, ela ainda canta *Marco la Belle*?

– *Marco la Belle!* – exclamou Tartarin, indignado... – Pois saiba, capitão, que a pessoa a quem se refere é uma jovem moura muito honesta que não sabe uma palavra de francês.

– Baía? Não sabe uma palavra de francês?... De onde o senhor saiu?...

E o bom capitão tornou a rir com mais força.

Depois, vendo a cara encabulada do pobre Sidi Tart'ri, tentou consertar:

– Na verdade, talvez não falemos da mesma pessoa... Digamos que me confundi... Mas por favor, senhor Tartarin, não custa nada desconfiar das

...
mouras argelinas e dos príncipes do Montenegro!...

Tartarin ergueu-se nos estribos e fez uma cara de zangado.

– O príncipe é meu amigo, capitão.

– Está bem, está bem! Não vamos brigar por causa disso... Não quer tomar um absinto? Não? Deseja mandar algum recado para sua terra?... Também não?... Pois bem, se é assim, boa viagem... A propósito, colega, trouxe um tabaco muito bom da França. Se quiser um pouco é só pegar; vai lhe fazer bem. São esses malditos tabacos orientais que andam lhe embaralhando as ideias.

Encerrada aí a questão, o capitão retornou ao seu absinto e Tartarin, muito pensativo, retomou a trote curto o caminho de casa... Ainda que sua alma boa se recusasse a acreditar nas insinuações de Barbassou, elas terminaram por entristecê-lo; além disso, aquelas fofocas típicas da região, o sotaque tão característico da sua terra, tudo isso despertou no homem vagos remorsos.

Em casa, não encontrou ninguém. Baía tinha ido ao banho... A negra pareceu-lhe feia e a casa, triste... Envolto em uma indefinível melancolia, foi sentar-se junto à fonte e encheu um cachimbo com o tabaco de Barbassou. Esse tabaco encontrava-se embrulhado num pedaço do *Sémaphore*. Desdobrando a página, o nome de sua cidade natal saltou-lhe aos olhos:

Escrevem-nos de Tarascon:

“A cidade está em transe. Tartarin, o matador de leões, que partiu para caçar os grandes felinos na África, não manda notícias há meses... Que terá acontecido com o nosso heroico compatriota?... Mal ousamos indagar, conhecedores que somos de toda aquela obstinação, toda aquela audácia, aquela sede de aventuras... Terá sido ele, como tantos outros, engolido pela areia ou antes terá caído sob os dentes assassinos de um desses monstros do Atlas cuja pele prometera oferecer à municipalidade?... Dúvida cruel! E, contudo, mercadores negros vindos para a feira de Beaucaire dizem ter encontrado, em pleno deserto, um europeu cuja descrição correspondia à dele, e que se dirigia para Tombouctou.. Deus proteja nosso Tartarin!”

Quando leu aquilo, o tarasconês enrubesceu, empalideceu, estremeceu. Toda Tarascon surgiu-lhe: o grêmio, os caçadores de boinas, a poltrona verde de

Costecalde e, planando acima de tudo isso, como uma águia de asas abertas, o formidável bigode do bravo comandante Bravida.

Então, ao ver-se assim como estava, covardemente agachado sobre sua esteira, quando o imaginavam encarniçado a massacrar feras, Tartarin de Tarascon teve vergonha de si mesmo e chorou.

De repente, o herói deu um pulo:

– Ao leão! Ao leão!

E atirando-se ao reduto poeirento onde descansavam a barraca, a farmácia, as conservas, a caixa de armas, arrastou-as para o meio do pátio.

Tartarin-Sancho acabava de expirar; agora havia apenas Tartarin-Quixote.

Foi só o tempo de inspecionar todo o material, armar-se, aparelhar-se, calçar suas botas enormes, escrever duas palavrinhas ao príncipe para confiar-lhe o cuidado de Baía, inserir no envelope algumas notas azuis banhadas de lágrimas e pronto: o intrépido tarasconês já partia em diligência sobre a estrada de Blidah, deixando em casa a negra estupezata diante do narguilé, do turbante, das babuchas, todo o espólio muçulmano de Sidi Tart'ri lamentavelmente espalhado sob os pequenos trevos brancos da galeria...

22 Pierre-Alfred Ravel (1814-85) e Jules Charles Pérès Jolin (1822-82), comediantes franceses bastante populares em Paris na época em que Daudet escreveu o romance.

23 Pacata comuna francesa às margens do Sena, entre Paris e Versalhes.

24 O escritor Miguel de Cervantes (1547-1616) atuou como soldado à frente do exército espanhol. Em 1575, quando voltava para a Espanha de uma batalha em Nápoles, na Itália, a embarcação em que viajava foi sequestrada por corsários argelinos e levada para Argel, então parte do Império Otomano. Cervantes foi libertado apenas em 1580.

25 Referência à comédia-balé de Molière (1622-73) *O senhor de Pourceaugnac* (1669), na qual os personagens de dois médicos falam um latim ridículo, exagerado, numa tentativa de mostrar erudição.

26 Jacques Offenbach (1819-1880), compositor alemão naturalizado francês, tornou-se muito popular ao ter suas músicas adaptadas para ritmos dançantes, como a polca – comumente tocada por artistas de rua –, o cançã e a valsa.

27 Conhecidos salões parisienses, locais de grande importância cultural e política no século xviii, considerados espaços de sociabilidade alternativos à corte, onde se reuniam artistas, aristocratas, burgueses, intelectuais. Ali se formava a opinião pública e debatia-se criticamente sobre o poder monárquico e eclesiástico.

28 Sobre o nome Barbarin, Daudet revela em *Histoire de mes livres* [História dos meus livros, 1888]: “O personagem do meu livro se chamaria então Barbarin de Tarascon. Mas havia justamente em Tarascon uma tradicional família Barbarin que me ameaçou caso eu não retirasse o nome da minha obra, considerada por eles um ofensivo disparate”. Daudet trocou o nome do personagem, mas criou, nesta passagem, uma brincadeira, aludindo à sua primeira opção de grafia.

29 Mazarino Jules Mazarin (1602-61), conhecido como Cardeal Mazarino, foi primeiro-ministro francês de 1642 até sua morte e, por suas origens, falava francês com sotaque italiano. O escritor Alexandre Dumas retratou o estadista – cujo bigode sobressalente destaca-se em todos os seus retratos – como um dos personagens principais do romance *Vinte anos depois*, continuação de *Os três mosqueteiros*.

30 Tácito (55-120) foi um historiador, orador e político romano. Horácio (65-8 a.C.), filósofo e um dos maiores poetas da Roma Antiga. Por *Comentários*, o narrador refere-se a *Commentarii de Bello Gallico* [Comentários sobre a Guerra da Gália, c. 50 a.C.], livro escrito por Júlio César, um dos mais célebres estadistas romanos. Apesar de considerada uma obra de memórias, possui inegável valor histórico, em razão dos detalhados relatos – feitos por um de seus protagonistas – das operações militares empreendidas contra as tribos celtas que viviam espalhadas pela Suíça, França, Bélgica e Inglaterra, de 58 a 52 a.C.

31 *O Cântico dos Cânticos* (c. 400 a.C.) faz parte dos livros poéticos do Antigo Testamento bíblico e é um poema erótico, lírico e enigmático, de autoria incerta, embora, segundo a interpretação hebraica, seja atribuído a Salomão, filho do rei Davi.

32 Citação de *Voyage en Orient* [Viagem ao Oriente, 1835], do poeta, escritor, historiador e político francês Alphonse de Lamartine (1790-1869), conhecido por seus poemas melancólicos cuja temática recai frequentemente sobre o amor. *Voyage en Orient* marca seu ingresso na prosa e apresenta um relato da viagem que realizou com a esposa e a filha ao Oriente Médio, entre 1832 e 1833.

33 Termo árabe correspondente a “senhor”, utilizado com conotação pejorativa para se referir aos magrebinos que vivem na França.

34 Aníbal foi um general e estadista da antiga cidade de Cartago, no norte da África, considerado um dos maiores estrategistas militares de todos os tempos. Cápua é uma comuna da região de Campanha, no sul da Itália, onde o general passou o inverno durante a II Guerra Púnica, no momento dito mais propício para derrotar a indefesa Roma. Após o episódio, a expressão “as delícias de Cápua” passou a designar a postura de quem, próximo de conquistar uma vitória, deixa de esforçar-se e acaba derrotado.

35 Em francês, o termo *spleen* refere-se a um estado de tédio e melancolia sem causa aparente, caracterizado pela aversão a todas as coisas.

36 Deusa que aparece no canto x da Odisseia (séc. viii a.C.), de Homero, filha do Sol, cujo dom é transformar homens em animais. Para salvar seus companheiros do encantamento de Circe, que os havia convertido em porcos, Hermes oferece a Odisseu uma planta mágica e o orienta a colocá-la na bebida venenosa oferecida pela deusa antes de tomá-la. Como a magia não surte efeito em Odisseu, ele e toda a tripulação – após recuperar a forma humana – usufruem da hospitalidade e do amor da feiticeira durante um ano, sem preocupar-se com a pátria, resignados à vida de ócio e prazer.

TERCEIRO EPISÓDIO

Na terra dos leões

1. As diligências deportadas

Era uma daquelas velhas diligências de outrora, forrada à moda antiga com tecido azul, grosso e desbotado, com enormes borlas de lã crespa que, após algumas horas de estrada, terminam por machucar-nos as costas... Tartarin de Tarascon arranhou para si um cantinho na parte de trás da cabine; ali se instalou o melhor que pôde e, enquanto aguardava a hora de respirar as emanções almiscaradas dos grandes felinos da África, o herói foi obrigado a contentar-se com aquele bom e velho cheiro de diligência, a insólita mistura de mil outros odores, de homens, cavalos, mulheres e couro, víveres e palha umedecida.

Havia de tudo um pouco nesse veículo. Um trapista, comerciantes judeus, duas cocotes que voltavam para o seu regimento – o terceiro de Hussardos –, um fotógrafo de Orléansville... Mas, por mais encantadora e variada que fosse a companhia, o tarasconês não estava para conversas e permaneceu totalmente dedicado aos seus pensamentos, braço na braçadeira, carabina entre os joelhos... Sua partida precipitada, os olhos negros de Baía, a terrível caçada que ia empreender, tudo isso lhe perturbava o cérebro, sem contar que com seu bom aspecto patriarcal, essa diligência europeia, reencontrada em plena África, fazia lembrar vagamente a Tarascon de sua juventude, os passeios pelo arrabalde, pequenos jantares à beira do Ródano, um sem-fim de lembranças...

Pouco a pouco a noite caía. O condutor acendeu suas lanternas... A diligência enferrujada balançava, fazendo ranger as velhas molas; os cavalos iam a trote, os guizos tilintavam... de vez em quando, lá em cima, sob o toldo da imperial, ouvia-se um terrível ruído de ferragens... Era o seu arsenal bélico.

Tartarin de Tarascon, semiadormecido, observou por algum tempo os viajantes comicamente sacudidos pelos solavancos, que pareciam dançar à sua frente como sombras burlescas, depois seus olhos escureceram, seu pensamento se esvaiu e não ouviu mais nada além de um muito vago gemido proveniente do eixo das rodas e dos flancos da diligência a ranger lamentosos...

Subitamente, uma voz, uma voz de fada velha, rouca, de taquara rachada, chamou o tarasconês pelo nome:

– Senhor Tartarin! Senhor Tartarin!

– Quem me chama?

– Sou eu, senhor Tartarin, não está me reconhecendo?... Sou aquela velha diligência que fazia – há vinte anos – o transporte de Tarascon a Nîmes... Quantas vezes o transportei e aos seus amigos quando iam caçar boinas para os lados de Jonquières ou de Bellegarde!... Não o reconheci de imediato por causa do seu boné de *teur* e do corpo que ganhou com os anos; mas, assim que se pôs a roncar, filho da boa sorte, eu logo o reconheci.

– Está bem, está bem! – disse o tarasconês, meio vexado.

Depois, mais dócil:

– Mas enfim, minha pobre velha, o que veio fazer por aqui?

– Ah, meu bom senhor Tartarin, não vim por vontade própria, isso eu garanto... Uma vez concluída a estrada de ferro de Beaucaire, não me acharam mais útil para nada e me mandaram para a África... E não sou a única! Quase todas as diligências da França foram deportadas como eu. Consideravam-nos muito reacionárias e agora eis-nos aqui, levando vida de miséria... É o que na França vocês chamam de estradas de ferro argelinas.

Aqui, a velha diligência exalou um longo suspiro, depois prosseguiu:

– Ah, senhor Tartarin, que falta me faz minha bela Tarascon! Foi a minha melhor fase, os tempos da juventude! Dava gosto ver-me partir pela manhã, muito bem lavada e luzidia com minhas rodas recém-envernizadas, minhas lanternas que pareciam dois sóis e meu toldo esfregado a óleo! Era uma beleza quando o postilhão fazia estalar o seu chicote no ar: *Lagadigadeou, La Tarasque! La Tarasque!*,^[37] e quando o condutor, corneta a tiracolo, boné bordado meio de lado, arremessando com o braço em gancho seu cãozinho, sempre irritado, sobre o toldo da imperial, saltava ele próprio lá para cima gritando: “Eia! Eia!”. Então meus quatro cavalos disparavam ao som dos guizos, dos latidos, das fanfarras, as janelas abriam-se e toda Tarascon contemplava com orgulho a diligência abalar a grande estrada real.

Que bela estrada, senhor Tartarin, larga, bem conservada, com seus marcos quilométricos, seus montes de pedra regularmente espaçados e, à direita e à esquerda, belas planícies de oliveiras e vinhas... Depois, albergues a cada dez

passos, descanso a cada cinco minutos... E meus viajantes, que gente boa! Políticos e vigários que iam a Nîmes para encontrar seu prefeito ou seu bispo, bons fabricantes de tafetá que voltavam do *Mozet* muito honestamente, colegas em férias, camponeses de blusa bordada, recém-barbeados, e lá em cima, sobre a imperial, todos vocês, senhores caçadores de boinas, sempre de bom humor e cantando tão deliciosamente cada um *a vossa*, à noite, sob as estrelas, quando retornavam!...

Agora, a história é diferente... Sabe Deus os tipos que carrego! Um bando de infieis vindos não sei de onde, que me encham de bichos, negros, beduínos, soldados, aventureiros de todos os países, colonos em farrapos que me empestam com seus cachimbos, e tudo isso falando uma língua que nem Deus, nosso pai, compreenderia... Ademais, veja como me tratam! Nunca me esfregam, nunca me lavam. E ainda praguejam se precisam arcar com alguma despesa para azeitar meus eixos... Em vez de meus bons cavalos tranquilos de outrora, cavaleiros árabes que parecem ter o diabo no corpo, que se batem, se mordem, correm dançando como cabras e me arrebatam com seus coices... Ai! Ai! Está vendo? Já começaram... E as estradas, então? Por aqui é até suportável, porque ainda estamos nos arredores da sede do governo; mas lá para baixo não há mais nada, nada que se possa chamar de estrada. Vai-se como pode, por montes e planícies, sob palmeiras anãs e aroeiras... Nenhum descanso fixo. Para-se ao capricho do condutor, ora numa fazenda, ora noutra.

Às vezes esse debochado aí me obriga a fazer um desvio de duas léguas para ir à casa de um amigo beber absinto ou *champoreau*... Depois só se ouve: "Meta o chicote, postilhão! É preciso recuperar o tempo perdido! O sol torra, a poeira abrasa. Não descansa esse chicote!". Empaco, bamboleio... e: "Mais força no chicote!". Cruzamos rios a nado, saímos constipados, encharcados, afundamos... Chicote! Chicote e mais chicote!... Depois, à noite, assim molhada, o que é ótimo na minha idade, com meus reumatismos!..., me deixam dormir ao relento, num pátio de caravançará aberto a todos os ventos. À noite, chacais e hienas vêm farejar minhas caixas, e os salteadores, fugindo do sereno, encontram um cantinho bem aconchegante em meus compartimentos... Eis aí a vida que levo por aqui, meu pobre senhor Tartarin, e é a vida que levarei até o dia em que, esturricada pelo sol, mofada pelas noites úmidas, cairei, não podendo mais resistir, num canto de estrada desagradável, onde árabes cozinharão seu cuscuz

com os restos de minha velha carcaça...

– Blidah, Blidah! – gritou o condutor, abrindo a portinhola.

2. Onde aparece um tipo baixinho

Vagamente, através dos vidros embaçados pela névoa, Tartarin de Tarascon entreviu uma graciosa praça de bairro, praça simétrica, com arcadas em volta e muitas laranjeiras, no centro da qual soldadinhos de chumbo faziam exercícios na clara bruma rosada da manhã. Os cafés abriam as janelas. Num canto, um mercado de legumes... Era encantador, mas ainda não se sentia cheiro de leão.

– Ao sul!... Mais para o sul! – murmurou o bom Tartarin reacomodando-se em seu lugar.

Naquele momento, a portinhola se abriu. Uma lufada de ar fresco penetrou o recinto, trazendo em suas asas o perfume das flores de laranjeira e um tipo bem baixinho, trajando sobrecasaca marrom, velho, seco, enrugado, empertigado, com o rosto do tamanho de um punho fechado, gravata de seda preta de uns cinco dedos, uma pasta de couro, um guarda-chuva: o típico tabelião de aldeia.

Notando o arsenal bélico do tarasconês, o tipo baixinho, que se sentou bem à frente dele, pareceu excessivamente surpreso e se pôs a observar Tartarin com uma incômoda insistência.

Desatrelaram, atrelaram, a diligência partiu... O tipo baixinho ainda observava Tartarin... Depois de certo tempo, o tarasconês não aguentou mais.

– Isto o espanta? – disse ele encarando por sua vez o tipo baixinho que tinha à frente.

– Não! Apenas me incomoda – respondeu o outro, muito tranquilamente. E o fato é que, com sua barraca, seu revólver, seus dois fuzis com capa, sua faca de caça, sem falar de sua corpulência natural, Tartarin de Tarascon ocupava muito espaço...

A resposta do tipo baixinho aborreceu-o:

– O senhor deve supor que eu deveria caçar leões com seu guarda-chuva? – disse orgulhosamente o grande homem.

O baixinho olhou para o seu guarda-chuva. sorriu com docilidade. e. em

seguida, sempre com a mesma fleuma: – Então, o senhor vem a ser...

– Tartarin de Tarascon, matador de leões!

Ao pronunciar essas palavras, o intrépido tarasconês sacudiu como uma crina a sua *chéchia*.

Houve na diligência um instante de estupor.

O trapista benzeu-se, as cocotes soltaram gritinhos de espanto, o fotógrafo de Orléansville aproximou-se do matador de leões, sonhando já com a honra insigne de tirar-lhe um retrato.

O tipo baixinho não pareceu desconcertado:

– E já matou muitos leões, senhor Tartarin? – perguntou com extrema calma.

O tarasconês rebateu, impávido:

– Se já matei muitos, senhor?... Oxalá o senhor tivesse um número igual de fios de cabelo sobre a cabeça.

E toda a diligência desatou a rir contemplando os três fios louros de Cadet-Roussel^[38] que se eriçavam sobre o crânio do baixinho.

Foi a vez de o fotógrafo tomar a palavra:

– Terrível profissão essa sua, senhor Tartarin!... Imagino os maus momentos a que está sujeito... Veja o caso do senhor Bombonnel...

– Ah, sei... o matador de panteras... – disse Tartarin, com desdém.

– O senhor o conhece? – indagou o tipo baixinho.

– Ah! Ora vejam!... Se o conheço?... Já caçamos juntos mais de vinte vezes.

O tipo baixinho sorriu:

– Quer dizer que também caça panteras, senhor Tartarin?

– Às vezes, como mero passatempo... – respondeu o tarasconês, irritado.

E ainda acrescentou, erguendo a cabeça numa pose de herói que inflamou o coração das duas cocotes: – Não têm o mesmo valor do leão!

– Ao fim e ao cabo – arriscou o fotógrafo de Orléansville –, uma pantera é apenas um gato mais encorpado...

– Perfeitamente! – exclamou Tartarin, satisfeito por diminuir um pouco a glória de Bombonnel, sobretudo diante das mulheres.

Aqui a diligência fez uma parada, o condutor abriu a portinhola e disse ao velhinho, em tom muito respeitoso: – Senhor, é aqui que desce.

O tipo baixinho levantou-se e desceu, mas antes de fechar a portinhola: – O senhor permite que lhe dê um conselho, senhor Tartarin?

– Qual?

– Ouça bem! Em verdade, o senhor parece ser um bom homem, por isso serei sincero... Volte o mais rápido possível para Tarascon, senhor Tartarin... Aqui só perde seu tempo... Ainda existem umas poucas panteras na província; mas, ora bolas, não é caça que esteja à sua altura... Quanto aos leões, acabaram-se. Não há mais nenhum na Argélia... Meu amigo Chassaing acaba de dar cabo do último.

Aqui o tipo baixinho fez um cumprimento, fechou a portinhola e se foi, bem feliz com sua pastinha e seu guarda-chuva.

– Condutor – perguntou Tartarin de cara amarrada –, quem diabos é esse sujeito, afinal?

– Como? Não o conhece? Mas é o senhor Bombonnel.

3. Um convento de leões

Em Milianah, Tartarin de Tarascon desceu, deixando a diligência seguir sua rota para o Sul.

Dois dias de duros solavancos, duas noites passadas em claro a olhar pela portinhola à espera de divisar, nos campos, à beira da estrada, a sombra formidável do leão, tantas insônias, enfim, bem que mereciam algumas horas de repouso. Além disso, para ser bem sincero, depois do incidente com Bombonnel, o leal tarasconês sentia-se pouco à vontade, apesar de suas armas, seu aspecto terrível, seu barrete vermelho, diante do fotógrafo de Orléansville e das duas cocotes do terceiro regimento de Hussardos.

Enveredou então pelas ruas largas de Milianah, cheias de belas árvores e fontes; mas, enquanto buscava um hotel que lhe conviesse, o pobre homem não conseguia esquecer as palavras de Bombonnel... E se fosse verdade? E se não houvesse mais leões na Argélia?... Qual o sentido de tantas viagens, tanto desgaste?...

De repente, ao dobrar uma esquina, nosso herói se viu frente a frente... com quem? Adivinhem... Com um soberbo leão, postado diante da porta de um café, sentado com toda a majestade sobre seu traseiro, a juba fulva ao sol.

– Quer dizer que já não há mais leões? – Exclamou o tarasconês, dando um pulo para trás... Percebendo essa exclamação, o leão baixou a cabeça e, pegando com a boca uma cuia de madeira pousada à sua frente na calçada, estendeu-a humildemente para um Tartarin paralisado de espanto... Um árabe que passava atirou uma moeda dentro da cuia; o leão balançou o rabo em resposta... Então Tartarin compreendeu tudo. Viu o que a emoção o impediu de ver desde o primeiro instante, a multidão reunida em torno do pobre leão cego e domesticado, e os dois negros armados com cajados que com ele passeavam, como um saboiano faz com sua marmota.

Aquilo esquentou o sangue do tarasconês: “Miseráveis!”. gritou com voz de

...que oprimem o sangue do mássetero...”, gritou com voz trovão. “Como ousam humilhar assim um animal tão nobre?” E, lançando-se sobre o leão, arrancou-lhe a cuia imunda do maxilar real... Os dois negros, julgando tratar-se de algum ladrão, atiraram-se sobre o tarasconês de cajado em riste... Foi uma baderna... Os negros batiam, as mulheres gritavam, as crianças riam. Um velho sapateiro judeu berrava do fundo de sua loja: “Chamem o juiz de paz! Chamem o juiz de paz!”. O próprio leão, na mesma noite, ensaiou um rugido, e o desgraçado Tartarin, depois de uma luta desesperada, rolou pelo chão, entre moedas e montes de lixo.

Nesse momento, um homem cruzou a multidão, com uma palavra afastou dali os negros, com um gesto, as mulheres e as crianças. Ergueu Tartarin do chão, sacudiu-o, escovou-o e sentou-o, quase sem fôlego, numa sinalização da rua.

– Como?! *Preince*, é mesmo o senhor?... – disse o bom Tartarin, coçando as costas.

– Pode acreditar, meu bravo amigo... Assim que recebi sua carta confiei Baía ao irmão dela, aluguei uma cabriolé, fiz cinquenta léguas correndo como o vento, e eis-me aqui, bem a tempo de salvá-lo da brutalidade desses grosseirões... Mas, por Deus, que é que foi fazer para se envolver numa encrenca dessas?

– O que queria, *preince*?... Ao ver este leão desgraçado, com sua cuia entre os dentes, humilhado, vencido, achincalhado, servindo de chacota a toda essa piolhada muçulmana...

– Aí é que se engana, nobre amigo. Este leão é para eles, muito pelo contrário, objeto de respeito e adoração. É um animal sagrado, que faz parte de um grande convento de leões, fundado há trezentos anos por Mohammed-ben-Auda, uma espécie de arapuca formidável e selvagem, cheia de rugidos e odor de feras, onde uns monges muito singulares criam e domesticam leões às centenas e de lá os enviam para toda a África setentrional, acompanhados de irmãos pedintes... As doações que os irmãos conseguem reunir são investidas na manutenção do convento e da mesquita; e se os dois negros demonstraram tanta disposição há pouco é porque sabem que, por causa de uma moeda, uma única moeda, roubada ou perdida por culpa deles, o leão que conduzem os devoraria imediatamente.

Ao ouvir esse inacreditável, mas verdadeiro, relato, Tartarin de Tarascon deleitava-se e aspirava o ar ruidosamente.

– O que conta no fim de tudo – afirmou, à guisa de conclusão – é que, mesmo que isso desagrade a meu caro Bombonnel, ainda há leões na Argélia!...

– Se há! – disse o príncipe com entusiasmo... – Vamos amanhã mesmo correr a planície do rio Chélif e verá com seus próprios olhos!

– O quê?! Príncipe... também tem a intenção de ir à caça?

– Sem dúvida! Então pensa que o deixarei seguir sozinho em plena África, no meio de todas essas tribos ferozes, cuja língua e cujos costumes ignora completamente?... Não e não, ilustre Tartarin, não o abandono mais... Esteja onde estiver, eu quero estar a seu lado.

– Ó, *preince, preince!*

E Tartarin, radiante, apertou num forte abraço o valente Grégory, imaginando com orgulho que, como Jules Gérard, como Bombonnel e tantos outros famosos matadores de leões, também ele teria um príncipe estrangeiro por companhia em suas caçadas.

4. A caravana em marcha

No dia seguinte, desde as primeiras horas, o intrépido Tartarin e o não menos intrépido príncipe Grégory, seguidos por uns seis carregadores negros, partiam de Milianah e desciam para a planície do Chéiff por um delicioso outeiro, todo sombreado de jasmins, tuias, alfarrobeiras, oliveiras silvestres, entre duas alas de jardimzinhos indígenas e milhares de vivazes nascentes que desciam, cantando, de rocha em rocha... Uma paisagem do Líbano.

Tão carregado de armas quanto o grande Tartarin, o príncipe Grégory ainda ornava sua cabeça com um magnífico quepe, todo guarnecido de ouro, com um enfeite de folhas de carvalho bordadas a fio de prata, que dava à Sua Alteza um falso ar de general mexicano ou de chefe de estação portuária das margens do Danúbio.

O diabo do quepe intrigou bastante o tarasconês; e como pedisse, timidamente, algumas explicações:

– Para se viajar pela África é cobertura indispensável – respondeu o príncipe com seriedade, e, lustrando sua viseira com o avesso da manga, explicou ao ingênuo companheiro o papel fundamental do quepe nas relações com os árabes, o terror que aquela insígnia militar por si lhes inspirava, a tal ponto que a administração civil foi obrigada a cobrir todo o seu pessoal com quepes, do cantoneiro ao auditor fiscal. Em suma, para governar a Argélia – é ainda o príncipe quem fala – não é necessário ter uma boa cabeça, sequer uma cabeça. Basta um quepe, um belo quepe agalado, reluzente, no topo de um pau como o chapéu de Gessler.^[39]

Nessas conversas e discussões filosóficas seguia a caravana o seu caminho. Os carregadores – pés descalços – saltavam de rocha em rocha gritando como macacos. As caixas de armas ressoavam. As espingardas flamejavam. Os nativos que passavam inclinavam-se até o chão diante do quepe mágico... Lá em cima, sobre as muralhas de Milianah, o chefe da repartição árabe, que dava um

... e ao perceber o brilho das armas entre as ramagens, julgou tratar-se de um ataque, baixou a ponte levadiça, ordenou o toque de recolher, e pôs, incontinentemente, a cidade em estado de sítio.

Belo início para uma caravana!

Infelizmente, antes do fim do dia, as coisas ficaram ainda piores. Dos negros que carregavam as bagagens, um foi tomado de cólicas atrozes por ter comido o esparadrapo da farmácia. Outro caiu à beira da estrada bêbado a não poder mais de aguardente de cânfora. Um terceiro, que carregava o álbum de viagem, seduzido pelas douraduras dos fechos e convencido de que roubava os tesouros de Meca, fugiu velozmente para Zacar... Foi preciso tomar uma atitude... A caravana estacou para uma reunião do conselho à sombra de uma velha figueira.

– Sou da opinião – disse o príncipe, tentando, sem sucesso, dissolver um pedaço de carne-seca em uma moderna panela de fundo triplo –, sou da opinião de que, esta noite, devemos renunciar aos carregadores negros... Por sorte, há um mercado árabe bem perto daqui. O melhor é darmos uma parada ali e comprarmos alguns burricos...

– Não e não!... Nada de burricos!... – interrompeu energicamente o grande Tartarin, que enrubescera à lembrança do Negrinho.

E acrescentou, com um pouco de hipocrisia:

– Como quer que animais tão pequenos possam arcar com toda a nossa bagagem?

O príncipe sorriu:

– É aí que se engana, meu ilustre amigo. Por mais magro e miserável que pareça, o burrico argelino tem lombo forte... É essencial para suportar tudo o que suporta... Pergunte aos árabes. Eis como eles explicam nossa organização colonial... No topo, dizem eles, fica o *sinhore* governador, munido de um grande porrete, com o qual bate no estado-maior; o estado-maior, para vingar-se, bate no soldado; o soldado bate no colono, o colono no árabe, o árabe no negro, o negro no judeu, e o judeu, por sua vez, bate no burrico; e o pobre burrinho, não tendo ninguém em quem bater, estende a espinha e carrega tudo. Bem se vê que pode transportar suas caixas.

– Ainda assim – redarguiu Tartarin de Tarascon –, julgo que esses asnos não

contribuirão muito para o bom aspecto de nossa caravana... Gostaria de algo mais oriental... E que tal, por exemplo, se arranjassemos um camelo?...

– Quantos desejar – disse Sua Alteza, e seguiram para o mercado árabe.

O mercado ficava a alguns quilômetros dali, às margens do Chéiff... Por lá havia uns cinco ou seis mil árabes esfarrapados, formigando ao sol e negociando ruidosamente no meio de potes de azeitonas pretas, vidros de mel, sacos de especiarias, charutos no atacado; grandes fogueiras onde se assavam carneiros inteiros, pingando gordura, açougues ao ar livre, onde negros totalmente despidos, pisando em sangue, braços vermelhos, retalhavam, com pequenas facas, cabritos pendurados numa vara.

A um canto, sob uma barraca com remendos multicoloridos, havia um escrivão mouro de óculos, com um grande livro nas mãos. Aqui, um grupo reunido, exclamações raivosas: era só um jogo de roleta instalado sobre um pacote de trigo, e nativos se estripando ao redor... Ali, alvoroço, alegria, risos: um comerciante judeu com sua mula se afogava no Chéiff sob os olhares animados de todos... Fora os escorpiões, os cães, os corvos; e quantas moscas!... quantas moscas!...

Em compensação, nada de camelos. Acabaram, contudo, por descobrir um, de que os moabitas queriam se desfazer. Era um autêntico camelo do deserto, o camelo clássico, calvo, ar tristonho, com sua longa cabeça de beduíno e sua corcova^[40] que, flácida pela sequência de longuíssimos jejuns, pendia melancolicamente para um lado.

Tartarin achou-o tão belo que quis que a caravana inteira montasse nele... Sempre o delírio oriental!...

O animal abaixou-se. Sobre ele ataram fortemente as malas. O príncipe instalou-se sobre o pescoço do animal. Tartarin, para maior magnificência, ordenou que o içassem para cima da corcova, entre duas malas; e ali, altivo e bem acomodado, saudando com um gesto nobre todo o mercado que se reunira à volta do espetáculo, deu o sinal de partida... Raios! Se o povo de Tarascon tivesse podido assistir a isso!...

O camelo ergueu-se, estendeu suas longas pernas nodosas e decolou...

Ó, estupor! Ao fim de algumas passadas, Tartarin se sente empalidecer, e a heroica *chéchia* retoma uma a uma suas antigas posições do tempo do *Zouave*. O diabo do camelo lançava-se como uma fragata.

– *Preince, preince* – murmurou Tartarin, completamente lívido e agarrando-se à estopa seca da corcova –, *preince*, vamos descer... sinto que... sinto que... vou ridicularizar a França...

Ora, tarde demais! O camelo partira e nada mais poderia detê-lo. Quatro mil árabes o seguiam correndo, pés descalços, gesticulando, rindo loucamente e fazendo luzir ao sol seiscentos mil dentes brancos...

O grande homem de Tarascon teve de se resignar. Acomodou-se tristemente sobre a corcova. A *chéchia* tomou todas as posições que bem quis... e a França foi ridicularizada.



5. Espreita noturna num bosque de oleandros

Por mais pitoresca que fosse sua nova montaria, nossos matadores de leões foram obrigados a renunciar a ela, em prol da *chéchia*. Continuou-se a viagem a pé como antes, e a caravana rumou tranquilamente para o Sul em pequenas etapas, o tarasconês à frente, o montenegrino na retaguarda, e no meio o camelo, com as caixas de armas.

A expedição durou quase um mês.

Durante um mês, procurando leões inencontráveis, o terrível Tartarin errou de aldeia em aldeia na imensa planície do Chéiff, através dessa formidável e bizarra Argélia francesa, onde os perfumes do velho Oriente se embaralham com um forte odor de absinto e de caserna. Abraão e Zuzu^[41] mesclados, algo de mágico e ingenuamente burlesco, como uma página do Antigo Testamento contada pelo sargento La Ramée ou pelo cabo Pitou...^[42] Curioso espetáculo para os olhos que soubessem ver... Um povo selvagem e degradado que nós civilizamos ensinando-lhe nossos vícios...

A autoridade feroz e sem controle de fantásticos paxás que se assoam seriamente nos seus grandes cordões da Legião de Honra e, por um nada, mandam chicotear a planta dos pés das pessoas. A justiça sem consciência de cadis de grandes óculos, tartufos^[43] do Alcorão e da lei, que sob suas palmeiras sonham com o 15 de agosto^[44] e com a promoção, e vendem as suas sentenças, como Esaú seu direito de primogenitura,^[45] por um prato de lentilhas ou de cuscuz doce. Alcaides libertinos e bêbados, antigos engraxates de um general Yusuf^[46] qualquer, que se embriagam de champanhe com lavadeiras mahonesas, e armam comilanças com carneiro assado enquanto, diante de suas tendas, toda a tribo morre de fome e disputa com os cães as sobras do festim senhorial.

Depois, em toda parte, campos sem cultivo, mato queimado, arbustos sem folhas, profusão de cactos e aroeiras, o celeiro da França!... Celeiro sem grãos, ai de mim!. e rico apenas em chacais e nerceveios. Aldeias abandonadas. tribos

aterrorizadas que partem sem saber para onde, fugindo da fome e semeando cadáveres ao longo da estrada. De longe em longe, uma aldeia francesa, com casas em ruínas, campos improdutivos, furiosos gafanhotos que devoram até as cortinas das janelas, e todos os colonos nos cafés, bebendo absinto enquanto discutem projetos de reforma e de constituição.

Eis o que Tartarin poderia ter visto se ao menos tivesse se dado ao trabalho; mas, inteiramente devotado à sua paixão leonina, o homem de Tarascon seguia inabalável em frente, sem olhar para a direita nem para a esquerda, o olho persistentemente fixo nesses monstros imaginários, que nunca apareciam.

Como a barraca continuava obstinada a não se abrir e os pedaços de carne-seca a não se dissolverem, a caravana era obrigada a parar pela manhã e à noite nas tribos. Por toda parte, graças ao quepe do príncipe Grégory, nossos caçadores eram recebidos de braços abertos. Alojavam-se na casa dos agás, em estranhos palacetes, grandes quintas brancas sem janelas, onde se encontravam misturados narguilés e cômodas de acaju, tapetes de Esmirna e lampiões a óleo, cofres de cedro repletos de cequins turcos e relógios pendulares temáticos estilo Luís Felipe...^[47] Por toda parte se ofereciam a Tartarin festas esplêndidas, *diffas*, *fantasias*...^[48] Em sua honra, tribos inteiras faziam soar a pólvora e brilhar seus mantos ao sol. Depois, quando a pólvora silenciava, o bom agá chegava e trazia a conta... É o que se chama hospitalidade árabe.

E até então nada de leões! Não havia ali mais leões do que na Pont Neuf!^[49]

Mas o tarasconês não desanimava. Enfiando-se corajosamente pelo Sul, passava seus dias batendo o mato, vasculhando as palmeiras anãs com a ponta de sua espingarda e fazendo “frrr! frrr!” a cada moita. Depois, todas as noites, antes de se deitar, espreitava por duas ou três horas... Trabalho perdido! O leão não se revelava.

Uma tarde, contudo, lá pelas seis horas, quando a caravana atravessava um bosque de aroeiras cor de violeta, onde grandes codornas prostradas pelo calor saltavam aqui e ali pela relva, Tartarin de Tarascon julgou ouvir – mas tão longe, tão vago, tão entrecortado pela brisa – aquele maravilhoso rugido que tantas vezes ouvira em Tarascon, atrás da tenda do circo Mitaine.

Primeiro o herói pensou estar sonhando... Mas depois de um instante, ainda longínquos, embora mais discerníveis, os rugidos recomeçaram; e dessa vez, enquanto em todos os cantos do horizonte ouvia-se o uivo dos cães das aldeias,

sacudida pelo terror e fazendo tilintar as conservas e as caixas de armas, a corcova do camelo chegou a estremecer.

Não havia mais dúvidas. Era o leão... Rápido, rápido, para a emboscada. Não podiam perder um só minuto.

Havia justamente ali perto um velho marabuto^[50] de cúpula branca, com as grandes pantufas amarelas do defunto depositadas num nicho sobre a porta, e uma exposição desordenada de ex-votos bizarros, panos de albornoz, fios de ouro, cabelos ruivos, que pendiam ao longo das paredes... Tartarin de Tarascon instalou ali seu príncipe e seu camelo e partiu atrás de um bom lugar para armar sua emboscada. O príncipe Grégory queria acompanhá-lo, mas o tarasconês recusou terminantemente a proposta: desejava enfrentar o leão sozinho. Mas recomendou à Sua Alteza que não se afastasse dali e, por medida de precaução, confiou-lhe sua pasta, uma grande pasta cheia de valiosos papéis e notas de dinheiro, que ele temia ver despedaçada pelas garras do leão. Feito isso, o herói foi procurar seu posto.

Cem passos adiante do marabuto, um pequeno bosque de oleandros tremulava na gaze do crepúsculo, à beira de um rio quase seco. Foi ali que Tartarin ficou de tocaia, ajoelhado, segundo a fórmula, espingarda empunhada e a grande faca de caça altivamente plantada à sua frente, na areia da margem.

A noite chegou. O tom rosado da natureza passou para o violeta, e daí para o azul-escuro... Embaixo, nos seixos do rio, luzia como um espelhinho uma pequena poça de água clara. Era o bebedouro das feras. Sobre a ribanceira da outra margem, avistava-se vagamente a trilha esbranquiçada que suas patas pesadas traçaram entre as aroeiras. Esse barranco misterioso dava calafrios. Some-se a isso o indefinido formigamento das noites africanas, roçar de galhos, passos aveludados de animais vagando por perto, uivos agudos de chacais e lá em cima, no céu, a cem, duzentos metros, bandos imensos de grou que passam soltando gritos de crianças esganadas; confessem que havia razões de sobra para qualquer um ficar abalado.

Tartarin estava. Estava até demais. Batia os dentes, coitado! E sobre o cabo de sua faca de caça plantada na areia, o cabo de sua espingarda ecoava como um par de castanholas... Que querem? Há noites em que não se está em ponto de bala, e depois, onde estaria o mérito se os heróis jamais sentissem medo?...

Pois bem! Sim, Tartarin teve medo, teve medo o tempo todo. Contudo,

manteve-se ali uma, duas horas, mas o heroísmo tem limites... Perto dele, no leito ressecado do rio, o tarasconês distinguiu, subitamente, um rumor de passos, de seixos rolando. Dessa vez o pavor o fez levantar. Deu dois tiros ao acaso na noite e disparou na direção do marabuto, deixando sua faca fincada na areia como uma cruz comemorativa do mais formidável pânico que jamais dominou a alma de um domador de hidras...^[51]

– Acuda-me, *preince*... o leão!...

Silêncio.

– *Preince, preince*, está por aí?

O príncipe não estava por ali. Sobre a parede branca do marabuto, o bom camelo projetava sozinho ao luar a sombra bizarra de sua corcova... O príncipe Grégory acabara de partir levando a pasta e as notas de dinheiro... Fazia um mês que Sua Alteza esperava aquela oportunidade...

6. Enfim!...

No dia seguinte ao dessa aventureosa e trágica noite, quando, ao raiar do dia, nosso herói despertou e teve a certeza de que o príncipe e o dinheiro tinham realmente partido, partido sem retorno; quando se viu só nesse pequeno túmulo branco, traído, roubado, abandonado em plena Argélia selvagem com um camelo de uma corcova só e uns poucos trocados como único recurso, então, pela primeira vez, o tarasconês duvidou. Duvidou do Montenegro, duvidou da amizade, duvidou da glória, duvidou até dos leões; e, como Cristo no Getsêmani,^[52] o grande homem chorou amargamente.

Ora, enquanto ele estava pensativo, sentado à porta do marabuto com a cabeça entre as mãos, a carabina entre as pernas, e o camelo a fitá-lo, de repente o matagal à sua frente se abriu e Tartarin, estupefato, viu surgir, a dez passos, um gigantesco leão que avançava a cabeça altiva e soltava formidáveis rugidos que faziam tremer as paredes do marabuto carregadas de ouropéis e até as pantufas do santo em seu nicho.

Só o tarasconês não tremeu.

– Enfim! – exclamou dando um salto, espingarda ao ombro... Pam!... Pam! Pfft! Pfft! E tudo estava terminado...

O leão tinha duas balas explosivas na cabeça... Durante um minuto, o abrasado céu africano ao fundo, o que se viu foram fogos de artifício assustadores, de cérebro em pedaços, de sangue fumegante e de pelo ruivo espalhado. Depois, tudo se acalmou e Tartarin notou... dois grandes negros furiosos que corriam em sua direção, porrete em riste. Os dois negros de Milianah!

Que desgraça! As balas tarasconesas acabavam de abater o leão domesticado, o pobre cego do convento de Mohamed.

Dessa vez, por Maomé!, Tartarin escapou por pouco. Ébrios de furor fanático, os dois negros pedintes certamente o teriam feito em pedaços se o Deus dos cristãos não tivesse enviado em seu auxílio um anjo libertador. o guarda-

florestal da comuna de Orléansville, que chegava, com seu sabre debaixo do braço, por um pequeno atalho.

A vista do quepe municipal acalmou subitamente a cólera dos negros. Pacífico e majestoso, o homem da lei instaurou o processo verbal do caso, pôs o que restava do leão sobre o camelo e ordenou aos queixosos e ao delinquente que o seguissem, dirigindo-se então a Orléansville, onde tudo foi levado à delegacia.

Foi um longo e terrível processo!

Depois da Argélia das tribos, que acabara de percorrer, Tartarin de Tarascon conheceu então uma outra Argélia, não menos cômica e formidável, a Argélia das cidades, processual e rabulista. Conheceu o duvidoso judiciário que arma negócios sujos no fundo dos cafés, a boêmia dos homens da lei, os processos que cheiram a absinto, as gravatas brancas manchadas de *champoreau*; conheceu os meirinhos, os procuradores, os agentes de negócios, todos esses gafanhotos de papel timbrado, esfomeados e magros, que devoram o colono até os canos das botas e o deixam retalhado folha a folha, como um pé de milho...

Antes de tudo, tratava-se de saber se o leão tinha sido morto em território civil ou militar. No primeiro caso, o processo era de responsabilidade do tribunal do comércio; no segundo, Tartarin iria a conselho de guerra. Ao ouvir essas palavras – “conselho de guerra” –, o impressionável Tartarin já se via fuzilado ao pé de uma muralha ou definhando no fundo de uma cova...

O terrível é que a delimitação dos dois territórios é coisa extremamente vaga na Argélia... Enfim, depois de um mês de corre-corre, de intrigas, de esperas ao sol nos pátios das repartições árabes, ficou estabelecido que se, por um lado, o leão tinha sido morto em território militar, por outro, Tartarin, ao realizar os disparos, encontrava-se em território civil. O processo foi julgado no tribunal civil e nosso herói teve de arcar com a soma de *dois mil e quinhentos francos* de indenização, fora as despesas.

Como fazer para pagar tudo isso? As poucas piastras sobreviventes ao assalto do príncipe tinham evaporado há muito tempo em papéis legais e absintos judiciários.

O infeliz matador de leões viu-se obrigado, desse modo, a vender a caixa de armas a varejo, carabina a carabina. Vendeu os punhais, os cris malaios, os cassetetes... Um merceiro comprou-lhe as conservas alimentícias. Um

farmacêutico, o que sobrou do esparadrapo. Até as grandes botas entraram na história e seguiram a barraca de última geração rumo à casa de um bricabraquista que as elevou à categoria de curiosidades cochinchinesas... Uma vez pago o total, só restavam a Tartarin a pele do leão e o camelo. A pele, ele embalou-a cuidadosamente e remeteu-a para Tarascon, para o endereço do bravo comandante Bravida. (Já já veremos o destino desse fabuloso despojo.) Quanto ao camelo, contava usá-lo para retornar a Argel, não montado nele, mas vendendo-o para pagar a diligência, e esta ainda é a melhor maneira de viajar de camelo. Infelizmente, o animal era de difícil colocação e ninguém quis oferecer sequer uma moedinha por ele.

Tartarin, contudo, queria a qualquer custo voltar para Argel. Tinha pressa de rever o corpete azul de Baía, sua casinha, suas fontes, repousar sobre os trevos brancos de seu pequeno claustro, enquanto esperasse algum dinheiro que viria da França. Assim é que nosso herói não hesitou: magoado, mas não abatido, empreendeu fazer o caminho a pé, sem dinheiro, em pequenas jornadas.

Nessa circunstância, o camelo não o abandonou. Esse estranho animal havia criado uma afeição inexplicável por seu dono e, vendo-o deixar Orléansville, pôs-se a marchar religiosamente atrás dele, marcando seu passo pelo dele, não o deixando afastar-se nem um passo a mais.

Num primeiro momento, Tartarin achou aquilo tocante; essa fidelidade, essa devoção a toda prova o comoviam, ainda mais que o animal não incomodava e alimentava-se com quase nada. Contudo, depois de alguns dias, o tarasconês aborreceu-se de ter eternamente em seu encalço aquele companheiro melancólico, que lhe recordava todas as suas desventuras; depois, tornando-se amargo, pegou raiva de seu ar triste, sua corcova, seu andar de pata-choca. Para ser claro, passou a odiá-lo e só pensava em livrar-se dele; mas o animal não desgrudava... Tartarin tentou fazê-lo perder-se, o camelo o reencontrou; tentou correr, o camelo era mais rápido... Gritava-lhe: "Some daqui!", atirando-lhe pedras.

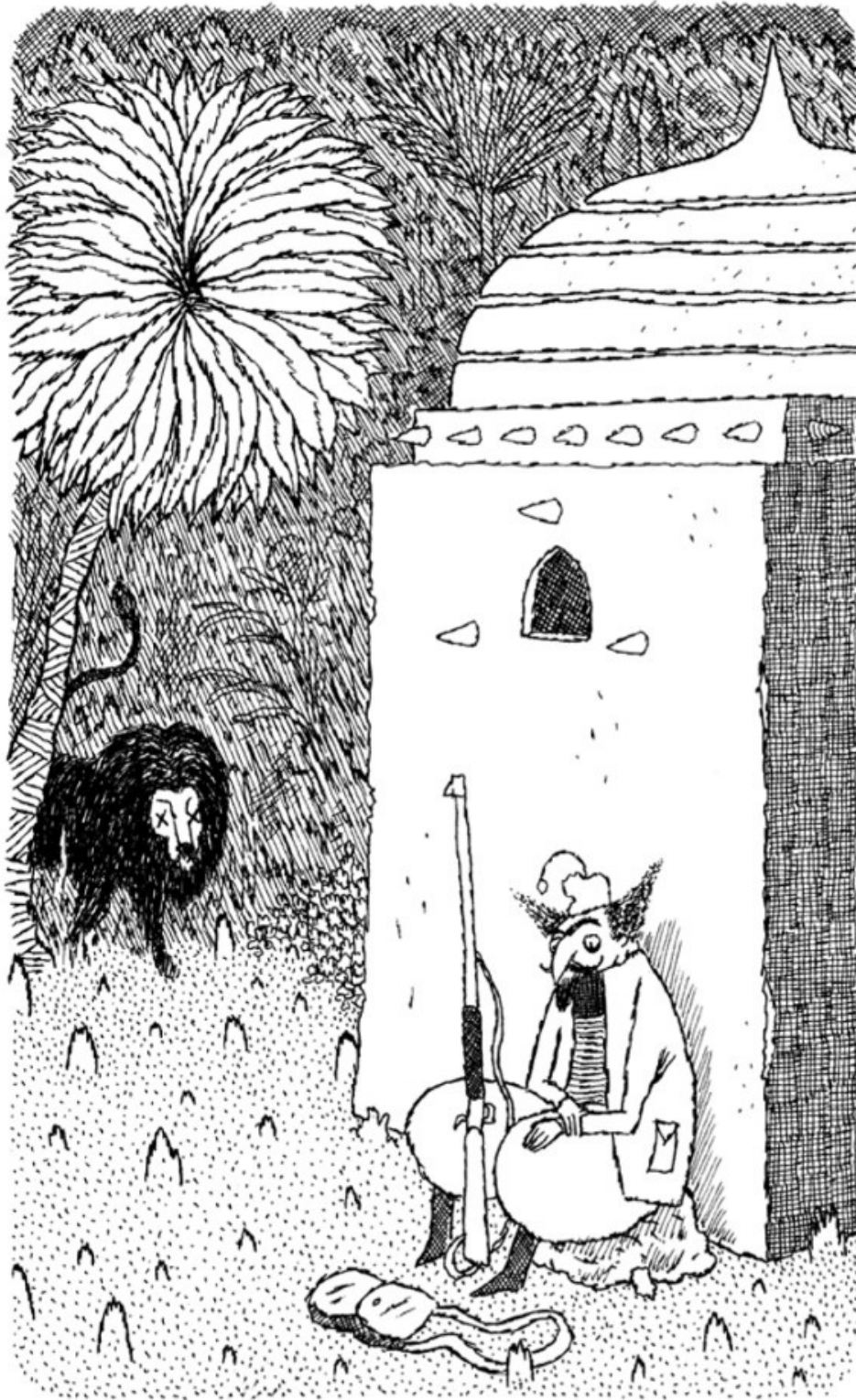
O camelo parava e fitava-o com ar tristonho; depois, ao cabo de um momento, voltava e terminava sempre por alcançá-lo. Tartarin teve de se resignar.

Contudo, quando, depois de oito longos dias de caminhada, o tarasconês empoeirado, esgotado, viu ao longe cintilar em meio ao verde os primeiros terraços brancos de Argel, quando se encontrou às portas da cidade, na

barulhenta avenida de Mustafá, no meio dos zuavos, dos biscrenses, dos mahoneses, todos se agitando ao redor dele, e vendo-o desfilar com seu camelo, no mesmo instante sua paciência explodiu: “Não! Não!”, disse ele. “Não é possível... Não posso entrar em Argel com um animal desses!”. E, aproveitando um congestionamento, desviou para o campo e atirou-se numa espécie de fosso!...

Depois de um momento, viu passar, acima de sua cabeça, sobre a calçada, o camelo que corria a toda a velocidade, alongando o pescoço com ar ansioso.

Então, aliviado, livre daquele enorme peso, o herói saiu de seu esconderijo e entrou na cidade por um atalho que seguia ao longo do muro de sua propriedade.



7. Catástrofes sobre catástrofes

Ao chegar diante de sua casa mourisca, Tartarin estacou espantadíssimo. O dia declinava, a rua estava deserta. Pela porta baixa em ogiva, que a negra se esquecera de fechar, ouviam-se risos, barulhos de copos, rolhas de champanhe a estourar e, imperando sobre todo esse alarido festivo, uma voz de mulher que cantava, alegre e clara:

*Você ama, Marco la belle,
A dança nos salões floridos...*

– Raios o partam! – gritou o tarasconês, empalidecendo. E precipitou-se para o pátio.

Pobre Tartarin! Que belo espetáculo o esperava... Sob os arcos do pequeno claustro, no meio das garrafas, das guloseimas, das almofadas espalhadas, dos cachimbos, dos pandeiros, dos violões, Baía, de pé, sem casaco nem corpete azul, trajando apenas uma camisa de gaze prateada e uma larga calça cor-de-rosa, cantava *Marco la Belle* com um quepe de oficial da marinha caído sobre a orelha... A seus pés, sobre uma esteira, lambuzando-se de amor e doces, Barbassou, o infame capitão Barbassou, explodia em risos ao ouvi-la.

A aparição de Tartarin, desfigurado, magro, coberto de poeira, com os olhos em brasa, a *chéchia* vermelha eriçada, interrompeu abruptamente a simpática orgia turco-marselhesa. Baía soltou um gritinho de galga apavorada e correu para dentro de casa. Barbassou, contudo, nem se perturbou; ao contrário, riu ainda mais:

– Salve! salve!, senhor Tartarin, o que é que me diz? Vê agora como ela sabe francês?

Tartarin de Tarascon arremeteu furioso contra o homem:

– Capitão!

– *Digo-li qué vengué, moun bon!*^[53] – gritou a mourisca, debruçando-se na galeria do primeiro andar com um gesto belo e canalha. O pobre homem, horrorizado, deixou-se cair sobre um tamborete. Sua moura conhecia até o marselhês!

– Eu não dizia que era preciso desconfiar das argelinas? – sentenciou o capitão Barbassou. – É como seu príncipe montenegrino.

Tartarin ergueu a cabeça.

– Sabe onde está o príncipe?

– Oh! Não muito longe daqui. Vai morar por cinco anos na bela prisão de Mustafá. O idiota deixou-se capturar com a boca na botija... De resto, não é a primeira vez que vai morar à sombra. Sua Alteza já cumpriu pena de três anos na prisão central de não sei onde... e, veja bem, acho até que foi de Tarascon.

– De Tarascon!... – espantou-se Tartarin, subitamente iluminado... – Por isso é que ele só conhecia um lado da cidade...

– Pois é! Com certeza... Tarascon vista da prisão central... Ah! Meu pobre senhor Tartarin, é preciso abrir bem os olhos neste diacho de lugar, caso contrário nos expomos a contratemplos bem desagradáveis... Como na sua história com o muezim...

– Que história? Que muezim?

– Como assim?... O muezim ali defronte, que fazia a corte a Baía... O Akbar^[54] contou o caso outro dia e toda Argel está rindo até agora... Esse impagável muezim, do alto de sua torre, enquanto recitava suas orações, enviava também, sob seu nariz, declarações de amor a Baía e marcava encontros com ela enquanto invocava o nome de Alá.

– Mas será que há só salafrários nesta terra?... – exclamou o infeliz tarasconês.

Barbassou fez um trejeito de filósofo.

– Meu caro, todos os países novos são iguais! Eu sei o que digo, o melhor a fazer é voltar o mais brevemente possível para Tarascon.

– Voltar... Falar é fácil... Mas com que dinheiro?... Não sabe que me depenaram no deserto?

– Não seja por isso! – disse o capitão, sorrindo... – O *Zouave* parte amanhã, e, se esse for o seu desejo, posso repatriá-lo... Está bom para o amigo?... Então

muito bem. Só resta agora uma única coisa a fazer. Sobraram algumas garrafas de champanhe e uma metade de empadão... Sente-se aí e deixe os rancores de lado!...

Depois de um minuto de hesitação exigido por sua dignidade, o tarasconês tomou corajosamente a sua decisão. Sentou-se, beberam; Baía tornou a descer ao ouvir o barulho dos copos, cantou o final de *Marco la Belle* e a festa se estendeu noite adentro.

Lá pelas três horas da madrugada, tendo a cabeça leve e os pés pesados, o bom Tartarin regressava após ter acompanhado seu amigo, o capitão, quando, ao passar pela mesquita, a lembrança do muezim e de suas farsas o fez rir. Subitamente, um belo plano de vingança atravessou-lhe a mente. A porta estava aberta. Ele entrou, seguiu por corredores atapetados de esteiras, subiu, subiu mais, e acabou indo dar num pequeno oratório turco, onde uma lanterna de ferro recortado se balançava no teto, projetando sobre as paredes brancas sombras estranhas.

O muezim estava ali, sentado num divã, com seu enorme turbante, sua peliça branca, seu cachimbo de Mostaganem,^[55] e diante de um copo grande de absinto fresco que ele bebia aos poucos, religiosamente, enquanto aguardava a hora de convocar os crentes à oração... Ao se dar conta da presença de Tartarin, de medo, deixou cair seu cachimbo.

– Nem um pio, senhor vigário! – disse o tarasconês, e deu início ao seu plano. – Rápido, passe-me o turbante e a peliça!...

O vigário turco, trêmulo, entregou-lhe o turbante, a peliça e tudo o mais que lhe foi pedido. Tartarin entrou naquelas peças e encaminhou-se, com toda a seriedade, para o terraço do minarete.

O mar cintilava ao longe. Os telhados brancos brilhavam ao luar. Ouviam-se, em meio à brisa marinha, alguns violões atrasados... O muezim de Tarascon recolheu-se um momento, depois, erguendo os braços, começou a salmodiar com voz agudíssima:

– *La Alá il Alá...*^[56] Maomé é um velho tratante... O Oriente, o Alcorão, os paxás, os leões, as mouriscas, tudo isso não vale um tostão furado!... Não há mais *teurs*... Só há caloteiros... Viva Tarascon!...

E enquanto nesse estranho jargão, mistura de árabe e provençal, o ilustre Tartarin lançava aos quatro ventos, sobre o mar, sobre a cidade, sobre a planície. sobre a montanha. sua animada maldição tarasconesa. a voz clara e

grave dos outros muezins lhe respondia, distanciando-se de minarete em minarete, e os últimos crentes da cidade alta batiam devotamente no peito.

8. Tarascon! Tarascon!

Meio-dia. O *Zouave* aquece, vai partir. Lá em cima, na varanda do Café Valentim, os senhores oficiais direcionam os binóculos e, com o coronel à frente em respeito à hierarquia, contemplam a pequena e feliz embarcação que parte para a França. É o grande entretenimento do estado-maior... Embaixo, cintila a enseada. As culatras dos velhos canhões turcos enterrados ao longo do cais flamejam ao sol. Os passageiros se apressam. Biscrenses e mahoneses enchem as barcaças de bagagens.

Tartarin de Tarascon não tem bagagem. Ei-lo descendo a rua da Marinha pelo pequeno mercado, repleto de bananas e melancias, tendo ao lado seu amigo Barbassou. O pobre tarasconês deixou em terras mouras sua caixa de armas e suas ilusões e agora se prepara para voltar a Tarascon, de bolsos vazios e mãos abanando... Nem bem acaba de saltar para a barcaça do capitão, um animal esbaforido desaba do alto da praça e, a todo galope, precipita-se na direção dele. É o camelo, o fiel camelo que, há vinte e quatro horas, percorre Argel à procura de seu dono.

Tartarin, ao vê-lo, muda de cor e finge não conhecê-lo; mas o camelo insiste. Apressa-se ao longo do cais. Chama por seu amigo, lança-lhe os mais ternos olhares: “Leve-me”, parecem dizer seus olhos tristes, “leve-me nesse barco para longe, bem longe desta Arábia de cartão-postal, deste Oriente ridículo, cheio de locomotivas e diligências, onde – dromedário rebaixado – já não sei o que será de mim. És o último turco, sou o último camelo... Não nos separaremos mais, ó meu Tartarin...”

– Esse camelo é seu? – pergunta o capitão.

– De jeito nenhum! – responde Tartarin, que treme à ideia de entrar em Tarascon com uma escolta ridícula dessas; e, renegando sem pudores o companheiro de tantos infortúnios, repele com o pé o solo argelino e dá à

barcaça o impulso para a partida... O camelo fareja a água, estende o pescoço, estala as juntas e, lançando-se na água em total desatino, no encaço da embarcação, nada em direção ao *Zouave*, com seu dorso curvado, a corcova que flutua como uma cabaça, e seu longo pescoço, erguido acima da superfície como um esporão de trirreme.

Barcaça e camelo chegam juntos aos flancos do paquete.

– No fim das contas, sinto pena deste dromedário – diz o capitão Barbassou, muito comovido. – Tenho vontade de levá-lo a bordo... Quando chegarmos a Marselha será meu presente para o jardim zoológico.

Içaram-no para o convés com a ajuda de uma enormidade de cordas e roldanas, pesado de água do mar, e o *Zouave* seguiu viagem.

A travessia durou dois dias e Tartarin os passou sozinho em sua cabine, não porque o mar estivesse revolto, ou porque a *chéchia* vermelha pudesse sofrer algum dano, mas porque o diabo do camelo, assim que seu dono apontava no convés, dedicava-lhe atenções ridículas... Nunca se viu um camelo grudar-se a alguém como aquele!...

De hora em hora, pelas vigias da cabine onde por vezes ia meter o nariz, Tartarin via o azul do céu argelino empalidecer; depois, finalmente, certa manhã, numa bruma prateada, ouviu com júbilo soarem todos os sinos de Marselha. Tinham chegado... O *Zouave* ancorou.

Nosso homem, que não possuía bagagem, desembarcou sem dizer uma palavra, atravessou Marselha muito apressadamente, temendo ainda ser seguido pelo camelo, e só foi respirar aliviado ao se ver instalado num vagão de terceira classe rumo a Tarascon... Falsa tranquilidade! A duas léguas, não mais, distante de Marselha, todos os rostos assomaram nas portinholas. Gritos, espanto. Tartarin, por sua vez, quis conferir o que se passava e... o que viu?... O camelo, meus senhores, o inevitável camelo, que corria pela linha férrea, em plena Crau, [57] no encaço do trem, sem deixá-lo distanciar-se. Tartarin, consternado, recolheu-se e não quis ver mais nada.

Depois dessa desastrosa expedição, contava voltar para casa incógnito. Mas a presença desse quadrúpede era um estorvo que tornava a coisa impossível. Que entrada triunfante iria fazer! Meu Deus! Nem um tostão, nenhum leão, nada... Um camelo!...

– Tarascon! Tarascon!

Tarascon!... Tarascon!...

Era preciso descer...

Ó, estupor! Mal a *chéchia* vermelha surgiu na abertura da portinhola, um grande grito – “Viva Tartarin!” – fez estremecer as abóbadas envidraçadas da estação. “Viva Tartarin! Viva o matador de leões!”. E foi uma explosão de fanfarras, vozes em coro... Tartarin sentiu-se desfalecer; chegou a pensar numa grande zombaria. Mas não! Toda Tarascon marcava presença, agitando seus chapéus, receptiva. Eis o bravo comandante Bravida, o armeiro Costecalde, o presidente, o farmacêutico e todo o nobre corpo de caçadores de boinas, que se comprime em torno do líder e o carrega em triunfo ao longo das escadas...

Singulares efeitos da miragem! A pele do leão cego, enviada a Bravida, era a razão de todo aquele barulho. Por causa dessa modesta pele exposta no grêmio, o triunfo subiu à cabeça dos tarasconeses e, depois, de todo o Sul. O *Sémaphore* noticiara. Inventara-se um drama. Tartarin não matara um leão, mas dez leões, vinte leões, um sem-número de leões! Assim é que Tartarin, ao desembarcar em Marselha, já era famoso sem o saber, e um telegrama entusiasmado chegara duas horas antes dele à sua cidade natal.

Mas o cúmulo da alegria popular ocorreu quando se viu um animal fantástico, coberto de poeira e suor, surgir por detrás do herói e descer, mancando um pouco, a escada da estação. Por um instante Tarascon julgou que sua Tarasca havia voltado.

Tartarin tranquilizou seus compatriotas.

– É o meu camelo – disse ele.

E já sob a influência do sol tarasconês, daquele belo sol que faz mentir muito inocentemente, acrescentou, acariciando a corcova do dromedário:

– É um nobre animal!... Viu-me matar todos os meus leões.

Em seguida tomou familiarmente o braço do comandante, rubro de felicidade, e, na companhia de seu camelo, rodeado de caçadores de boinas, aclamado por todo o povo, dirigiu-se tranquilamente para a casa do baobá. Enquanto caminhava, deu início ao relato de suas caçadas:

– Imaginem – dizia – que certa noite, em pleno Saara...

37 Primeiro verso de uma cantiga popular entoada pelos tarasconeses para espantar a Tarasca. Ainda hoje é cantada no Festival da Tarasca, celebrado no último final de semana de junho em Tarascon, quando um

gigantesco boneco do animal desfila pela cidade em uma grande festa. *Lagadigadeou* é uma onomatopeia.

38 *Cadet-Roussel* é uma canção popular francesa que satiriza Guillaume Rousselle (1743-1807), um oficial de justiça. Na letra, o personagem tem tudo em número de três: três casas, três chapéus, três olhos, três sapatos, inclusive três fios de cabelo.

39 Alusão à lenda de Guilherme Tell. No início do século xiv, os imperadores Habsburgos, da Áustria, lutavam pelos domínios de Uri, na Suíça e, para testar a lealdade do povo a eles, Hermann Gessler, um governador austríaco tirano, pendurou numa praça da cidade de Altdorf, capital de Uri, um chapéu com as cores da Áustria, que deveria ser saudado por todos que passassem por ali. Guilherme Tell foi o único que se recusou a fazer reverência ao chapéu.

40 A rigor, trata-se de um dromedário, pois os camelos possuem duas corcovas. O narrador chama o animal de camelo na maioria das passagens, embora chegue a referir-se a ele como “camelo de uma corcova só” (p. 124).

41 Abraão é uma figura bíblica, o primeiro dos patriarcas de Israel e um dos nomes mais importantes das religiões judaica, islâmica e cristã. A comparação entre Abraão e Tartarin se deve à peregrinação do religioso para Canaã – abandonando sua terra natal para atender a um chamado de Deus –, durante a qual enfrentou inúmeras adversidades. Zuzu é uma gíria militar para se referir a zuavo.

42 Gírias ou formas de tratamento para se referir aos soldados rasos do exército francês.

43 *Tartufo* (1664) é o nome de uma comédia de Molière (1622-73) na qual o personagem principal, um devoto religioso, é retratado como uma figura dissimulada. Por extensão de sentido, tartufo é usado para designar uma pessoa hipócrita ou um falso religioso.

44 Data em que eram concedidas as condecorações honrosas aos militares e civis franceses que se destacaram naquele ano: marechais, soldados, inválidos de guerra, cientistas, artistas, escritores *etc.* Também se comemora o nascimento de Napoleão Bonaparte (1769-1821).

45 Esaú, personagem bíblico do Antigo Testamento, era irmão gêmeo de Jacó mas, por ter nascido primeiro, tinha o direito à primogenitura, ou seja, a herdar a riqueza dos pais e ser o chefe da família. O livro *Gênesis* conta que, num momento em que Esaú estava com muita fome, seu irmão Jacó vendeu-lhe um prato de lentilhas em troca de sua primogenitura.

46 Joseph Vantini (1810-66), conhecido como General Yusuf (forma árabe para o nome Joseph), foi um oficial do exército francês que desempenhou importante papel na conquista da Argélia pela França (1830-47).

47 O estilo Luís Felipe figurou no mobiliário francês durante o século xix e leva o nome do monarca que reinou de 1830 a 1848. Caracteriza-se pelas linhas simples, suavemente arredondadas e tortuosas, com pouca ornamentação e uso de madeiras escuras.

48 *Diffa* é o termo árabe para “banquete”. *Fantasia* é o nome dado pelos magrebinos a diversos espetáculos e desfiles equestres que simulam assaltos militares, também chamados de “jogos de pólvora” ou “jogos dos cavalos”.

49 A Pont Neuf (1578-1607) é a mais antiga ponte sobre o rio Sena, em Paris. Na cidade de Toulouse, no sul

da França, também há uma ponte com o nome Neuf, datada do século xvi. As aberturas em seus pilares de sustentação, pensadas para evitar inundações, foram desenhadas de modo a parecer-se com o rosto e a juba de um leão. Não é possível precisar a qual das pontes o narrador se refere nessa passagem, mas, pela alusão aos leões, pode-se supor que seja a segunda.

50 Sacerdote muçulmano venerado como santo em vida e após a morte. O termo também designa – inclusive nessa passagem do romance – o túmulo dessas pessoas, considerado local sagrado.

51 Animal fantástico da mitologia grega considerado muito perigoso, uma serpente com várias cabeças, cada qual, quando cortada, dá origem a outras duas. O único capaz de derrotá-la foi Hércules, em seu segundo trabalho.

52 Getsêmani é um jardim situado ao pé do Monte das Oliveiras, em Jerusalém, onde, segundo o Novo Testamento bíblico, Cristo e seus discípulos oraram, com angústia e tristeza, momentos antes da traição de Judas que culminaria com a crucificação. Diz o Evangelho segundo Lucas que a dor de Jesus no Getsêmani foi tão profunda que “seu suor transformou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão”.

53 “Diga-lhe que ele virá, meu bom.”

54 Akbar, o Grande (1542-1605), chefe muçumano da Índia no século xvi, considerado o maior dos imperadores mongóis, conhecido pela exaltação das próprias virtudes e da autopromoção. Daí a referência pejorativa ao muezim.

55 Cidade portuária do Mediterrâneo, fundada no século xi, capital da província de mesmo nome, situada no noroeste da Argélia.

56 Transliteração do Shahada, a profissão da fé dos muçulmanos e o primeiro dos cinco pilares do Islamismo: “Não há outro Deus além de Alá, e Maomé é o seu profeta”. É o chamamento proferido pelo muezim aos muçulmanos no momento das orações. Tartarin cita apenas a primeira frase, “Não há outro Deus além de Alá”, e, depois, cria uma nova versão, ofensiva, para o Shahada.

57 Vasta planície árida que se estende a leste do rio Ródano.



■ POSFÁCIO

Tartarin de Tarascon, o Quixote provençal

por Silvana Vieira da Silva

Alphonse Daudet inspirou-se em uma viagem à Argélia na companhia de um primo mais velho, em dezembro de 1861, para escrever *Tartarin de Tarascon*. Assim como seu protagonista, Daudet tinha uma aguçada curiosidade em relação ao Oriente árabe e seu lado exótico pleno de supostas aventuras. Do alto dos seus 21 anos, a ideia de participar de uma caça aos leões não lhe soava mal, pelo contrário: em concordância com o romance, Daudet e seu primo desembarcaram em Argel vestidos a caráter, como bons teurs, para não deixar dúvidas sobre os propósitos da expedição.

Porém, a primeira visão da cidade os decepcionou pelo aspecto europeizado. Da mesma maneira que Tartarin, Daudet e seu companheiro rumaram em direção ao sul, a terra dos leões. Só ali se depararam com ruelas estreitas, bazares e cafés, festas típicas e palácios elegantes – algo um pouco mais próximo da África que idealizavam. Nenhum leão, porém. De posse de várias cartas endereçadas aos chefes árabes, o escritor foi acolhido e iniciado nos costumes locais. E há quem diga que os novos ares até o ajudaram a se curar de uma enfermidade que atacava seus brônquios desde os vinte anos.

De volta à França, Daudet começou a escrever narrativas “argelinas” para periódicos, com base em seus cadernos de anotações. A primeira delas, de uma série de três (as seguintes foram *La petite ville*, em 1864, e *À Milianah*, de 1869), saiu no jornal francês *Le Figaro*, em junho de 1863, sob o título *Chapatin le tueur de lions*, [Chapatin, o matador de leões], sobre um bravo provençal de Tarascon que embarca para a Argélia na esperança de caçar leões, mas só consegue matar um velho animal cego. O texto curto, retomado seis anos mais tarde, é o ponto de partida para *Barbarin de Tarascon raconté par un témoin de sa vie* [Barbarin de Tarascon segundo uma testemunha de sua vida], cuja primeira parte estampa,

em dezembro de 1869, as páginas do jornal *Petit Moniteur universel du soir*. Três meses depois, a obra integral começou a ser publicada no *Le Figaro*, de forma seriada. A edição em livro data de 1872. Se no *Petit Moniteur Tartarin* não foi muito bem aceito pelos leitores, o mesmo não se pode dizer da recepção pelo público do *Le Figaro*, e mais ainda, da repercussão quando lançado em livro, apesar da “cor local” da narrativa, expressão usada por alguns críticos da época para se referir ao regionalismo provençal característico desta obra de Daudet.

Tartarin de Tarascon é um misto de romance de aventuras, paródia, história cômica, mitomaniaca... O mote de um personagem que engana a todos por meio de uma qualidade que não possui figura também no conhecido conto de Lima Barreto, *O homem que sabia javanês* (1911), no qual o autor acrescenta um pouco da malandragem atribuída ao povo brasileiro. A malícia que falta a Tartarin, muito mais ingênuo que farsante, sobra a Castelo, mas ambos adquirem fama por meio de uma falsa imagem que propagam de si mesmos, às custas de mentiras (ou “miragens”).

Não é possível afirmar que Barreto tenha lido ou se inspirado na obra de Daudet, mas não resta dúvidas da influência do célebre *Dom Quixote de La Mancha* (1605) na construção do herói provençal pelo autor francês. A associação de *Tartarin de Tarascon* com o romance de Miguel de Cervantes (1547-1616), escrito mais de duzentos anos antes, é imediata. Daudet permeia toda a narrativa com referências à obra-prima da literatura espanhola e seu herói pitoresco, em voga na França desde a época romântica. O protagonista de Daudet é descrito a um só tempo como Dom Quixote e Sancho Pança. A realidade fantasiada também aproxima os dois personagens: viagens imaginárias, virtudes inexistentes, aventuras inventadas e paisagens excêntricas e distantes compõem ambos os universos literários.

A visão exótica dos franceses sobre a Argélia é satirizada por Daudet, numa crítica escrachada à colonização ocidental da África. A França levou aproximadamente trinta anos para colonizar a Argélia e enfrentou muita resistência. O grande impasse durante o período colonial foi que, embora a Argélia fosse considerada parte da França, e mais tarde, departamento francês, os cidadãos argelinos não tinham estatuto nem cidadania franceses. A independência do país africano veio apenas na década de 1960 do século xx, após batalhas sangrentas.

Numa interpretação mais profunda, pode-se considerar que Daudet alude a

um outro tipo de colonização, menos evidente: à soberania parisiense em relação ao sul “caipira” da França, dono de um sotaque “cantado”, bem diferente do acento da capital. A Argélia seria, ainda, o sul mais afastado do norte desenvolvido, e ainda desprovido do encanto provençal. Assim, Daudet consegue um feito curioso: ser desprezado pelos parisienses, que não compreendiam seu personagem caricatural, e pelos tarasconeses, que renegavam o desajeitado conterrâneo.

Tartarin descobre que Argel não era, como ele supunha, a porta de entrada para o Oriente, se aproximando muito mais de uma pequena cidade francesa. É Tartarin que se torna exótico naquele lugar longínquo, vestido como um teur em meio aos argelinos ocidentalizados, influenciados pelos costumes dos colonizadores franceses.

Como se leu, às desventuras do protagonista, assim como às de Quixote, o autor acrescenta a paixão de Tartarin por uma falsa mourisca – que faz as vezes da camponesa Dulcineia do espanhol –, na verdade uma prostituta marselhesa que, em comum acordo com o também falso príncipe Grégory de Montenegro – em alusão à dinastia real de Montenegro – e um capitão, seu compatriota Barbassou, aplicam um belo golpe no tarasconês, “o intrépido, o grande, o incomparável *Tartarin de Tarascon*”.

No romance de Cervantes, Sancho Pança é o fiel escudeiro de Quixote, ingênuo, trabalhador, e aquele que conservou a lucidez; Dom Quixote é o fidalgo, sonhador, altivo, aficcionado por novelas de cavalaria, apaixonado. Tartarin é os dois homens em um só. Fisicamente, se parece mais com Sancho, é gordo, bonachão, oscila entre a lucidez e a loucura, é ingênuo o bastante para ser seduzido pelo “fidalgo espanhol”, assim como Tartarin pelo príncipe de Montenegro. Psicologicamente, o personagem francês carrega características quixotescas. Tem a imaginação fértil de uma criança, necessita da aclamação do povo para se autoafirmar, sente que precisa lutar contra algo muito maior do que ele, contra *eles*, que nem ele mesmo sabe quem são. Os leões de Tartarin são os moinhos de vento de Cervantes, e ambos os personagens terminam por se revelar “cavaleiros de triste figura”. Apesar de voltar aclamado para Tarascon, o protagonista provençal fracassa em suas caçadas, sofre uma grande desilusão amorosa, é enganado por mais gente do que queria enganar. Dom Quixote sai derrotado de suas batalhas imaginárias, é desacreditado por todos e acaba

desistindo de seu sonho de ser um cavaleiro andante.

Tartarin de Tarascon tornou-se um clássico da literatura francesa porque mostrou um personagem ao mesmo tempo prosaico e fictício, com falhas e acertos, um anti-herói muito mais humano do que os comumente encontrados ficção. A vaidade sem limites, a necessidade de mostrar ser alguém que não é, o comportamento ambíguo e o conflito interior são características inerentes a qualquer ser humano, atemporais e universais. A crítica (nem sempre) velada de Daudet à colonização francesa é igualmente motivo de interesse. Na obra, os verdadeiros ingênuos são os franceses (os tarasconeses); os argelinos são muito mais perspicazes do que seus compatriotas – uma inversão de papéis, no qual o colonizado se mostra superior ao colonizador.

Daudet certamente baseou-se em seu primo e companheiro de viagem quixotesco para compor seu Tartarin. Porém, o Dom Quixote provençal não destila a amargura que se vê no personagem original, tampouco perde completamente suas ilusões. A caricatura termina aí. As aventuras de Tartarin têm algo a mais do que aquelas de Quixote: um certo frescor e sanidade, leveza e graça que exalam dos ares provençais.

■ GLOSSÁRIO

A

ADAGA arma cortante pontiaguda, de lâmina curta, mais larga e maior que o punhal.

ALDRABA argola de metal presa à porta que serve de campainha.

B

BABUCHA calçado oriental de couro ou de tecido, parecido com um chinelo.

BACAMARTE antiga arma de fogo de cano curto, com a boca larga, de grande calibre e bastante pesada, usada para espalhar uma carga de chumbo grosso contra tropas inimigas.

BARRETE chapéu quadrangular sem abas, pequeno e rígido, com um tufo de fios no centro da parte superior, comumente usado por cardeais.

BENGALA de estoque bengala em cujo interior se guarda uma espada.

BRIGUE tipo de embarcação à vela que possui dois mastros e velas quadrangulares.

C

CABRIOLÉ carruagem pequena, leve e rápida, de duas rodas altas, com capota retrátil, puxada por um único cavalo, cujo condutor posiciona-se na parte de trás do veículo.

CACETE pedaço de pau curto, mais ou menos cilíndrico, com uma das pontas mais grossa do que a outra, semelhante ao porrete e ao cassetete, usado para golpear.

CALECHE carruagem de quatro rodas e dois assentos, um de frente para o outro, descoberta na parte dianteira e puxada por dois cavalos.

CANTONEIRO trabalhador encarregado da manutenção e da limpeza de um trecho de estrada ou rio (cantão).

CARABINA arma de fogo mais curta que a espingarda, usada por caçadores e,

antigamente, por soldados de tropas de cavalaria.

CARAVANÇARÁ no Oriente Médio, estalagem pública que acolhia as caravanas em travessia pelo deserto.

CARENA reparo, limpeza ou conserto de uma embarcação.

CINEGÉTICO adjetivo usado para qualificar algo relativo à caça.

CHAMPOREAU bebida quente que mistura café e outra bebida alcoólica (geralmente vinho), muito popular entre os europeus na África.

CHARRUA arado cuja função é revolver e afofar a terra.

CHÉCHIA chapéu masculino tradicionalmente usado pelos nativos da Argélia, em formato cilíndrico, flexível e baixo, de cor vermelha.

CHUSMA tripulação de uma embarcação; multidão, grande quantidade de pessoas.

CLAVA hotentote pedaço de pau grosso, geralmente maciço, mais roliço em uma das extremidades, usado como arma pelos hotentotes, povo nômade do Sudoeste da África.

COLDRE estojo de couro para revólver ou pistola, usado preso à cintura, ao ombro ou abaixo da axila.

COMANCHE membro da tribo dos comanches, indígenas nômades da América do Norte, originalmente coletores-caçadores.

CORONHA peça geralmente de aço ou de madeira pela qual se empunha uma arma de fogo.

CRIS também grafado *kris*, é uma adaga mais comprida, de lâmina ondulada, tradicionalmente utilizada pelos povos hoje situados na Malásia e nas Filipinas.

CULATRA a parte de trás do cano de qualquer arma de fogo.

D

DILIGÊNCIA grande carruagem fechada, de quatro rodas, puxada a cavalos e usada no transporte de passageiros, bagagens e correspondências, a longas distâncias.

E

EMBORNAL saco onde se carrega a comida dos animais de montaria.

ESCALPO couro cabeludo, arrancado do crânio ainda com os cabelos, geralmente para ser exibido como troféu extraído do inimigo em uma batalha.

F

FACA catalã arma pontiaguda cuja lâmina tem formato similar ao de uma folha de salgueiro.

FEZ chapéu masculino cônico e rígido, em geral de feltro ou de tecido vermelho, com um tufo de fios pretos no topo, usado pelos mouros.

FLECHA caraíba haste com uma das extremidades pontiaguda, arremessada com arco, usada pelos povos indígenas caraíbas (ou caribes), habitantes da costa norte da América do Sul.

FLECHA de sílex flechas muito utilizadas pelos povos primitivos, cujas pontas eram feitas com esta rocha dura, o sílex, por sua resistência e corte incisivo.

FIACRE antiga carruagem cujo condutor posiciona-se à frente dos passageiros, espécie de táxi da época, puxada na maioria das vezes por um único cavalo.

G

GALGA fêmea do galgo, raça de cachorro de pernas compridas, esguio, extremamente ágil e veloz, usado na caça porque costuma latir apenas quando sente alguma ameaça.

GLÁDIO espada curta, cuja lâmina tem os dois lados cortantes, capaz de perfurar inclusive armaduras.

GROSA o equivalente a doze dúzias.

GROU ave de grande porte, com pernas e pescoço longos, plumagem normalmente em tons de cinza, branco e marrom, comum na América do Norte, Europa, Ásia, África e norte da Austrália.

GURUPÉS mastro colocado na ponta das embarcações, que se inclina da ponta da proa para a frente.

J

JANÍZARO a elite do exército dos sultões otomanos, soldado de um antigo corpo de infantaria turco criado no século xiv e abolido em 1826.

L

LÁPARO filhote de coelho; macho da lebre até completar três anos.

LÁPIS kajal lápis de maquiagem para os olhos que os faz parecer maiores e alongados, usado pelas mulheres árabes, bem macio e capaz de desenhar um

traço forte.

M

MINARETE torre alta e estreita das mesquitas de onde o muezim anuncia aos muçulmanos o momento das orações.

MOABITA povo nômade árabe dos tempos bíblicos, aparentado étnica e culturalmente com os hebreus, que habitava o reino de Moab, a leste do Mar Morto, na Palestina.

MUEZIM muçulmano que, do alto dos minaretes, anuncia, em voz alta, a hora das cinco orações diárias.

O

OLEANDRO conhecido também por espirradeira, é um arbusto ornamental venenoso, de flores róseas vistosas.

OUROPEL liga metálica de cobre, de cor amarela, que imita ouro.

P

PANÓPLIA armadura completa dos cavaleiros medievais. O termo também é usado para um conjunto ou coleção de armas exposto como decoração.

PAQUETE antigo navio mercante a vapor que, além de mercadorias e correspondências, transportava passageiros.

PELEJA luta, combate, batalha.

PELIÇA roupa feita de peles, com pelos finos, macios e abundantes.

PLASTRÃO gravata larga, normalmente de seda ou cetim, com uma pérola no laço, amarrada como um lenço; peitilho de camisa.

PORTALÓ abertura no casco de um navio ou barco para circulação de pessoas e de cargas leves.

POSTILHÃO o condutor da carruagem.

Q

QUEPE boné de uso militar caracterizado pelo topo circular e por uma aba, tipo viseira, sobre os olhos.

R

RABULISTA aquele que emperra a resolução de um processo judicial por se prender a detalhes irrelevantes.

RIFLE carabina de cano mais longo, também chamada de fuzil, projetada para ser disparada do ombro.

S

SATURNAL relativo às festas em honra ao deus romano Saturno; festa desregrada em que predomina a depravação de costumes.

SOCO-INGLÊS peça metálica inteiriça com quatro anéis por onde se enfiam os dedos, usada como arma para dar maior violência ao soco.

T

TOJO arbusto ereto, espinhoso, cheio de ramos, da família das leguminosas, de cor verde-acinzentada, folhas pontiagudas, também conhecido por tojo-ordinário.

TOMAHAWK tipo de ferramenta, semelhante a uma machadinha, utilizada pelos ameríndios como arma.

TRAPISTA religioso pertencente à congregação católica denominada Trapa, fundada na França em 1140.

TRIRREME embarcação da Antiguidade na qual os remadores ficavam acomodados em três níveis ou pavimentos, como se fossem três fileiras superpostas.

TROMPA de caça também chamada de trompa natural, é um instrumento de sopro de metal, que antecedeu a trompa moderna, cuja principal característica é não possuir válvulas.

V

VERGA peça de madeira ou de metal à qual é prendida a vela no mastro de uma embarcação.

VÍVERES alimentos, gêneros alimentícios diversos.

Sobre o autor

O romancista, contista, poeta e dramaturgo ALPHONSE DAUDET nasceu em 13 de maio de 1840, em Nîmes, na região da Provença, sul da França, e foi imortalizado como um dos principais autores da escola naturalista francesa. Filho de um fabricante de tecidos, Daudet começou a escrever ainda jovem, produzindo seus primeiros poemas aos catorze anos. Com a falência da família, em 1857, viu-se obrigado a mudar para Paris, onde já vivia seu irmão, o historiador e escritor Ernest Louis Marie Daudet. Foi quando iniciou efetivamente sua carreira literária; na capital, tornou-se amigo de escritores como Jules de Goncourt, Emile Zola, Frédéric Mistral, Gustave Flaubert, e produziu uma obra satírica da vida parisiense, descrevendo os tipos franceses com humor e ironia. Publicou seu primeiro livro de poemas, *Les Amoureuses* (As enamoradas), em 1858. Tornou-se colaborador do jornal *Le Figaro*, e em 1860 foi contratado pelo Duque de Morny, ministro de Napoleão iii, para o cargo de secretário. Alcançou sucesso com a publicação de *Lettres de mon moulin* (Cartas de meu moinho, 1869), uma coletânea de contos ambientados em sua terra natal, e em 1872 lançou *As aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon*, primeiro livro de uma trilogia sobre as peripécias do quixotesco Tartarin, da qual também fazem parte *Tartarin sur les Alpes* (Tartarin nos Alpes, 1885) e *Port-Tarascon: derniers aventures de l'illustre Tartarin* (Port-Tarascon: últimas aventuras do ilustre Tartarin, 1890). *Tartarin de Tarascon* é considerado um clássico da literatura francesa. Teve três adaptações para o cinema, a primeira delas um curta-metragem do cineasta George Méliès (1908). Em Tarascon, uma área exclusiva do mosteiro de Cordeliers é dedicada ao personagem de Daudet. Um de seus romances de maior sucesso, *Fromont jeune et Risler aîné* (Fromont jovem e Risler ancião, 1872), lhe rendeu o prêmio Jouy, oferecido pela Academia Francesa. Casou-se com a escritora Julia Allard, e com ela teve três filhos: Léon e Lucien, que também se tornaram escritores, além de Edmée. Daudet é autor de mais de quarenta obras. Faleceu em 1897, em Paris.

Sobre o ilustrador

RAFAEL SICA nasceu na cidade de Pelotas (RS), em 1980. Considerado um dos mais importantes ilustradores de sua geração, Rafael venceu duas vezes o Prêmio hq Mix, nas categorias Novo Talento (2005) e Web Quadrinhos (2009), pela série de tiras *Ordinários* publicada em seu blog desde 2009. Já colaborou com a revista *piauí* e com o jornal *Folha de S. Paulo*. Ilustrou o conto “João Sortudo” para a coletânea *Irmãos Grimm em quadrinhos* (Desiderata, 2007), e publicou uma seleção de seu trabalho *Ordinário* (Quadrinhos na Cia., 2011). Em 2008, montou com treze de seus desenhos a lápis a exposição “Cinza-Choque” no Museu do Trabalho, em Porto Alegre, onde vive atualmente.

Sobre o tradutor

O poeta e tradutor CARLITO AZEVEDO nasceu no Rio de Janeiro, em 1961. Publicou vários livros. Com o primeiro, *Collapsus Linguae* (1991), ganhou o prêmio Jabuti. *Sublunar* (2001) reúne boa parte de sua poesia desde a estreia. Traduziu *Dia de folga*, de Jacques Prévert, ilustrado por Wim Hofman (Cosac Naify, 2004) e *Ode a uma estrela* (Cosac Naify, 2010), de Pablo Neruda, ambos agraciados com o selo Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (fnlij, 2009). Atuou como editor da revista *Inimigo Rumor* e coordena a coleção de poesia *Ás de Colete*, publicadas pela Cosac Naify em parceria com a editora 7Letras. Com *Monodrama* (7Letras, 2010), foi finalista do prêmio Portugal Telecom em 2010. Atualmente edita “Risco”, página mensal de poesia do jornal *O Globo*.

© Cosac Naify, 2013, e-book, 2014

Coordenação editorial VANESSA GONÇALVES

Projeto gráfico original FLÁVIA CASTANHEIRA

Preparação ISABEL JORGE CURY

Revisão MALU RANGEL, FLAVIA DO LAGO e ANA PAULA MARTINI

Adaptação e coordenação digital ANTONIO HERMIDA

Produção de ePub JOSUÉ DE OLIVEIRA

1ª edição eletrônica, 2014

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Daudet, Alphonse [1840-97]

Tartarin de Tarascon: Alphonse Daudet Título original: *Tartarin de Tarascon*

Ilustrações: Rafael Sica

Tradução: Carlito Azevedo 8 ils.

São Paulo: Cosac Naify, 2014

ISBN 978-85-405-0877-4

I. Literatura infantojuvenil I. Sica, Rafael II. Título.

Índices para catálogo sistemático: 1. Literatura infantojuvenil 028.5

2.Literatura juvenil 028.5

COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2° andar

01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3823 6560

professor@cosacnaify.com.br



Este e-book foi projetado e desenvolvido em setembro de 2014, com base na 1ª edição impressa, de 2013.

FONTES Apollo e Typetogether Tablet Gothic
SOFTWARE Libre Office (writer2ePub) e Sigil